

REVISTA

DO

BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO e MONTEIRO LOBATO.

REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

SUMMARIO

O MOMENTO	P. P.	1
A PROPOSITO DE UMA IMPORTANTE DESCOBERTA ARCHEOLOGICA BRASILEIRA	Arthur Neiva	4
RECORDAÇÕES DE DONA QUI-TÉRIA.	João Ribeiro	8
CONSENTIMENTO AO MATRIMONIO	Heitor Maurano	14
UMA FARÇA	Julio Cesar da Silva . .	18
A VELHICE E O CONCEITO DE VORONOFF	F. Mendes da Rocha F.º .	26
UMA CARTA INÉDITA DE ANCHIETA.	Gentil Moura	28
FAIRY-LAND	A. C. Couto de Barros.	30
A REIVINDICAÇÃO FEMININA EM NEW-YORK	Orlando Machado	35
A SANTOS DUMONT.	Pethion de Villar	38
ÂNSIA ETERNA	Gentil de Camargo	41
A VIDA	Rodrigues de Abreu.	42
O LIVRO DE GOLDBERG	Gilberto Freyre.	43
CRÔNICA DE ARTE	Mario de Andrade	50
O GUIZO.	José Mesquita	54

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUISAS — CURIOSIDADES
— AS CARICATURAS DO MEZ

S. PAULO

MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA DOS GUSMÕES, 70 — CAIXA, 2-B



Auto-Sport

ANTUNES DOS SANTOS & CM

Rui Buril lo Ilipliini, 30 1 32 - Iiliphim Cidade, 3594 - S. PAULO

Representantes » de Automoveio

D d d b e B r o t h e r s

S. SMITH & SONS de Londres - "Accessorios t lutomoveis"

THE SHERWIN WILLIAMS Co. — Newirk N. J. U/S/A

"TINTAS E VERNIZES PARA AUTOWOVEIS"

StoolclmtaM cios Pneumatloos MI< HBIvII«

Accessorios em geral para aulomo-
veis, gazolina, oleos e graxas.

Poste de Se viço para Accumula-
dores, Carga concerte e reforma.

Livros a Prestações

Procurando facilitar a todo o mundo a
aquisição de uma boa bibliotheca,

Monteiro Lobato & Comp.

acabam de abrir, com o naíor successo,
uma secção de vendà a prestações.
Desejando V. S. effectuar tão vantajoso
contracto, peça informações, dirigindo
sua correspondência para

CAIXA POSTAL, 2-B - S. PAULO

Holmherg, Bech i Cia. Ltd.

IMPORTADORES

RU LIBERO BADARO', 169

S . P a u l o

RIO DE JANEIRO,

- STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

T.;¹ materiaes para
^onstrucção, aço e
.erto, anilinas e
outros productos chimicos.

mmmm\mwww\mmmmmmnnwmmmmmmnnMmmmm\mM^

COMPREVI TODOS OS MEZES

(g

O MUNDO LITERÁRIOS

B

Magnífica e victoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores: PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO

Secretario: AGRIPPINO I RIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros. Só publica inéditos. Traz a resenha do movimento literário nos paizes europeus e nos estados da União. Cada exemplar de 130 paginas : 2\$000, e 2\$500 no interior.

12IE2M A Grande Livraria LEITE RIBEIRO RI DE JAWKIRO

ir

LOTERIA DE S. PAULO

Para S* Pedro - Quinta-feira, 28 de Junho

200:000\$000

dividido em três grandes prêmios, sendo um de 100:000\$000 e dois de 50:000\$000.

Bilhete inteiro. 0\$000

Frações \$900

Os bilhetes já estão á venda em toda a parte.

p* Jí

"> naíor successo,

O maior Suooesso FC-> 3, PrCStiLCÔês

"DICCIONARIO DO FUTETIV^I-"

Por GUY. GAY
diz "O ESTADO DIS S. PAULO: "Cremos que ntto existe outro melhor trabalho n> genero em lingua portugue/a: está destinado a ser o companheiro indispensável de to los os futebolistas".

ILLUSTRADO COM 23 SCHEMAS - 28000JPORTE FRANCO

Editores MONTEIRO LOBATO & C. - Rua dos Gusmões, 10 - São Paulo

DIARETICOS

U J J J é preciso combater a perda
— d e assucar. tonificar o or-
ganismo. regularisar as funcções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



Meo medicamento composto de
antas indigenas bra^ile-was

VI) FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO E CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua,

Ultimas Exlições da Casa

Monteiro Lobato (Si C.

m_

MONTEIRO LOBATO — <i>Onda Verde</i> , 2.* edição	4\$000
<i>A menina do narizinho arrebitado</i> , album, 2." edição	3\$500
<i>O Marquez de Rabicó</i> , album 1,* edição	2\$000
<i>Negrinha</i> , contos, edição popular.	1\$500
ALBERTO SEABRA — <i>Higiene e tratamento homeopathico das</i> <i>doenças domesticas</i> , encadernado.	8\$000
<i>Phenomenos psychicos</i> , estudo».	3\$000
ALOYSIO DE CASTRO— <i>Palavras de um dia e de outro</i> , allocução	4\$0G>
RIBEIRO COUTO — <i>O crime do estudante Baptista</i> , conto.	4\$000
RAOUL POLILO — <i>A dança do fogo</i> , romance.	5\$000
MENOTTI DEL PIOCHIA — <i>o Homem e a Morte</i> , romance	4\$000
LEOPOLDO PEREIRA +- <i>S. Pedi nos tempos coloniaes</i> , tradu- ção da obra de Saint-Hilaire	4\$000
CHRYSANTHÈME — <i>Critos femininos</i> , conto».	4\$000
MUCIO DA PAIXÃO — <i>Typos, curiosidades, exquisites dos ho-</i> <i>mens celebres</i>	3\$000
SERAPHIM FRANÇA — <i>Cantos da linda terra dos pinheiros</i> , ver«o».	3\$000
PEDRO SATURNINO — <i>Crupiaras</i> , ver.o.	3\$000
LEONARDO PINTO — <i>Conjunções</i> , edição «colar	2\$500
LUCILO VAREJÃO — <i>De que morreu João Feital</i> , romance	4\$000
LIMA BARRETO — <i>Vida e Morte de Conzaga de Sá</i> , do grande escriptor ha pouco fallecido.	2\$000

Rua dos Gusmões, 70

CAIXA 2-B - S. PAULO



UNESP - Biblioteca - Assis
Class. CR 650
T—W/Tl njotfl

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XXIII

MAIO-AGOSTO DE 1923

ANNO VIII



SÃO PAULO — RIO
BRASIL

20290



1850



REVISTA

DO

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

D D A L I
X-JL \ l \ U1L-J

REDACTOR

SECRETARIO:

JULIO CESAR DA SILVA.

O MOMENTO

*F*OI de novo prorogatio o estado de sitio, na Capital da Republica e no Estado do Rio, até 31 de dezembro deste anno.

A imprensa — salvo as excepções vibrantes de dois vespertinos — não a comentoH.

Nas reuniões da rua, nos clubs, em todos os centros de nossa actividade social, não mereceu ella mais attenção do que a derrota de um "team" de foot-ball, ou a partida, solemne e concorrida como um enterro, de algum morubixaba da situação.

Nesta terra — que a rhetorica chrismou de terra dos bandeirantes — a população, em questões publicas, divide-se em três grandes grupos: os politicos, os fazendeiros, os indifferentes.

Para os politicos não se poderia sonhar com mais delicioso torrão para governar e



mandar. "Terra da unanimidade", já disse em o seu sarcasmo andradino um illustre mestre. A família politica em São Paulo é sem duvida a que offerece a mais tocante união e harmonia, de todas que povoam e felicitam o vastíssimo territorio brasileiro. As vagas opppsições que ao longe se formam, atrevidas e incontinentes, vêm morrer submissas e arrependidas deante da escadaria do Palacio do Governo. Para essa gente, que importa a continuação do estado de sitio na capital do paizf não é esse decreto mais uma garantia para o goso suave das delicias do mando, ou a tranquillidade assegurada nas posições que occupam?

Para os lavradores. .. deveremos perturbar o sonho enganoso dos fazendeiros paulistas? Cambio a cinco, café a trinta mil réis a arroba. A esse preço, a vida é um encanto. Os cafezaes curvam os galhos pesados da safra abundante; em meio dos altos eucaliptos branqueja, senhorial e acolhedora, a casa do fazendeiro; pelos campos rescendentes do cheiro oleoso do capim gordura pastam os graves Hereford de cara branca... A vida é um encanto! Para além da linha azul clara das serras do horizonte, ha, é verdade, outros homens em luta, ha a desgraça dos que não ganham o pão duro de cada dia, ha as prisões cheias de gente, de quem até os nomes ignoramos, ha toda a miséria humana, infinita e muda... Que importa? O café está caro, e quem o sustenta é o governo paternal e onnipotente. Votemos no governo.

Para o grupo dos indiffrentes, ha outras preocupações que enchem a vida. Essa é a massa gregaria, é "o rebanho sem aprisco e



sem pastor", de que fala o poeta. São os ádvenas, os recém-chegados, os cosmopolitas, os enriquecidos depressa — todo o bando de gerifaltes do soneto hcrediano — mescla dcsid-toria que attralie a terra rica, o clima ameno, a riqueza fácil. E' a gente rica, brasileira e estrangeira — servos do dinhei -o feudal e sem patria — que aqui vivem como no Alaska ou no Labrador, tirando o ouro do solo mila-groso, e no mais completo alheamento dos in-teresses sagrados da collectizndade. São tam-bém os epígonos da grandeza passada, fru-ctos anêmicos da decadencia da raça, amor-plios e gelatinosos, que tudo acceitam, tudo toleram, tudo applaudem e só se agitam para correr atrás dos poderosos do dia.

Taine dizia que na realidade só duas únicas cousas separam o Homem do animal e o Gre-go do barbaro: o estudo da philosophia e o cuidado dos negocios públicos.

Talvez assim se explique por que passou sem commentarios, em São Paião — terra dos bandeirantes — a sensacional noticia da prorogação até 31 de dezembro do estado de sitio tia capital da Republica.

P- P ;





A PROPOSITO DE UMA IMPORTANTE DESCOBERTA ARCHEOLOGICA BRASILEIRA.

A GORA que todo mundo scientifico se agita em torno das pesquisas archeologicas emprehendidas pelo inditoso Lord Carnavon e dos descobrimentos realizados no territorio occupado pela antiga Chaldéa, não é inteiramente inoportuno chamar attenção para a importante descoberta archeologica effectuada entre nós no Município de Penalva, Estado do Maranhão.

No Brasil não é difficil encontrar nas revistas dos Institutos H[^]stóricos referencias ligeiras ou estudos pormenorizados sobre cidades e ruínas de extinctas civilizações ou inscrições reveladoras de suppostas migrações phenicias.

Certa vez, viajando entre os *gcraes* que ficam entre a Bahia e o Estado de Goyaz, depararam-se-me umas rochas de tal forma gastas pela acção do vento e das areias que continuamente as attritavam, que não foi sem esforço que abandonei a idéa de ter descoberto ruínas ciclopicas attestando uma extincta e maravilhosa civilização. Encontrava-me, talvez, sob o influxo de leituras antigas quando, adolescente ainda, me deixara transportar por um artigo, escripto creio, no primeiro volume da "Revista do Instituto Historico do Brasil" e no qual alguém descrevia uma cidade prehistorica existente nos sertões da Bahia. Muitos annos depois, li referencias a taes ruínas em noticia dada por um diário a proposito das explorações feitas por um senhor de nome Bach, se me não engano.



Mais tarde, já com mais experiencia da vida e das coisas, fui refugando toda essa historia de cidades em ruínas e de inscrições e tudo quanto de maravilhoso apparecia em jornaes e revistas brasileiras. Provavelmente, para tal scepticismo, muito concorreram as decepções que experimentara ao saber das historias e dos erros commettidos por homens de valor como, por exemplo, Ladisláu Netto, que se deixou embrulhar na questão das inscrições phenicias, cuja traducção chegou a tentar, travando a esse respeito discussão com Renan; ficando comprovado não passar tudo de uma pilhéria arranjada pelos amigos, á qual não fôra extranho o proprio Pedro II.

Nos maravilhosos arredores da cidade do Rio de Janeiro existe um suburbio de todos conhecido: refiro-me á Gavea. O bizarro ida fôrma das montanhas dessa região, a difficuldade que antigamente havia de accesso a essa parte do Rio, o delirio de querer ver inscrições em toda a parte e a grande imaginação que, graças a Deus, nós brasileiros ipossuimos, levaram alguns indivíduos, com pendores archeologicos, a descobrirem nas pedras da Gavea desenhos e inscrições mysteriosas, que desafiavam qualquer decifração. Em um dos volumes da "Revista do Instituto Historico do Brasil" existe um artigo a esse respeito e, não ha muito tempo, a proposito da questão, alguém realisou uma conferencia na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Quando era rapaz, recorde-me de ter lido em artigo illustrado e que reproduzia as ruínas do solar de Avila Pires, no reconcavo bahiano, o qualificativo "medievaes", que o author applicara, e durante muito tempo eu repetia a cincada e não foi sem tristeza que abandonei o erro que cercava de tanto prestigio o velho solar arruinado. Em compensação, porém, urti engenheiro bahiano, cujo nome não me lembra, procurou demonstrar que todos os nossos petroglyphos e inscrições em arvores e desenhos de qualquer natureza em rochas, não passam talvez de rudimentares, processos de determinação dos rumos traçados pelos bandeirantes, quando descobriam o Brasil. E' possivel que haja exagero no modo exclusivista de encarar a questão e, incontestavelmente, existem desenhos realísados pelos indios em vários pontos do Brasil, e a esse propósito pude dar algumas informações sobre o que vi em uns lagedos proximos á villa de Parnaguá, no sul do Piahy.

As linhas que precedem são indispensáveis para demonstrar que, em matéria de archeologia nacional, sou profundamente desconfiado. Espero, porém, que terei de me render á evidência diante da importante descoberta archeologica realísada em uma lagoa do Maranhão pelo sr. Raymundo Lopes, quando a documentação for ainda maior.



Trata-se de um jovem professor do Lycêu Maranhense e que teve opporrtinidade de estudar na Lagoa Cajary a 60 kilometros de São Luiz, os restos de uma habitação lacustre sômente visíveis por occasião de estiagens excepçionaes.

Eu sou um admirador sem limites dessa especie de gente que, desamparada de recursos nas pequenas capitaes do Norte, onde a única cogitação é a politica, conserva uma chamma de ideal e vae com os proprios elementos intellectuaes, mais adivinhando do que estudando, porquanto nem siquer pôde dispor de boas bibliothecas, por um prodígio de intuição procura fazer sciencia e comprehende o valor de tanta coisa que escapa á attenção do meio em que vive.

O brasileiro, em g«ral, não aprecia investigações scientificas e rapidamente esquece os trabalhos desse genero. Gonçalves Dias só se celebrizou no Brasil porque foi um grande poeta; a indifferença que o brasileiro em geral tem pelas coisas da sciencia, lacuna herdada do portuguez, nunca deixou ver o papel de scientista exercido pelo extraordinário bardo e cantor do I-juca-pyrama. Esta evoação me veio á mente pela circumstancia de ter me occorrido á lembrança o facto do sr. Raymundo Lopes proceder da mesma região brasileira e, como seu illustre compatriota, dedicar-se aos estudos de ethnographia.

Abordemos porém o assumpto: Existiam no Lago Cajary uns paus fincados que appareciam quando a secca era forte, emergindo das aguas. Mais adiante, bem no centro do lago, viam-se detrictos e Testos de objectos quebrados e que também só aflo-ravam á superficie do liquido quando o nivel das aguas baixava muito.

Ao Geca da região não tinha escapado o extranho da coisa, tanto assim que já denominara o logar onde os paus fincados eram mais numerosos de *estriaria* e aquelle onde se accumulavam os restos de uma ceramica cujo valor não podia apreciar, recebera o baptismo de *cacaria*. Pois foram esses cacos e aquelles esteios que chamaram a attenção do moço maranhense, o qual, investigando mais de perto, poudo realizar uma descoljerta que, dado o caso de se confirmar, e tudo leva a esperar, será a demonstração da primeira povoação lacustre existente em todo o territorio americano.

Na "Revista do Instituto Historico do Brasil" encontra-se no Itinerário da Província do Maranhão, da lavra do coronel Lago que percorreu aquella Província nos fins do reinado de D. João VI, a primeira referencia sobre a matéria, aliás, condensada apenas em algumas linhas. Cesar Marques, no seu Diccionario Historico do Mnranhão, e posteriormente Moreira Pinto, no "Diccionario



Historico Geographico Brasileiro", reproduzem exactamente a lacónica referencia do coronel Lago. Era tudo quanto se sabia.

O sr. Raymundo Lopes comprovou que os esteios foram conservados numa condição especial de terreno, tanto assim que a parte que existe ainda fincada está mantida em estado de conservação superior á porção que se põe em contacto com o ar periodicamente. Tal phenomeno já tinha sido registrado nas habitações lacustres da Suissa, algumas contando mais de quatro mil annos de existência e encontradas em excellente estado de conservação.

O estudo da *cacaria* revelou o encontro de uma ceramica adiantada e que promette fornecer elementos dos mais curiosos e que talvez desperte interesse maior quando confrontada com a de Pacoval, estudada por Ferreira Penna e Ladisláu Netto.

Approximadamente ha quatro annos que o joven investigador maranhense estuda tão curiosas jazidas archeologicas e que tão alto interesse despertaram no illustre ethnolocrista norte-americano Farabee quando, no Museu Nacional, teve opportunidade de ver as photographias e objectos que lhe foram mostrados pelo seu descobridor.

Creio existir um largo campo scientifico onde o nome do Brasil se possa exaltar, se, porventura, não faltarem os meios e elementos de trabalho. A principio o estudo do pesquisador maranhense apenas despertou curiosidade; felizmente, procurando honrar o nome de Athenas com que os filhos desse Estado baptisaram São Luiz, a noticia do descobrimento interessou os poderes públicos que, na medida das suas forças, procuraram auxiliar o estudioso moço a trazer até a capital do paiz os primeiros resultados das suas investigações, sendo digno de todos os encomios a ajuda que, máo grado a pequena renda de 4 contos annuaes, lhe procuraram prestar os dirigentes municipaes de Penalva.

Oxalá que esse amparo não lhe falte, e que o joven pesquisador possa continuar a realizar seus estudos apenas esboçados e que irão despertar o mais alto interesse scientifico nos centros cultos do mundo onde taes pesquisas são tomadas na devida conta.

ARTHUR NEIVA.





RECORDAÇÕES DE DONA QUITÉRIA

— Oh! por aqui, snr. Matos?

— E' verdade. Venho dar-lhe uma boa noticia. Vou casar-me.

— Sente-se. Parabéns.

O Matos sentou-se a meu lado. Interrompi a leitura que fazia de uns versos obscuros de Horácio:

per angustam tenuis vulpecula rimam...

Que absurda essa imagem da *vulpecula* em tão ajuizado poeta!

— Como que você falou em absurdo?...

— Não. Estava a pensar nos versos de Horácio...

— Ah! isso é outra coisa.

O meu velho amigo Matos, contou-me então a sua aventura de um terceiro casamento. Não era um barba-azul; mas, emfim (dizia jovialmente) é coisa triste envelhecer na solidão... > Não acha?

Aprovei os seus terceiros planos de felicidade e, ao despedir-se, lembrei-me de lhe dar a lêr um manuscrito que o acaso de um leilão de livros velhos pozera em minhas mãos.

— Sei que você é grande ledor de antigualhas, e veja se esse manuscrito vale alguma coisa.

Na verdade, como editor, que sou, tinha hesitações a respeito daquelles papeis. O Matos poderia talvez resolver as minhas duvidas que eram mais da falta de tempo que do exame do manuscrito.



Eis que, passados uns quinze dias, recebi esse bilhete do meu amigo:

— *Restituo o manuscrito. Se não acreditasse na sua velha amizade, teria cortado as relações.*

Coisa grave! Perdi um amigo. Mas já agora o livro será uma compensação. Vou editá-lo.

Puz-lhe o título de — *Recordações de Dona Quitéria*. Nada sei a respeito da mulher que o escreveu, a não ser esse inexplicável incidente do velho amigo Matos, que parece estar ligado a qualquer sentido equívoco do manuscrito. Será assim?

São estes os papeis revoltos que ordenei, como pude, em capítulos. Conto que haverá por aí muita insomnia a reclamar esse toxico literário.

I

Nasci na estação da Piedade, a cem passos da Estrada de Ferro. Meus paes eram pobres e a pobreza os havia tängido para os confins da cidade, como cidadãos fronteiriços, incommunicáveis e quasi selvagens.

A casinha alvejava collada á floresta; ainda outro dia fui vel-a só para conhecer o torrão onde germinei e onde abri os olhos á luz da vida. Sinto em mim aquellas arvores e creio que ainda hoje só vejo por aquellas janellas: Ficaram-me nalma.

Todos nós temos as nossas paizagens ingénitas, como se foram as sombras perpetuas do espirito.

Quando nasci, houve em casa uma pequena decepção. Esperavam que eu fosse macho.

O commendador Torresão, que havia de ser meu padrinho, costumava dizer á mamãe:

— Este ha de ser o presidente da Republica!

Todos sorriam contentes das possibilidades infinitas da democracia.

Que esperança!

Nasci mulher e mulher eu sou desconsoladamente.

Meu marido, o desembargador Cantidiano, acostumado ás subtilezas do fôro, não tem opinião muito segura acerca deste ponto.

— Sim, disse-me elle anda hontem, seja como for, tu devias ser macho. O influxo magnético do commendador Torrezão não te fez homem, mas aleijou-te a vida. Essas tuas literaturas e caraminholas literarias que te consomem o tempo, são próprias de barbados. Pragas de padrinhos são peiores que maldição de pae.

— Então, sou acaso macho?

— Não digo isso, mas...



Taes contendias eram infindáveis. O desembargador só ad-
mitte duas literaturas domesticas e proprias do sexo: a do rol da
roupa e a do caderno da venda.

Quando tenho rugas pequeninas com o Cantidiano (e gra-
ças a Deus nunca as tive grandes), costume timidamente lembrar
as opiniões do "defunto".

Falo do meu primeiro marido, já se entende. O desembar-
gador "dá o desespero" e elle que não crê em almas d'outre
mundo tem incoercivel horror ao defunto.

Depois que eu descobri esse argumento baculino, melhorei
muito a minha vida literaria. O homem muda de côr, pega do
chapeo e desapareoe.

Fico só, e então escrevo, e dou largas á phantasia sem
estorvo.

Se essas recordações merecerem, algum dia, a doçura de um
premio acadêmico, tudo será devido ao defunto providencial e
oportuno que é o Deus dos meus ocios e faz milagres depois
de morto.

O velho Cantidiano com o ser santo e vivo, jamais os faria...

II

Não poderia eu agora proseguir' sem fallar da minha cara
metade. Não quero ser vista de perfil, sem o outro lado que me
completa.

O desembargador Cantidiano, meu segundo marido, homem
grave e edoso, foi ein verdade não digo o meu primeiro amor,
mas o meu primeiro namorado.

Eu era pequenina e insignificante, e fazia-me elle festas, ba-
tia-me nas bochechas e promettia casar mais tarde, tempo adeante,
quando me fizesse moça.

Eu não entendia, e nem podia entender cousa alguma, desse
antecipado mysterio. Os outros, porém, entendiam por mim:
minha santa mãe pensava que um marido deve ser um verda-
deiro pae e qualquer homem é sempre mais jovem vinte annos
que uma mulher da mesma idade.

De todas essas combinações longínquas o que me vem á me-
moria neste momento são os confeitos, os *bonbons* e mil coisinhas
agradaveis.

Quando cresci, já o Dr. Cantidiano havia migrado para o
norte. Sem traição nem infidelidade, amei o meu querido Paulo,
tão cedo roubado ao meu amor.



E nunca mais ouvi faltar em Cantidiano. E creio até que lhe esqueci o nome. A vida desenha-se mais com a esponja que com as linhas.

Eis senão quando um acontecimento vulgar veio avivar-me a memória.

Dizem que os insectos voejam levando o pollen de uma flor para outra. Que encontros felizes não lhes prepara, ás esquecidas flores, esse instinto mysterioso!

Quando eu emmurcheia na viuvez, desenganada e triste, chegou Cantidiano.

Vinha num transatlantico, como sobre as azas de aço de um coleoptero.

Vinha para mim, sequioso, a cumprir aquella distante e alongada promessa. Quem m'o írtandava?

Vinha feito Sr. desembargador, grave, mas elegante e casquilho. Parecia moço, com furta-cores de juventude; verifiquei mais tarde que esses reflexos fugitivos de mocidade eram de natureza chimica, quando achei no fundo de suas malas uma frasearia numerosa de nitratos e de "Juventude Alexandre."

Casamo-nos.

Pouco me importa agora a sua certidão de idade.

Só lhe censuro uma pequenina fraude; por mera visinhança matrimonial, quando lle tomo um anno emprestado, este vale dez.

Para o desembargador, eu ando ahi pelos quarenta.

— Não era! — digo eu.

O Dr. Cantidiano estudou em Coimbra, mas veio de lá português ferrenho, de quatro costados, e actualmente é um terrivel "approximador".

Elie quer (ou quere, como costuma dizer) a approximação hiso-forasileira.

Não estou inteiramente convertida, e por vezes divifto-mie a contestal-o suavemente. Emfim, a terra portugueza tem attracções invenciveis; e, por que é que todo o brasileiro, uma vez lá, perde o orgulho de americano?

Talvez o ambiente europeu reconstitua os fragmentos aticestraes apagados pelo tempo, e a alma emigrada do americano volte á consciência das antigas estirpes.

Não sei. A verdade é que Cantidiano quasi que só é brasileiro por favor, officialmente.

A minha engomimadeira, a Bernardina, beirôa de lingua solta, e que não se compraz em hypotheses atravessadas, disse-me essoutro dia:

— Não creia nisso, minha senhora. São artes das ciganas de Coimbra.

— Ciganas?

Ella o disse, e com o sotaque embrulhado que tem. Pareceu dizer tziganas, mas eu ouvi claramente tricanas.

Não conheço essa gente, nem os seus feitiços diabolicos.

Seja como for, o Cantidiano é legitimo luso-brasileiro.

Agora mesmo, ahi vem elle trauteando o Fado Robles:

*Na folha da, hera cm verde
O teu nome cu esevrevi...*

Como é lamentoso, triste e providencial!

Chut! Guardemos o manuscripto.

III

Ciúmes, não; mas uma leve pontinha de despeito, levou-me a inquirir do desembargador Cantidiano o sentido daquella ex-quisita allusão das tricanas.

E desfechei-lhe o golpe:

— Com que então ha tricanas em Coimbra?

Mulher de juiz, estou um tanto familiarizada com os segredos e as tricas da investigação judiciaria.

Expus a questão aos poucos, com indiferença *maieutica* como dizem os philosophos. Bastava allegar a metade, summariamente. O resto da armadilha viria depois.

— Isso deve ser mentira (disse-me gravemente). Tricanas ha, pois. não ha? existem cá também as mulatinhas que enfeitiçam e explicam desvios de conducta. Mas fui sempre rigido, austeramente infenso a derriços baratos.

Entretanto percebi que o homem ficara perturbado. Estava elle a folhear autos e papeis que enchiam a mesa. Era evidente o enleio que o tornára perplexo e aturdido.

Quasi me arrependi da provocação. Os meus instintos felinos, entretanto, compraziam-se nesse tormento.

Cantidiano levantou-se e caminhou para uma estante, talvez [X]r buscar um eclipse e me voltar as costas. Mexeu e remexeu ao acaso alguns livros, mas tão desordenadamente que um delles, enorme, e que devia ser a obra de uni velho praxista, escapou-lhe das mãos e veio esborrachar-se-lhe aos pés com o fragor de quatro séculos de jurisprudência.

Juno ciumenta, mas discreta, rompi a nuvem daquella poeira manuelina e colhi o volumoso tratado — "*De noxalibus actionibus*" — que não sei o que é, e o fui repôr na prateleira.



— Obrigado — murmurou o desembargador. Mas rapariga, quem te rneteu pelo ouvido essas historias de tricanas? Ora, dá-se... ha coisas...

— Ninguém, respondi. Falei por falar. Sem intenção. Magoei-te com isso?

Houve um pequeno silencio. O desembargador um pouco atarantado, sentou-se á escrevaninha e fingiu ler.

Não lia, entretanto, que não era ler aquelle caracolar do dedo em hélice a gesticular obscuros pensamentos.

— Elie é assim! murmurou.

Dahi a pouco tossiu, para encher o silencio; emfim, não se conteve. Voltou-se para mim e perguntou-me de súbito:

— Falaram-te alguma coisa, Quitéria?

— Absolutamente. Não tratemos mais disso.

— Não, pelo contrario. Insisto deveras. Tu sabes que a minha vida foi sempre pautada sob o dever. Fui creado dentro de severos e rígidos principios...

Deixei desfallecer e apagar-se aquella conversação incomoda, que lhe vinha estorvar o deleite e a companhia dos velhos praxistas.

Novo silencio.

Simulei uma retirada. Mas Cantidiano embargou-me o passo e, com suave carinho, falou-me, emfim:

— Minha Quité, (é o *nom de caressc* que me dá nas horas mais intimas). Em tudo ha sempre um fundo de verdade. A única coisa que poderiam dizer-te é que tenho um afilhado ahi pelo Mondego.

— Estás a confessar-te, e, por essa historia de afilhados, parece que o padre confessor és tu.

— Tenho um afilhadinho, (e acentuou o diminutivo como attenuante). Dei-lhe a benção, criei-o. Isso não é crime, é caridade.

Peguei-o. Como é fácil pegar um homem consagrado a endireitar os tortos!

Devem estar consolados os coxos e os mentirosos.

Para mim, a consolação maior era a de saber que Cantidiano talvez levasse á pia muita gente christã, á moda camoneana "dilatando a fé e o império."

Eis ahi.

JOÃO RIBEIRO.

(A seguir)





CONSENTIMENTO AO MATRIMONIO

UM ou outro joven tem vindo á nossa consulta com o proposito de saber se, sob o ponto de vista medico, estaria em condições de contrahir núpcias. Um ou outro, dizemos bem, porque, infelizmente, a maioria dos rapazes que, depois de um passado libertino, se dispõem a constituir familia, não é assim que procedem.

Syphiliticos e blenorrhagicos, por falar sômente em moléstias venereas, que são as mais commtms, casam-se sem escrúpulo, mesmo na phase mais aguda da infecção. Uns, só nas vespervas do matrimonio, lembram-se de pedir ao medico um tratamento radical do seu mal em poucos dias, o que é humanamente impossivel, outros, não devidamente tratados, apressam seu casamento com receio de contrahir uma nova infecção, outros ainda, ignorantes de todo, sem jamais se haverem submettido a therapeutica alguma, apesar de fortemente infectados, não vacillam em consorciar-se, louvando-se na crença absurda de encontrar na saúde flórída das esposas, o supremo remedio aos seus martyrios venereos.

• Não ha muitos dias, com grande espanto nosso, em um dos nossos diários, deparou-se-nos a publicação de um edital de casamento de um moço que nos consultara, duas ou tres semanas antes, por motivo de um erythema syphilitico na garganta e a quem aconselháramos, em virtude da gravidade dessa manifestação mórbida, um tratamento especifico intensivo por longo tempo e um isolamento relativo.

Entretanto, esse infeliz cliente, ou por falta de meios pecuniários, o que não é de crer, ou por deficiencia de senso moral, o que nos parece mais provável, não nos appareceu mais. "Quem souber de algum impedimento, accusa-o para fins de direito", affirmava o alludido edital, solemnemente, segundo a praxe do estylo. Na perspectiva do grave delioto que esse individuo iria praticar contra a sua innocente esposa e contra si proprio, confessamos sinceramente que tivemos vontade de accusal-o. Não podia haver motivo mais sério de impedimento do seu matrimonio do que a sua syphilis recente e descurada. Mas como accusal-o se, infelizmente, nosso Codigo Civil não cogita em absoluto das condições de saúde dos individuos, no período pré-nupcial?



Como é notório, a Allemanha, já de ha muito levantou esse grande problema hygienico, eugenico e social e em alguns departamentos dos Estados Unidos, já é um facto a prova da idoneidade ao matrimonio. E porque também nós não poderemos levar a effeito essa importante medida? E' possível <jue a imposição legal da apresentação do attestado medico de auctoriscação do casamento, se tornasse inexequível, em virtude de muitos factores de ordem moral ou social,

Mesmo, porém, nesse caso, a joven sã, por expontâneo e natural desejo de conhecer exactamente as condições dç saúde do homem que a pede em casamento, não terá o direito de reclamar seu exame medico, sem que, dessa forma, attente contra o seu orgulho e dignidade? Certo que sim.

Infelizmente, a nossa sociedade admite, ao envez de uma única, duas moraes sexuaes: uma para o homem e outra para a mulher. Emquanto que é por demais severa para com as mulheres, permite, entretanto, aos rapazes a maior liberdade sexual.

Ora, não é justo que um moço que, egoisticamente, tenha desfrutado a sua vida pré-matrimonial e nella adquirido todas as moléstias venereas possíveis, pretenda que a sua esposa deva forçosamente ser casta e pura. Se assim a quer, se assim o exige, ella, que é casta, ella que só viveu no santuario de sua familia, devera ter o incontestável direito de exigir também as mais solidas garantias a favor de sua saúde e de sua futura prole, sem o que não poderá haver felicidade conjugal.

E' do conhecimento de todos que a nossa mocidade de hoje, cincoenta por cento, no minimo, está em franca decadencia physica e moral, em consequência das moléstias sexuaes adquiridas no decurso de vida. Todo anno, o veneno venereo dá um contingente, cada vez mais assustador, de doentes na flôr da idade, aos hospitaes e manicomios. Esses, porém, são os mais inoffensivos á collectividade, porquanto se uns, os deficientes mentaes, ficam afastados do convívio social, os outros, quando não fallecem, procuram, pelo seu "tratamento, occasionar-lhe o menor damno possível. Peiores, muito peiores são os que, indifferentes ao mal, despresando em absoluto a sua cura, andam por ahi a disseminar suas infecções na embriaguez da sua corrida para o prazer, contribuindo com os alcoolatras a augmentar as fileiras daquellas phalanges de degenerados, maniacos, deficientes, nevropathas, epilepticos e delinquentes, de que está infestada a sociedade actual. E quando chega o dia do seu matrimonio, que lhes advêm?

E' realmente doloroso verificar-se, a cada passo, como maridos infectados transmittem ás suas jovens consortes, a quem prometteram uma vida feliz, os seus terriveis microbios adquiridos nas suas bacchanaes, sem sentir por isso o mais leve remorso. E se acaso são censurados ou reprehendidos, revoltam-se contra os que os censuram e reprehendem, ou riem-se com o sorriso estúpido dos inconscientes e são capazes, por vezes, de exculpar-se lançando as culpas ás prostitutas com quem mantiveram, de caminho, relações sexuaes.

Quantas vezes, no exercicio de nossa profissão, não temos sido chamados a soccorrer jovens esposas, que, logo após seu casamento, foram victimas de uma violenta infecção blenorrhagica ou syphilitica, transmittida pelo marido, dando em resultado a sua ida á mesa operatoria e o prejuizo irremediável de dois bens preciosissimos: a sua saúde e a nobre função da maternidade. E', pois, o caso de perguntar-se: Deverá ser permitido ao individuo, portador de moléstias venereas não devidamente tratadas o matrimonio?

Torna-se ociosa a resposta.

Ninguém tem o direito de roubar a saúde e a felicidade a -quem quer lue seja e muito menos á pessoa, *que*, por amor e por confiança, lhe poz "as mãos o proprio destino, na doce segurança de ser protegida individual



e moralmente. Da mesma sorte, não é licito a ninguém praticar um verdadeiro crime contra seres a nascer, transmittindo-lhes o virus do seu mal. Uma creança enferma que arrasta a sua dolorosa existencia entre o consultorio do medico e o leito, não é, por ventura", uma admoestação latente e constante a quem, contemplando aquella infancia soffredora, assiste aos tremendos effeitos das suas culpas?

Triste, verdadeiramente triste, o espectáculo que proporcionam essas cohortes de creanças em cujas mascaras se desenhm os estygmas da lues e que nada mais fazem senão constituir um peso enorme para as suas familias e para a sociedade.

Faz-se mister, quanto antes, afim de impedir os desastres de uma descendencia doentia por hereditariedade, que se incuta no espirito dos doentes venereos a inconveniência do seu casamento antes da permissão medica.

E' preciso que elles se não esqueçam de que, em matéria de moléstias venereas, não ha uma mais innocente do que a outra, como geralmente se suppõe. Todas ellas podem ser funestas em determinadas circumstancias. Se a blenorrhagia, que, em geral, é pouco temida pelo publico profano, não é tão grave como a syphilis, forçoso é considerar, diante dos factos, que ella não é menos perigosa quanto aos danos para a familia e para a sociedade. Com effeito, a blenorrhagia, attendendo-se ás complicações que pode produzir nos órgãos genitae de ambos os sexos, é um dos agentes mais activos do aviltamento da familia e o factor mais serio do despoivoamento. Se, no homem, dá lugar a um sem numero de distúrbios do apparelho genito-urinario, na mulher, a sua gravidade sóbe de ponto, porquanto o gonococco resume quasi toda a gynecologia.

Quanto á syphilis, para dar uma idéa da sua gravidade sob o ponto de vista matrimonial, basta attentar nas estatísticas pessoases que o dr. Hata, de Tokio, recolheu, não ha muito tempo, sobre a fecundidade das mulheres syphiliticas. Mercê da reacção positiva de Wassermann, esse notável scien-tista verificou que vinte e oito por cento delias abortaram, trinta e oito a quarenta e dois por cento deram á luz creanças que vieram a fallecer nos dois primeiros annos de vida, emquanto que as outras nascidas das trinta a quarenta e dois por cento restantes, conseguiram viver alem de dois annos, apresentando, porém, manifestações syphiliticas muito várias mais ou menos tardias, como a cegueira da keratite intersticial, a surdez, accessos epileptiformes, tabes juvenil, alterações cerebro-espinhaes, idiotia, infantilismo, nanismo, craneo natiforme e rachitismo. Não é preciso mais para comprehender, diante desses dados, que a syphilis importa na ruina physica e moral da familia, porque compromette toda a descendencia. Se, por um lado, os heredo-syphiliticos sobreviventes, inhâbeis ao trabalho, só poderão viver á custa de suas familias ou nos hospitaes, por outro lado, os menos tarados vão provocar um outro damno social, procreando novos seres em geral mais ou menos degenerados. Se as lesões mórbidas dos heredo-syphiliticos fossem provocadas, diz o dr. Hata, por um accidente ou negligencia pessoal, estas victimas poderiam conformar-se melhor com a sua triste sorte, mas frequentemente são codemnados pela negligencia, pela superstição dos progenitores ou talvez mesmo pela ignorancia dos médicos, a uma existencia que, talvez, pôde tornar-se mais terrível do que a própria morte. De facto, os dois terços mais ou menos dos heredo-syphiliticos são para ser deplo-rados mais do que aquelles que morrem nos primeiros dois annos de vida.

Nesta ordem de considerações, seria de toda a necessidade, em beneficio «da raça, da familia e da sociedade que não fosse consentido o matrimonio a todos aquelles que não exhibissem um attestado medico de aucto-risação de tão importante acto. E' preciso que a nossa mocidade doente, comprehendendo a alta importancia social e moral do casamento, se com-penetre dos perigos a que está exposta, não descuidando do necessário tra-



tamento. Fournier diz que o matrimonio não deve ser contrahido pelos syphiliticos senão após três arnos de tratamento especifico, ao passo que Diday, mais rigoroso, aconselha aos niesmos não se casarem, emquanto não haja passado ao menos um anno desde a ultima manifestação da moléstia.

Relativamente á blenorrhagia, é preciso que o doente não se case sem consultar o medico. Este, naturalmente, mandará proceder a minuciosos exames culturaes da gotta muco-purulenta, por acaso existente, afim de não cahir no erro de dar, como curada, uma blenorrhagia. que o não é de facto. Preferível será, entretanto, que os moços, conhecendo os desastres presentes e futuros que uma vida licenciosa lhes pôde acarretar, tenham o animo resolutivo para realizar, sem hypocrisia, a sua própria redempção physica e moral. Antes prevenir que curar. Uma vez, porém, doentes, lembrem-se ao menos que, se ainda entre nós não existe tuna lei que os obrigue ao exame medico ante-nupcial, outra lei mais forte e soberana não pôde e não deve ser desobedecida: é a lei do coração; é o sentimento do altruismo e de humanidade, pelo qual cada um deveria ter horror de fazer aos outros aquillo que não quizera que fosse feito a si proprio.

HEITOR MAU RAN O.





UMA FARÇA

OS entendidos em beleza da mulher podiam dizer de Clarinha o que de um engenhoso poeta novel costumam dizer os críticos: promette. De facto, toda ella era promessas. Para ser perfeitamente bella bastava que seu corpo anguloso e cheio de arestas se arredondasse suavemente e que as suas graças, que eram excessivamente travessas, ganhass'em um pouco de serenidade. Por certo que o tempo, que ás vezes se mostra bom escultor, se incumbiria de dar-lhe os retoques que lhe faltavam. E não eram muitos os que o seu genero de beleza exigia. Coisa de nada, de quasi nada. Tal como era, com seus olhos muito brilhantes como se estivessem nadando em oleo, e grandes, desmesuradamente grandes, com seus dentes bem implantados e de esmalte azulado e com sua carnação branca, de óptima qualidade, não havia quem, vendo-a pela primeira vez, não attentasse nella, seduzido; e as suas próprias amigas e conhecidas tinham prazer em demorar os olhos nella, como se lhe descobrissem novos encantos a cada exame.

Podia-se também dizer da beleza de Clarinha o que se diz da boa musica, isto é, que não cança nunca e que mais encantos revela quanto mais repetida. A própria d. Marocas, sua tia, dizia a cada passo:

— Toda vez que olho minha sobrinha, acho-lhe uma graça que ainda não tinha notado.

Todos pensavam da mesma maneira e o diziam, menos o Pinto Coelho, que, comquanto o pensasse, não o dizia nunca.

A Clarinha morreram-lhe os paes muito cedo. Ella nem chegou a conhecê-los. D. Marocas, que já era viuva e não tinha filhos, adoptou-a e creou-a ao calor do seu regaço com muitos cuidados e mimos. Geralmente as creanças mimadas crescem caprichosas e voluntariosas. Esta é a primeira fôrma da ingratiidão humana. Aos carinhos com que são tratadas pagam com a moeda da desobediencia e dos deserviços. Clarinha, porém, tinha indole de contraste. Gostava de ir ao arrepio das coisas. Muito difficilmente se submettia á regra geral ou guiava seus passos por terreno batido.

Aos carinhos da tia, ou da Mãe Marocas, como lhe chamava, pagava com eguaes carinhos.

D. Marocas tinha uma casa de pensão na rua da Gloria. Os pensionistas eram estudantes e rapazes do commercio que moravam no bairro. Os que moravam na pensão, occupando a sala da frente, éramos tres, o Pinto Coelho, o Laurindo e eu. O Pinto Coelho, quint'annista de Direito, e o Laurindo e eu, preparatorianos.

A cozinha de d. Marocas tinha fama no bairro, e era comum, ás horas das refeições, apparecerem moços desconhecidos que lá iam a provar os famosos pitéos. Nem sempre talvez eram os pitéos que os attrahiam, senão os olhos de Clarinha, igualmente famosos. Onde ha mel é certo que andam as moscas em torno. Não é de admirar, pois, que d. Marocas tivesse sempre á sua mesa caras novas.

Muitos eram os moços que lá iam, humildes de condição alguns, altivos e bem apessoados outros, mas mais numerosos eram os varões maduros, conhecedores do bom artigo, desses que encaram as mulheres bonitas com um olhar que as despe, e sabem, sem as provar, a qualidade das doçuras que reservam. E todos elles se exhibiam sob o melhor aspecto que podiam, bem escanhoados e bem postos. Como é sabido que ninguém se adorna só porque vae variar de prato, é claro que demandavam a pensão de d. Marocas para conquistar os favores da sobrinha. A tentativa resultava sempre vã, porque a menina, com ser amavel com todos, não encorajava a corte de ninguém, e os seus cortejadores não davam passo adeante; contentavam-se de marcar passo como os soldados em fileira á espera da ordem de marcha. Essa ordem nunca vinha, nunca veio.

A velha, toda vez que via dessas caras novas á sua mesa, olhava para nós de um modo malicioso, todo especial, a dizer-nos que havia mouro na costa.

Nem todos seriam mouros; todavia, a prudência mandava recebel-os como taes. Alguns ainda lá voltavam mais algumas vezes; outros não iam além da primeira investida.

Clarinha tinha dezeseite annos, mas no espirito parecia ter dez. Se tomava o serviço da casa muito ao serio, tomava tudo o mais como travessura. Tudo para ella eram brincos e pretexto para rir. Eu mesmo, que regulava com ella em idade e tamanho, tratava-a como se fosse uma creança.

D. Marocas tinha os movimentos tardos, que a idade e os rheumatismos permittiam. Quando se sentava numa cadeira era-lhe difficil desintegrar-se delia, e dalli é que lançava as ordens e presidia ao arranjo das coisas. De resto, velha e doente, vivia á sirga da sobrinha, que é quem andava de um lado para outro, a ajudar as creadas, a fiscalisar as tarefas de cada uma, a corrigir as coisas que não achava direitas, a ralhar se era preciso, e sempre com uma solicitude incançavel e uma alegria irrequieta de passaro solto.

- A velha, quando a via nessa faina, dizia commumente:

— E' a minha mão direita.

Boazinha e sensivel, doia-se muito com o soffrimento dos outros, principalmente dos bichos. Se via uma mosca a afogar n'agua, apressava-se em salvá-a. O pequeno quintal era ás vezes um verdadeiro canil, onde todos os cães errantes das redondezas se reuniam pela manhã para comer os sobejos, e só depois de fartos é que sahiam a cumprir o seu fadario de vagabundos. Se entre uns e outros havia odio velho ou proposito de ajuste de contas, alli pelo menos assignavam armisticio, sob o influxo pacificador dos olhos de Clarinha.

O que a todos parecia extranhavel é que naquelle coração tão bem formado, onde só as bondades pareciam ter-se aninhado, pudesse entre ellas o odio medrar e extender raizes. Já ficou dito que Clarinha tinha gênio de contraste; assim pois, para que se não suppuzesse que ella era só capaz de amar, odiava também, odiava com um odio profundo e vigilante. O alvo de seu odio era o quint'annista, o Pinto Coelho.

Ninguém sabia o porque desse ruim sentimento. Apparentemente não havia razão nenhuma que o justificasse. Pinto Coelho era um moço sisudo, de indole de sobrecenho, embora amavel. Falava pouco e só coisas justas e necessarias. Era casado, mas não vivia com a mulher, que, dizia-se, era uma creatura má, intratavel, com quem, ao cabo, se incompatibilisara de todo.

Pinto Coelho não era rico; possuia uma pequena renda que bastava a si e á mulher também, a quem enviava regularmente uma mesada. Ella morava numa cidade do interior; lá vivia, desde a ruptura, a sua vida anonyma e ninguém teve mais noticias delia. Se as tinha Pinto Coelho, guardava-as para si.

Destas coisas ou pouco mais, vagamente sabiamos por informações de d. Marocas, que nos contou também que, tendo-se



elle casado quando ainda era estudante de Direito, fora obrigado a abandonar os estudos por imposição da esposa, e que só agora, liberto delia, roçando já os seus trinta annos, é que se resolvera a continuar o curso.

Todos o respeitávamos e lhe queríamos bem. Era muito generoso. Quando a nossa mesada paterna se demorava, era elle que nos adeantava dinheiro, e, não raro, se a quantia era pouca e lh'a iamos devolver, recusava-se a recebê-la.

— Fica para os cigarros, dizia.

E nós exultavamos de pura felicidade.

Era discretíssimo. Confiavamos a elle todas as nossas intimidades, as nossas maguas e amores, e elle ouvia-nos com uma benevolencia paternal.

D. Marocas estimava-o muito, e dizia-o sempre, louvando-lhe ao mesmo tempo as boas qualidades e publicando-as com grandes gabos. A' tarde, depois do jantar, os dois iam para um pequeno gabinete, que servia também de quarto de vestir de Clarinha, e alli ficavam longo tempo a conversar em voz baixa. A voz delia se ouvia ás vezes, sem que se pudesse perceber o sentido das palavras. A delle, nunca. Dessas refertas constantes jamais transpirava nada. Que discutiam assumptos de importância é o que não púnhamos em duvida, e a prova é que, quando se separavam, ficavam casmurros e mal humorados para o resto do dia.

Laurindo e eu, como é natural, fazíamos conjecturas ácerca dessas discussões secretas a portas cerradas, mas éramos forçados a pôr freio á nossa curiosidade pelo respeito que devíamos a um e a outro.

O rancor confessado e ostensivo que Clarinha nutria pelo quintannista intrigava-nos mais que tudo.

Logo que me mudei para a pensão puzeram-me ao corrente do caso, e desde que entrei a tratar Clarinha com familiaridade, perguntei-lhe diversas vezes pelo motivo de taes odios tão fóra de proposito e, sobretudo, tão injustos.

A principio ella dava de hombros ou fazia gesto de engulho, significando por essa fôrma que o trazia atravessado na garganta; depois confessou-me com calor que o odiava.

— Que mal te fez o pobre rapaz, Clarinha?

— Nenhum, mas é como se me fizesse todos os males possíveis. Tenho-lhe um nojo...

— Oh! um moço tão asseiado, tão bonito...

— Sei disso. E' um nojo de outra natureza, é nojo moral.

— Esse ainda menos se justifica. O Pinto Coelho é bom, é generoso, é distincto...



— Também sei disso, estou farta de saber disso. Seja como for, tenho-lhe nojo. Se elle algum dia me tocar na mão, me roçar na mão de leve, assim, acho que terei a sensação de um ferro em braza.

E os olhos da menina, habitualmente tão doces, arregalavam-se nesses momentos e adquiriam uma expressão de feroicidade.

O Pinto Coelho, a quem pedi explicação do extranho facto, falou-me com amargura:

— A principio cuidei que era um mero capricho de creança; com o correr do tempo certifiquei-me de que não era capricho e sim odio, odio sincero e profundo. Isso começou no dia em que cá cheguei. Quando fui apertar-lhe a mão ao ser-lhe apresentado, recusou-me a mão e encarou-me de tal geito que desviei os olhos, embaraçado. Nos primeiros dias eram desfeitas, picuinhas, coisas que me aborreciam; depois começou a evitar-me, a refugiar-se no quarto quando eu entrava, o que me aborrece ainda mais. Isto dura ha dois annos, ha de crer? E' inexplicável!

— O espiritismo explica isso, falei. Quando duas pessoas foram inimigas na outra existencia, continuam inimigas quando se incarnam na terra.

— Deve ser isso então, disse elle para concordar.

No fundo era um sceptico e lançava á conta de fraude todos os phenomenos espiritas.

— E você? perguntei. Você também lhe quer mal?

— Não! Quero-lhe muito bem. E ella bem sabe quanto me sentiria feliz no dia em que quizesse reconciliar-se commigo.

Era, entretanto, impossível vencer a resistência de Clarinha. Convencione disso quando, certo dia, a sós com ella e em boa camaradagem, tentei esse congraçamento. Não cheguei a dizer-lhe do bem que lhe queria o Pinto Coelho nem da felicidade que sentiria quando ella lhe extendesse a mão. Era uma embaixada que eu propuzera a mim mesmo desempenhar, e da qual nem logrei encetar o preambulo, porque a mocinha levantou-se de um salto e sahiu da sala, nervosa e rilhando os dentes.

O resultado dessa tentativa foi ficar a menina amuada commigo. Durante muitos dias tratou-me com frieza, respondia por monosyllabos ás minhas perguntas e só a muito custo e progressivamente é que consegui reconquistar-lhe as graças.

Desde então nunca mais lhe falei do Pinto Coelho.

D. Marocas, á sua parte, tinha também muito cuidado em não contrariar a sobrinha e subia tão de ponto os seus escrúpulos e de tal maneira exaggerados, que até nos fazia rir, ao Laurindo e a mim.

Se estávamos reunidos na sala de jantar e era hora do Pinto Coelho voltar da Academia, d. Marocas olhava o relógio e avisava a sobrinha:

— Daqui a pouco elle ahí está.

Perto delia não se pronunciava o nome do rapaz.

Clarinha ainda permanecia entre nós até ouvir na escada os passos do Pinto Coelho. Levantava-se então e buscava refugio no quarto de dormir ou nos aposentos do fundo.

Pela manhã, á hora do café com leite, vinha ella sempre fazer-nos companhia. Era ella que cortava o pão, o barrava de manteiga e nos servia segundo o gosto de cada um de nós. Pinto Coelho, que era o ultimo a levantar-se, para dar tempo á sua inimiga de preparar-se, tomar o seu café e retirar-se, annunciava-se por um pigarro, e ella dava-se pressa em sahir. Se a sua chávena ainda estava em meio, levava-a comsigo, provendo-se precipitadamente de fatias de pão.

Com tal proposito de parte a parte nunca se encontravam.

Era muito gulosa e lambareira. Pinto Coelho, a principio, quando vinha da Academia, trazia sempre frutas, doces e outras guloseimas, que dava a d. Marocas para que esta as repartisse com a sobrinha. Clarinha, porém, nem tocava naquellas coisas, e a parte que lhe era destinada ficava na fruteira para quem quizesse; o rapaz então recorreu ao estratagema de dar-nos as guloseimas ás escondidas para que as offerecessemos á Clarinha da nossa parte. Aceitavamos essa incumbência com alvoroço. Ella ainda nos encarava com desconfiança, suspeitando da origem... Garantíamos que tinham custado o nosso dinheiro, e ella por fim se decidia a acceital-as.

Nunca eu soubera de um rancor tão vigilante. Afóra isso, boazinha, travessa, brincalhona.

Habitudo a vel-a a toda hora, não notei a transformação por que ia passando; e foi uma senhora que, havia muito, não se encontrava com ella, que me despertou a attenção. Logo que a viu, exclamou com surpresa:

— Que differença que você tem feito, Clarinha! Como está gorda! Agora sim, agora é que está realmente bonita.

Attentei nella então e observei que engordara bastante. Depois de alguns mezes era outra. O rosto ficara quasi redondo e o collo desenvolvera-se-lhe enormemente. Dessa transformação também se resentiu o seu espirito. Tornou-se sisuda; á mesa de jantar já se não divertia á nossa custa atirando-nos bolinhas de miolo de pão, ria pouco, falava pouco. Entregou-se á leitura. Sentada numa cadeirinha baixa a um canto da sala, com um livro sobre os joelhos, passava longas horas a ler.



A gordura não lhe trouxe saúde. Perdera as lindas cores, tornara-se pallida, de uma pallidez doentia, quasi transparente, e já não tinha nos olhos aquella mobilidade travessa, que lhe dava tanta graça. Soffria de náuseas e vomitava constantemente.

D. Marocas andava afflicta com o estado da sobrinha. Não acreditando nos médicos, tratava-a, ella mesma, com reniedios homeopathicos.

A' hora certa, nem mais nem menos um minuto, a velha, com os oculos para a ponta do nariz, sentava-se á ponta da mesa deante de um cálix d'agua mal cheio, e pegando no vidrinho com o indicador e o index da mão direita e na rolha com os dedos correspondentes da esquerda, deixava cahir a gotta na rolha para d'ahi pingar no cálix. Mexia depois o liquido com um palito. Fazia essa operação com uma seriedade ritual.

Nessa época as discussões entre a velha e o Pinto Coelho andavam mais calorosas. Quando se separavam depois de cada colloquio, elle ia para a rua, como a evitar a curiosidade indagadora dos nossos olhos, e ella para o seu quarto, ora zangada, ora com ar de choro.

A tudo Clarinha perecia indifferente, absorvida sempre na leitura dos seus romances e novellas.

No fim do anno, concluidos os nossos preparatórios, fomos para a roça, cada qual para seu lado, a gosar as fêrias. Pinto Coelho, que recebera o seu grão de bacharel, disse-nós que ia abrir banca de advogado numa cidade do interior, não sabia onde.

Na despedida, ao abraçar Clarinha, fiquei commovido, e, como de surpresa, me vieram lagrimas aos olhos, fui-me com as mãos a ellas para as esconder, não tão a tempo que as não visse a minha amiguinha. Ella não chorou, mas em compensação teve-me apertado em seus braços longamente. Ainda hoje sinto aquella pressão dos seus braços, tão affectuosa que alcançou a minha alma.

De volta a S. Paulo, no anno seguinte, já não existia a pensão de d. Marocas. Os vizinhos não me souberam informar para ande se mudaram, Foi uma decepção. Habituara-me tanto áquella casa e áquella gente! A figura de Clarinha estava sempre presente em meu espirito, e foi o prazer de revel-a, foi a saudade que me fez apressar a partida para S. Paulo muitos dias antes de se abrirem as aulas.

E foi Laurindo quem, na Academia, logo que nos abraçá-mos, me contou as novas sensacionaes.

— Grandes coisas! grandes coisas! annunciou elle. Tenho grandes coisas para te contar.

— A proposito das nossas amigas? inquiri esperançado.



— Pois claro, a proposito delias, do Pinto Coelho e de mais um sêrzinho que veio ao mundo.

— Desembucha então, homem!

Laurindo ia desembuchar, mas o lente appareceu. Os estudantes fizeram ala, de chapéo na mão. Era hora da aula.

A' sahida, Laurindo, pegando-me do 'braço, conduziu-me para um canto do saguão, e contou-me tudo:

— Nos últimos dias das ferias fui visitar uma irmã casada que mora em Casa Branca. A primeira pessoa que encontrei foi o Pinto Coelho, muito grave, de pasta debaixo do braço, em plenas funcções da sua profissão de advogado. Ao ver-me alli ficou muito admirado e pareceu-me que também contrariado. Não me disse onde morava, mas eu levei isso á conta de distracção. Nesse mesmo dia, tendo-me informado da sua morada, fui visital-o. E sabe quem me recebeu?

— Quem?

— A Clarinha.

— Oh!

— Ella mesma. Vinha com o filhinho ao collo.

— Que me diz!

— Pois é verdade. Está vivendo com o Pinto Coelho. Passam como casados. D. Marocas está com elles. Apanhados em flagrante foram obrigados a tirar a mascara e confessar tudo. Elles sempre se amaram, sempre se amaram doidamente.

— Será possível! E aquella antipathia de Clarinha, aquelle rancor, aquelle odio implacavel?...

— Farça, tudo farça!

JULIO CESAR DA SILVA.





A VELHICE E O CONCEITO DE VORONOFF

O espectáculo tocante do ephemero, que tão evidente se faz entre os seres dotados de Vida, dá, ao observador superficial, a impressão de que as noções de velhice e de morte se estendem a todos os seres vivos sem excepção.

Mas a impressão é errónea, pois que attentando nos seres os menos complexos, da escala animal ou vegetal, vemos que elles não envelhecem, constatamos que não morrem.

"On les voit se reproduire par division et pulluler au but de quelque temps d'une façon extraordinaire, les générations se succèdent avec une grande rapidité sans qu'il se produise un seul cas de mort: on chercherait en vain un seul cadavre parmi la quantité inombrable d'infusories grouillant."

E o que Metchnikoff poudo constatar para os infusorios, applica-se com maior razão aos amœbios.

Assim, vêm-se algumas especies do genero *amœba* reproduzir-se incessantemente por scissiparidade, perpetuando indefinidamente a especie, e, duai são as razões por que não se obtém um numero infinito de individuos.

A primeira delias refere-se aos factores do meio externo e ás forças exteriores, que elles procuram vencer, e ás quaes elles, não raro, succumbem.

A segunda diz respeito ao canção, que se verifica em certos amœbios da nossa geração, os quaes se acham impotentes para realizar as suas três funeções fundamentaes: trophicas, cinéticas e geneticas.

Diz-se que elles estão depauperados.

Será esta uma phase de velhice que precede á morte do amœbio?

Certo que não. Chegando a este estado, recorrem elles ao processo que a Biologia chamou de regeneração amœbiana: dois ou mais amœbios depauperados fundem-se (se fusionent) para formar um novo individuo, dotado de tanta ou mais energia do que aquelle amœbio primordial, de que elle é descendente do primeiro grau.



Os amêbios pois não morrem ; além do que elles desconhecem a velhice. Bem entendido, falíamos aqui de morte e velhice physiologicas.

E foi assim que a idéa de perpetuidade da matéria viva nos seres unicellulares, dominou o mundo scientifico contemporaneo.

Uma questão desde logo foi posta :

Porque a eternidade dos protistas não se estende aos seres superiores e ao Homem?

A razão é simples e evidente. Pois sabendo que a ruptura de equilibrio de um systema é tanto mais fácil quanto mais complicado é esse systema, simples se torna deduzir a razão da estabilidade dos amêbios incomparavelmente superior á do Homem.

A differença entre os amêbios e os seres pluricellulares é enorme; d'ahi a razão de ser, d'aquillo que poderíamos chamar *estabilidade vital* dos amêbios — muitíssimo maior do que a do Homem que é o ponto mais elevado da escala animal. N'este, causas insignificantes podem produzir effeitos espantosos de perturbação funccional.

Voronoff considera a velhice como um disequilibrio dos nossos actos vitais e a morte como sendo a quebra do rythmo de nossas funcções.

A causa desta desintegração e deste disequilibrio, estão no resultado de suas pesquisas sobre o assumpto :

O elemento conjunctivo, ponto de partida do organismo complexo, conserva os seus predicados de ser independente, no curso da evolução do individuo, e, similar ao amêbio, elle tende a multiplicar-se desordenadamente, invadindo os diffêrentes órgãos, e incapazes de preencher as suas funcções e tolhendo-lhes ao mesmo tempo a acção, elles acarretam o disequilibrio funccional, isto é a velhice.

Li as cellulas conjunctivas não poupam em sua invasão os orôãos de, secreção interna que, como é sabido, são os principacs reguladores do nosso organismo.

Eis a causa preponderante da atrophia senil em razão primeira da desharmonia funccional, eis, cmfim, o processo da velhice e da morte.

Quando em uma sociedade a plebe se levanta contra o poder constituído os resultados que d'ahi resultam para o conjuncto são bem conhecidos; resultados analogos são os que se verificam quando contra os elementos nobres do organismo se insurgem os elementos inferiores.

No primeiro caso é a decadencia, é a perda do prestigio — no segundo é a

Velhice ; é a

Morte.

F. MENDES DA ROCHA F."





UMA CARTA INÉDITA DE ANCHIETA

O fac-simile desta carta vem estampado no catalogo da Livraria Maggs, de Londres.

Foi dirigida por Anchieta a Jeronymo Leitão, que serviu de capitão-mór em S. Vicente de 1573-1580 e de 1583-1592.

DEPOIS que vim até agora andei por estas aldeias negociando gente para a viagem, pouca achei porque toda ella é pouca, e posto que agora, com a canoa de Salvador Correa, se poderão excusar estes trabalhos, porque ella, com a ajuda de N. Sr. bastava para me levar. Todavia bem sei que nem com isso V. M. me ha de deixar ir só, e, por isso, não quiz partir de cá até não aviar a gente e leval-a comigo porque se a deixar a sua discripção não sei quando partirão.

Antonio de Macedo aviou vinte mancebos com seu irmão João Fernandes os quaes partirão terça-feira querendo Diús, mas não pude acabar com elles que fossem pelo senão por o caminho velho, da borda do Campo e lá hão de esperar por canoa. (2)

Domingos Luiz estava acabando a igreja (3) ja lhe dissemos missa nella com muita festa, logo se parte para o Caruguaba; não achei da sua banda gente que tirar porque não vão desapercebidas e comtudo, daqui e dalli me parece que se juntarão alguns quinze ou dezesseis entre os quaes irá Caribaca porque o achei meio amotinado contra Domingos Luiz e trabalhei para o levar para lá para que não se va pelo caminho do irmão; elle se offereceu para a viagem liberalmente.

Faço conta de partir terça-feira com elles por agua e até sexta-feira ou savado ser no Cuvatão ⁽⁴⁾ com ajuda de Nosso Senhor.

Mando Domingos de Paiva escoteiro a dar este aviso a V. M. assi para que nos mande canoas boas aos portos para onde irmos como para que lá esteja tudo prestes porque esta gente não levão mais que arcos e flexas como V. M. mandou « será necessário ou partir logo pela barra fora ou buscar-lhes que comão emquanto se detiverem ahi...

Eu todavia, porque me escreveram que os Índios de Aririboia se carregavam todos as costas do padre Antonio Gonçalves levar-lhe de cá alguma farinha para ajuda da motolotagem do mar e da terra.

Alguns dos Carijós vão, entre elles os Alonso que estava aqui acolhido, com medo do Carvoeiro, que ainda me dizem, que o ameaça. V. M. o fará lá desembaraçar entretanto.

Também me incomendou Cariobaca que lhe fizesse pagar a Antão Nunes o achadégo de um escravo que lhe cá tomara porque não tem roupa e ainda espera elle de achal-a feita quando de cá for. Não mais ao presente porque o mais ficará para quando eu for com a ajuda de Deus o qual de a V. M. muito do seu amor.

De Piratininga, hoje Domingo, 15 de Novembro de 1579.

De V. M. servo infimo

P. JOSEPH S. S.

(1) João Fernandes foi procurador do Conselho de S. André em 1555 e escrivão da Gamara da villa de S. Paulo de 1562 a 1564.

Em 1579 havia um official da Camara com idêntico nome e que deve ser o que vem referido na carta.

Pelo confronto das assignaturas no livro original das actas se poderá saber se trata-se ou não da mesma pessoa.

(2) De S. Paulo para S. Vicente o primitivo caminho subia pelo valle do Paraiquê Irequê, travessando o rio Jurubatuba depois de passar o campo de Ijabapé. Pro-
Kiu ula A A>au0, for 10nt08 muito approximados aos da actual estrada de roda-

Em 1560, Mem de Sá mandou mudar esse caminho desde o Cubatão até o rio Jurubatuba. O Cubatão até o Alto da Serra ella seguia por pontos differentes dos que são actualmente occupados pela estrada Vergueiro e até hoje ainda é ella visivel em algumas passagens.

O traçado desse caminho vem assignalado em um mappa appenso ao vol. XIV Pag. 22 da Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo

(3) A igreja aqui referida é a Capella de N. S. de Guaré, hoje convento da Mjz no arrabalde desse nome.

tr f M Speit0 da sua fundação ha um erro que é preciso corrigir. A imagem não foi ansterida do Ipiranga para aquelle lugar como referem os chronistas modernos, entre outros Azevedo Marques.

rio Ir^o m^{ingos} Luiz, o carvoeiro, teve sua fazenda no rio Iriripiranga, affluente do M boy e que nada tem com o conhecido bairro da Independencia. Dahi é que veio K^o m² 7 e m de N. Senhora.

T^o Ipiranga eram situadas as sesmarias de Antonio Pinto, Salvador Pires e Jorge Moreira.

barou[^] viagera "por agua" deve ter sido feita pelo Jurubatuba, sendo o em-
riam C r Isan0 "a aldeia de Pinheiros que ficava á sua margem. As canoas subi-
CiW-a e orrente até a estrada que ligava S. Paulo a Santos; dahi por terra até •
oatoo donde em canoas proseguiriam até Santos.

GENTIL MOURA.



FAIRY - LAND

METAPHYSICA

MINGO dorme, tendo ao lado a sua boneca hybrida, de panno e porcelana. Toda mutilada, perdidos os braços e uma perna, deformada na physionomia inexpressiva, a boneca é um destroço inútil. Só Mingo não vê, não percebe as devastações do tempo e do atrito continuo com o ambiente. E' que a boneca, existindo mais no seu pensamento que nos seus sentidos, possui essa existência metaphysica que a colloca acima das contingências do mundo e a torna perfeita para sempre. Demais, o que lhe importa sobretudo naquelle ser sem articulações são as suas aventuras innumeraveis, os perigos por que passou, os infortúnios vencidos, a gloria de que se revestiu... Pois então é brincadeira cahir na rua, de um terceiro andar? Ser triturada quasi, nos dentes brancos e impiedosos de um Loulou da Pomerancia; e ainda por cima naufragar, como Ophelia, no lago artificial do jardim? E é pouco as visitas continuas, insistentes que a boneca recebe das suas vizinhas, de todas as condições sociaes, de louça, massa, celluloid e borracha? E onde ficarão as historias contadas, as theorias construídas, as festas inventadas? Tudo isso é mais a boneca do que aquella matéria informe e heterogenea de que foi feita. E si • algum dia, daquelle corpo anatomicamente verosímil, não restar sinão um fragmento imponderável, a boneca continuará a existir da mesma forma, perfeita, integra, inviolável...



* * *

INUTILIDADE DAS G EN ERA LISAÇÕES

Com a pequena mutilada nos braços, Mingo parece cantar cousas absolutamente sem sentido. Alguém lhe pede, com insistência, a boneca. "Não posso dar: ella é muito pezada". Dando resposta negativa, acreditou ter apresentado lllll motivo muito serio, excluindo réplica.

E' que, de uma feita, tendo teimado em carregar a irmã recém-nascida, redarguíram-lhe: "você não pôde supportal-a; é pezada demais". Agora teve occasião de repetir o mesmo argumento. Entretanto, Mingo ignora profundamente que ha formulas úteis e fecundas que se tomam, segundo as circumstancias, repentinamente, inúteis e estereis. Como é que dizendo "isto é pezado" formula uma ridicularia? Por isso, ficou perplexa, quando, apesar do grande argumento, arrebataram-lhe a boneca dos braços.

* * *

A CAIXA DE BRINQUEDOS

Esta era a minha caixa de brinquedos. Posso reconhecei-a, porque vejo a velha litographia da tampa: uma cidade geométrica, cheia de chaminés de nankim, soprando um fumo tenue para o céu. Hoje, está vazia. Mas, dentro ainda sinto o perfume insistente do verniz e da madeira verde com que foram feitos os meus soldados, os meus bichos, os meus pinheiros da Floresta Negra... Ah! os soldados, as fêras, os pinheiros tão verdes começaram a desaparecer desde o dia em que abri, pela primeira vez, a grande caixa de brinquedos. Foram desaparecendo lentamente, para que eu não desse por isso... E eu penso naquelle gênio que um mercador de outrora aprisionara dentro de uma garr_a de ferro...

Como está leve a minha caixa de brinquedos! Com que facilidade consigo, agora, collocar-a sobre a meza, ou debaixo do 'braço, para tamborilar com os dedos, distrahidamente, enquanto Mingo me olha muito séria, as mãos cheias de lápis, de folhinhas, de carreteis, de cartões coloridos de réclame. A caixa pertence a Mingo, que a encheu de cousas absurdas e disparatadas.

— Já te devolvo a caixa. Eu quiz apenas ver a figura da tampa. E' uma cidade muito grande, cheia de chaminés...



— Mas, para isso, não precisava esvazial-a e tirar de dentro todos os meus brinquedos!...

— Ah! isto os seus brinquedos? Não sabia. Mas eu também queria ver o fundo da caixa...

E Mingo tomou-me das mãos aquella velha caixa de brinquedos e, por sua vez, examinou attentiosamente a lithographia. — Porque estas tres chaminés estão sem fumaça? De facto, contra toda a minha expectativa e a terrivel lógica das cousas, tres chaminés não fumegavam. Eu precisava dar uma resposta urgente e concisa. — "Que bôba!... Que bôba!... Pois então você queria fumaça em todas as chaminés? O homem que pintou essa figura fez de propósito: si puzesse fumo em todas as chaminés, ninguém poderia ver o céu que elle, com tanto cuidado, compoz com uma tinta bem azul. E o céu é imprescindível porque está em toda parte, principalmente por cima das chaminés..."

Mingo aceitou a minha explicação, e, resolutamente, começou a encher a velha caixa com os seus lápis, as suas folhinhas, os seus cartões coloridos de réclame...

— Agora, disse-me ella, vá embora que eu quero conversar. E enxotou-me para a bibliotheca. Ahi, todos os livros me deram as costas em signal de desprezo.

E eu me sentia tão differente, tão differente do que fôra outrora. Mas não havia duvida, era eu mesmo: eu me reconhecia pela velha gravura, pela velha gravura que todos nós temos sobre a tampa da nossa alma...

* * *

VOLÚPIA DA UNIFICAÇÃO

De pé, na porta da rua, Mingo observa. A idéa que faz do movimento humano deve de ser tão ingênua como a que tem do céu, que é um grande papel de seda azul, com estrellas de papelão dourado. Ignorando as necessidades que impellem os transeuntes, imagina que se movem mecanicamente, por divertimento, como figuras de um presepio. Por isso, vê o mundo como uma estampa maravilhosa. E, ás vezes, estende as mãos, no intento de tocar um homem, um vehiculo ou prender, entre os dedos finos, a renda imponderável da poeira que o sol visibilisa e doura. Mingo quer tactear todas as cousas, como que para transfundir em si mesma, voluptuosamente, o mistério e a belleza de que ellas são feitas.



UMA HORA DESESPERADA

Não sei o que devo fazer para agradar a Mingo. Estou diante de uma tarefa difficilima. 'fentei contar-lhe uma historia, inutilmente, porque ella começou a cantar. Estirei-me no chão, de borco.

Este facto a deixou extraordinariamente alegre: pulou sobre niim e percorreu toda a minha extensão, que é 1,75, eni quatro segundos. Não ha duvida, é um bom récord. Eu, entretanto, é que não posso servir de pista. Protestei; levantei-me. Os ossos doíam-me. Mingo revoltou-se. Queria repetir a experiencia.

Supponho que pretendesse refazer o seu proprio récord e percorrer outra vez o meu corpo, em 3 segundos e 9/10. Não tive remédio, sinão sujeitar-me. Mingo é uma excellentem promessa sportiva, mas o seu sport é detestável. Volubilidade: principia a aborrecer-se. De meu lado, temia que a sua curiosidade e ancia de exercitar-se, que, nella, é considerável, a impellissem para o mostuário, onde estão alinhados, segundo a geometria de Euclides, uma infinidade de objectos de arte, irremediavelmente frágeis e quielwadiços. O meu plano: tirei da estante um grosso volume, o primeiro que o meu braço alcançou. Era um livro pezado, gordo, cheio da resignação dos livros que nunca foram lidos. 1.014 paginas recheiadas de schemas, gravuras, desenhos, photographias... Mingo começou a folheal-o, pagina por pagina, vagarosamente, demorando-se em cada desenho, em cada minúcia elucidativa, em cada gravura... Comparava, cotejava e perguntava. O meu supplicio era grande, mas o livro era maior. Nas photographias, o olhar de Mingo illuminava-se. — Aquelle é fulano; — esse é beltrano; — este é você. Eu estava em todas as photographias, sob todas as formas, todas as attitudes, todas as indumentárias, absolutamente proteico: barbado, glabro, gordo, magro... O livro, ante os meus olhos afflictos, parecia inchar, crescer, como um gazometro! As paginas estalavam, como laminas de esmalte, sobre um fogo brando. Forçoso era sahir daquella situação inquisitorial. Aventei um passeio pelo jardim. Creio que fiz a apologia dos jardins, das tatouranas e das minhocas. — "As tatouranas, disse «u, foram visitar as minhocas: si formos ao jardim poderemos ouvir toda a conversa". E Mingo, debruçada no livro: "Deixe ellas conversarem sozinhas, coitadas!" Trabalho perdido. Então, uma idéa surgiu-me no cérebro: arrebatei-lhe de repente o volume, das suas mãos fôfas — "O livro está cansado, precisa dormir." Concordou. Teve até um ar de piedade, como si pedisse desculpas



para aquelle enorme cartapacio de mil folhas. — "Vamos embora, disse ella, baixinho; não faça barulho"...

Minha alma inquieta de novo: os olhos de Mingo dançavam deante da vitrina dos objectos de arte. Um arrepio de terror percorreu-me a espinha, a póbre espinha que, momentos antes, ella impiedosamente amassára, com todo o peso da sua alegria, da sua saúde e, sobretudo, do seu corpo... ,la já formular o terrível pedido, quanto iintervi, violentamente, num ultimo recurso: "Vamos á sala de visitas"? Na verdade, a sala de visitas era um lugar sagrado. Sacratíssimo! Lá estavam os tapetes raros, as rendas virginaes, que se estraçalhavam, como uma teia, ao mais leve contacto; e os espelhos magnéticos que hypnotisam e multiplicam as mulheres e que Mingo, com suas mãos quentes e sumarentes, gosta de embaciar e sujar. Mas entre a arte e a riqueza, não hesitei: preferi o salão. Demais, tinha em mira um expediente decisivo: deante de um dragão de bronze, que vomitava eternamente, pela guela vermelha, um fogo invisível e frio, eu pretendia contar a Mingo uma historia qualquer, essencialmente magica e capaz de visibilizar o fogo e dar-lhe uma temperatura que não excedesse a temperatura do meu corpo. — "Vamos á sala de visitas", insisti, com sabedoria e prudência. Mas a criança me olhou muita séria, muito espantada, como que não acreditando no convite. E' que a tinham prohibido terminantemente, sob penas incríveis, de entrar na sala de recepções. Era uma ordem ancestral, primitiva, quasi -divina. E recusou o convite, peremptoriamente. Nesse instante, a família chegava. E Mingo, olhando-me ainda com desconfiança e pasmo — o pasmo e a desconfiança de um asceta que visse pela primeira vez o Diabo — relatou a todos, atabalhoada e afflictta, o meu convite, a minha alta trahição... Ella ainda não comprehende, não pôde comprehender a antinomia dos conselhos, das regras, dos imperativos categoricos... E o seu critério de selecção e acolhimento é original. No seu entender, aquella prohibição era uma regra moral excellente, por ser a primeira, embora restringisse a sua liberdade; a minha, eivada de corrupção, porque posterior. Eu fiz essa reflexão, abysmado numa poltrona, vigiando o meu coração que batia 120 pulsações por minuto...

A. C. COUTO DE BARROS.





A REIVINDICAÇÃO FEMININA EM NEW YORK

PARECE-ME contristadora e mesmo alarmante para o futuro de um povo, a atitude assumida pela *mulher reivindicante* em New York. A campanha de reivindicação restringia-se, no seu começo, a coisas e factos de ordem social; hoje esse objectivo está tão ampliado, que o problema mudou inteiramente de feição. A principio, a reivindicante new-yorkina propoz-se demonstrar que era perfeitamente igual ao homem, relativamente aos afazeres antes confiados somente a este. Como consequência > não ha hoje em New York, profissão alguma, excepto a das armas, que não esteja completamente invadida pela mulher. Ella tem se sahido jnaes ou menos bem Ja demonstração a que se propoz. No entanto, nós sabemos que a mulher, tal como a natureza a fez, não pode dispor de uma capacidade de trabalho uniforme e continua; a sua capacidade de trabalho varia frequenterniente, por uma imposição natural da physiologia do seu proprio organismo. E' uma capacidade de trabalho descontinua, que não pode satisfazer as exigencias de um grande numero de serviços.

g. Como explicar pois, a coexistência de coisas que se deviam excluir? que está havendo ahi um artifício; é que uma coisa muito importante está «Klo sacrificada para alimentar essa harmonia artificial. E essa coisa im- natantia ao siglo ver, ® justamente a ordem natural das coisas. A ordem ural das coisas, é que o homem seja homem e que a mulher seja mulher: ^reivindicante new-yorkina, para fazer tudo que o homem faz, está deixando SCr inunler, passando a ser homem. A toda hora ella pode ser pegada p s suas tentativas metabólicas, siem perceber que taes tentativas importam ilagrange delito de desmentir-se a si própria. Pois que, si para ella fazer o ** o homem faz, torna-se necessário esse metabolismo, torna-se evidente que quem faz o que o homem faz, não é a mulher, e sim a mulher transformada em homem.

Sei l^{uc} mulheres fazem homens, mas isso, de acordo com a natureza, E^{um}do os seus conselhos e com o seu auxilio; mulheres, porém, transfor-



marem-se em homens, e isso como um acto de hostilidade contra a natureza, é coisa que nunca vi, nem creio que seja possível. Em ultima analyse, o producto assim obtido, apresentar-se-ia com as fraquezas do "pivot" relativamente ao dente natural. O facto porém é que hoje, a reivindicante new-yorkina não esconde mais o seu resentimento contra a natureza, julgada aliada ao homem, na serie de injustiças que este teima em praticar contra ella, a mais grave das quaes seria talvez, chamar fraco a um sexo que deseja ser chamado forte. Não sei si essa moléstia, cujos sintomas julgo estarem perfeitamente caracterisados na enferma de New York, será suficientemente contagiosa para contaminar todo um povo; no caso afirmativo porém, é para encerrar-se com apreensão o futuro do povo que por ella se deixar contaminar.

Tudo indica que, sob o ponto de vista physico, a mulher tivesse estado já mais próxima do homem. Si ella se está afastando d'elle, é devido ao esforço paulatino, mas seguro, da natureza, no sentido de adaptar cada vez mais a criatura á criação, definindo melhor o papel attribuído a cada criatura, no seu plano geral de construção incessante.

Nesse plano geral, naturalmente o Sol reoebeu attribuição diversa da dos mares; os mares naturalmente receberam attribuição diversa da 'dos rios; os rios naturalmente receberam attribuição diversa da da flora... Si os mares, os rios, a flora., se insurgissem e quizessem ter todos a attribuição do Sol, o nosso pobre planeta mudaria certamente de feição, e transformar-se-ia talvez em fogueira, em que tudo se fundiria para começar de novo.

Afigura-se-me que a insurreição da mulher contra a situação que a natureza lhe deu, seria capaz de transformar a humanidade em enorme fogueira em que tudo quanto ella tem de humano se consumiria para começar de novo. Mas insurgir-se contra leis da natureza, é insurgir-se contra forças invencíveis, é rebelar-se contra um poder intangível: a rebeldia em taes condições, é uma rebeldia insana.

Si permitissem que eu comparasse a humanidade a uma arvore frondosa, a mulher seria certamente a florescencia dessa arvore, a exhalar perenemente o fluido rejuvenescedor da especie. Esse fluido é o único capaz de nos inebriar a alma, capaz de anestesia-la para que ella não sinta a dôr indizível do aniquilamento completo, quando o Cirurgião Mór resolver-se a arrancal-a do nosso corpo. Ninguém cogita de indagar si essa flor pode ou não exercer a função de folha, tronco ou raiz, nem tal cogitação convém ao nosso caso; do que se trata é de saber si a sua missão de flor não soffrerá com isso. Si a flor, para exercer a função de folha, tronco ou raiz, começar por se transformar em folha, tronco ou raiz, é evidente que a resposta á nossa interrogação só poderá ser afirmativa. Si a reivindicante new-yorkina, para fazer o que o homem faz, começar por se masculinizar, adquirimos o direito de perguntar si a mulher do sexo masculino, continua apta a desempenhar a sua missão de mulher, missão que não poderá ser desempenhada pelo homem, mesmo que elle também se resolva a mudar de sexo, para compensar a egressão da mulher.

De que recursos poderia lançar mão um Estado que visse os seus fundamentos abalados por uma rebeldia dessa natureza? Como sustar essa fuga em massa ao proprio sexo? Não ousou afirmar que essa rebeldia, essa fuga, essa tendencia, não represente o bom sentido da evolução. Talvez assim proceda de medo que me xinguem, que me chamem matuto. Para justificar-me, porém, e não confessar a minha timidez, direi que o mundo, pelo menos o mundo historico, inda é muito novo para se determinar o bom sentido da evolução em coisas tão complexas.

Mas si ha realmente necessidade de que a mulher infrinja essa reprimenda a nossa mãe Natureza, poderemos prefigurar o que, dentro de alguns *minutos cosmicos*, as futuras gerações terão que ver. Terá que surgir certamente uma nova industria — a industria da manufactura de homens.



(Parece excusado dizer que dou á palavra "manus mani" a significação de instrumento). As primeiras fabricas desse genero apparecerão por certo na terra em que a Natureza levou já a primeira lambada para corrigir-se do seu cochilo, fazendo mulheres a quem devia ter feito homens e homens a quem devia ter feito mulheres. Haverá então grandes "menfactories" ou aprazíveis "menbuildings" em que milhares de operários de cabelos côr de outono, de olhos mysteriosos como a profundura oceanica, a soldo do Erário, sob a direcção de mestres e contramestres "polioeman-type", cuidarão da coniecção desse novo producto, para o qual não precisarão de importar matéria prima de *países de vida infantil e ociosa, condenados a nunca possuírem industria propria*.

Infelizmente porém, a evolução continuará a caminhar, principalmente num pais de tantas e tão boas estradas de ferro. Pode antever-se pois, desde já, novas dificuldades a debelar. Que farão os governos desse povo, quando as operarias de taes "factories", quizerem cilas mesmas desempenhar a função de mestres e contramestres?

Mas no Brasil, *nunca teremos industria propria*; por isso, é provável que nunca pensemos em punir ou corrigir a Natureza. Mais vale porém, evitar que remediar. Procuremos evitar o contagio desse mal.

Como?

Aprendendo a, cada vez mais, em beneficio da nossa especie, em beneficio da nossa raça e da nossa patria, dar o verdadeiro valor á missão semi-divina criada pela Natureza para a mulher e para a qual a Natureza criou a mulher — a missão de mãe.

Rio — 1923.

ORLANDO MACHADO





A SANTOS DUMONT

Ode condoreira

*Asas! Voar como as nuvens,
Como os condores voar;
Roçar com a fronte as estreitas,
Mais perto de Deus chegar!
Loucura, sonho, utopia
Do Homem que ha sec'los soffria
Na sua estreita prisão:
Os pés fincados nas vasas,
E os hombros pedindo asas,
E a alma pedindo amplitão!*

*Zombar das leis do equilibrio;
Subir; conquistar o céu;
Quebrar a brônzea cadeia;
Romper do Mystério o véu;
Achar um dia o segredo
Das aves; galgar sem medo
O Espaço; poder voar,
Abrir asas sobranceiras,
Passar sobre as cordilheiras,
E sobre os mares passar!*

*Velho sonho mythologico •
Ser do Azul dominador;
Repetir o voo de ícaro,
De novo as nuvens transpor!*



Mas onde essa vos secreta
 Que nas masmorras de Créta
 Lhe deu forças p'ra subir,
 Quando o rei, cheio de assombros,
 O viu, com azas nos ombros,
 Por entre as agítias fugir?!

Séculos passam, mais séculos. • •
 E o Homem sempre a sonhar,
 A' procura c/c um Colombo
 Para as Américas do Ar...
 Curvados sobre alfarrabios.
 Noite e dia, os grandes sábios
 Traçam cálculos subtis;
 E alçando todos a fronte,
 Na escuridão do horizonte,
 Procuram debalde o X...

Outros séculos, mais séculos...
 No Brasil eis surge, então,
 O feiticeiro dos Ares:
 Bartholomeu de Gusmão!
 Pede ao fogo azas... e vôo
 Malassombrando Lisboa!...
 E a Inveja — negro chacal —
 A ladrar-lhe sempre ao lado...
 Foge, mendigo, exilado,
 E morre num hospital!...

Cem anitos mais... de repente,
 Pariz assombrado vê,
 Desafiando as alturas,
 Um novo Montgolfier!
 Um pendão de ouro e esmeralda,
 A' pôpa, o vento desfralda,
 Do milagroso batel!
 Um grande grito rebôa:
 E' Santos Dumont que vôa,
 Em volta da torre Eiffel!...

Das lusas plagas, um dia,
 Temerários, rumo ao sul,
 Sem pavor da Morte, partem
 Dois Argonautas do Azul:
 E' Coutinho, é Sacadura!
 O Gênio unido à Bravura



*Que a mesma idca traduz".
Desvendar, não pelos mares,
Mas sobre as ondas dos ares,
As terras de SANTA CRUZ!*

*Conquistadores do Espaço,
Voam da Europa ao Brasil!
Acham mesquinha essa gloria,
Esse triumpho pueril*..
Querem mais... ainda c pouco..
Procuram, num gesto louco,
Mil prodigios descobrir..
Tudo estava descoberto!
Não importa... longe ou perto,
Algo novo ha de existir. • •*

*A's grimpas sobem dos montes,
Descem valles, sem parar,
Seus olhos, como os das aguias,
Interrogam céus e mar..
E soltam, de chofre, um grito
Os pilotos do Infinito :
E um braço que Deus conduz,
Do abysmo do esquecimento,
Arranca, nesse mômto,
Um nome escorrendo luz!...*

*E Sacadura c Coutinho
Descobrem Santos Dumont!
Onde faltava uma estatua
Levanta-se um Panthéon!
São glorias de um mesmo Povo
Que o mesmo sangue, inda novo.
Faz viver, subir, crcar!
São irmãos que, abrindo os braços,
Mesmo através dos espaços,
Nunca se hão de odeiar!*

*Abraçam-se os três gigantes..
Scena augusta, hora immortal :
Quando os lábios portugueses
Sobre a fronte genial
De Santos Dumont pousaram,
As duas Patrias choraram!...*



*E' que Deus, sempre, dos céus
Abrindo o eterno prosscênio,
Para as victorias do Gênio,
Faz das pedradas — trophéus!*

*Salve! Cabral e Coutinho,
Vós que ligastes, de vez,
O coração brasileiro
Ao coração português!...
Esse beijo conviovido
No grande nome esquecido,
Sabei-o, lusos Heróis,
Esse beijo subiu tanto
Que fez das gottas do pranto
Um diadema de sóes!*

Bahia, Agosto, 1922.

PETHION DE VILLAR

ANSIA ETERNA

"E a estatua não falou, porque era estatua",

JULIO CESAR DA SILVA.

*Fazer de um verso meu, na belleza da rima
e na força do verbo e da imaginação,
a Arte que a minha alma dolorosa exprima!*

*e despertar em ti esta fascinação
que vive, a palpitar, dentro de uma obra-prima
e, na gloria da estrophe, abrir meu coração!*

*Talvez, em tuas mãos virginalmente brancas,
tu soubesses prender o grande relicário
das minhas confissões — tão ardentes e francas...*

*E não seria, assim, um tentamen icario
com que, louco, tomei de falsas alavancas
para rolar-te, aos pés, o mundo planetario!*

*Ouvirias, alli, nas vibrações do poema,
que o meu estro feliz conseguisse fazer,
a alma sentimental, de uma ternura extrema!*



*Eu viria buscar o encanto do teu ser
para na Arte construir tua gloria suprema,
a tua forma ideal de santa e de mulher...*

nos meus versos de amor, de uma ternura extrema!

*Mais sonoro que o bronze e mais brando que o vime,
só o verso é que torna amores immortaes!*

*Pobre amor! si tu te erguesse a uma estrophe sublime,
tu também, como um deus, não morrerias mais!*

Taubaté.

GENTIL DE CAMARGO

A VIDA

*Na minha alma se estende o Saliara immenso...
Bate na areia o sol. De quando em quando,
em meus sonhos, mentindo e desfilando,
passam miragens em visões de incenso!*

*Mas, as tristezas do deserto venço.
E as tristezas heroico supportando,
sinto os meus versos claros retumbando
pelo céu claro sobre mim suspenso.*

*E na minha alma, a inspiração divina,
surge o oásis piedoso, em suavidade,
como um jorro de luz em tanta mina...*

*Goso-lhe o aroma, goso-lhe a frescura...
Depois, ando mil léguas de ansiedade
que ligam dois momentos de ventura.*

RODRIGUES DE ABREU





O LIVRO DE GOLDBERG

EM Oxford, este "burgo pödre das artes", isto é, das letras, venho ultimamente dedicando meus vagares á leitura do livro "Brazilian Literature", de Mr. Isaac Goldberg. Um livro encantador, bem escripto e bem feito.

Não foi surpresa o encontro desse livro. Eu o antecipara, ou antes o entrevira, quando ha seis ou sete mezes parte do manuseripto virgem — um 76 capitulo, creio — passou pelas minhas mãos. Delicia-me a confirmação. Um livro bem escripto sempre delicia, mesmo quando execrável é o assumpto ou execrável o auctor. Mas neste caso experimento o raro goso de nie achar em face dum livro que, sendo escripto por pessoa amiga e versando assumpto que por natureza me interessa, é, ao mesmo tempo, um estudo diabolicamente bem feito. Preciosa sensação, a minha; louvados sejam os deuses!

Faz o livro de M. Goldberg vir-me á tona da memoria uma theonazi-*iha nieio a Wells que me dei uma vez o luxo de formular. Ora vêde: dizia Lemaitre que a critica dos contemporâneos é conversa. Isto por causa da proximidade entre critico e auctor. Meu arremedo de theoria é que similhante proximidade é evitável. Como? Por meio dum quase milagre de transubstanciação: de contemporâneo a postero. Em outras palavras: fazendo que a distancia das ondas faça as vezes da distancia dos séculos. Diz-se aliás em inglês que "foreigners are a contemporâneos posterity". Parece-me haver neste paradoxo — que é de resto minha theoria. original apenas na especificação — uma grande dose de verdade. O expectador distante não é um mero contemporâneo; M. Goldberg, por exemplo, deve sentir-se com relação aos phenomenos actuaes da nossa literatura — Coelho Netto, Graça Aranha, Monteiro Lobato — no anno 2.000 ou 3.000, á maneira dalgum personagem phantastico de Wells. Si eu proprio, que nasci no Brasil e ahi passei tantos annos, e dos mais plásticos, da minha vida, experimento ás vezes, em face de certos phenomenos brasileiros, a sensação dum postero! Parece-me pois perfeitamente razoavel admitir que as distancias atlanticas possam fazer as vezes das seculares. Aliás a Academia Brasileira de Lettras bem poderia sujeitar a idea phantastica aos rigores expe-

rimentaes, empregando um tanto de sua fartura de notas de cem mil reis em adquirir do governo federal a ilha da Trindade; e ahi isolando, sob o referido processo de transubstanciação, os criticos academicos — o Sr. Faria, o Sr. Medeiros, o Sr. Duque Estrada. Qualquer que fosse o resultado da experiencia beneficiava altamente a causa das lettras nacionaes.

Meio contemporâneo, meio postero, Mr. Goldberg estuda nosso arre-medo de literatura nacional, primeiro nos aspectos, depois nas personalidades, que lhe parecem mais significativas — a influencia dos padres jesuitas no século XVI, o nativismo no XVII, as academias no XVIII, o desenvolvimento autonomo, a phase romantica, a reacção critica, Castro Alves, Machado de Assis, José Verissimo, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Oliveira Lima, Graça Aranha, Coelho Netto, Francisca Julia, Monteiro Lobato.

Estuda-os com a maior das sympathias; mas em parte alguma a sympathy exclue o critério esthetico, isto é, o gosto pessoal de Mr. Goldberg, educado e aguçado no estudo das grandes litteraturas — a ingleza, a allemã, a franceza, a italiana, a hespanhola. Mr. Goldberg não considera a litteratura brasileira de primeira ordem; o que nas nossas lettras o encanta é, eu creio, um não sei que de exoticamente saboroso, que elle proprio ignora o que seja, mas cuja essência seu livro distilla.

Seu ponto de vista é o do puro estheta, sem laivo de preocupações quasi-officiaes ou semi-officiaes de nos ser agradavel. Isto fica para os caixeiros-viajantes do pan-americanismo — excellente cousa, na verdade, mas á qual se não deve subordinar a da sinceridade no estudo e critica das artes. Nem se faz Mr. Goldberg, ao contrario de M. Victor Orban, ou das recentes tendencias de M. Orban, em *La Poesie Bresilienne* ⁽¹⁾ — nosso propagandista, a não ser, é claro, indirectamente. Impossível imaginar Mr. Goldberg prestando homenagenm aos talentos poéticos dum Sr. Lauro Muller ou maganões de igual estôfa! O critico de Boston é uma dessas creaturas sem papas na lingua, violentamente sinceras. A' maneira dum Mencken, dum Bennett e, entre nós, dum Antonio Torres, elle diz com a maior sem-cerimonia deste mundo o bem ou o mal que pensa dos homens e das cousas. Influenciado pelo esthetismo de Benedetto Croce, de quem ha tanto tempo — antes de Balfour, e creio que de Carr, na Inglaterra — fez-se ccho nos Estados Unidos o ex-professor da Universidade de Columbia, Mr. Spingarn, o auctor de "Brazilian Literature" considera a litteratura, tanto quanto possível, pura esthetica e alheia igualmente á geographia e á politica. Restringe similhante esthetismo a força da litteratura? Como principio geral, creio que não; tende todavia, particularisado por certos interpretes, a um não sei que de aereo e ascético e até doentio.

Sinto-me tentado a confrontar a concepção litteraria de Mr. Goldberg com a de Sylvio Romero e a do Sr. Ronald de Carvalho. O ponto de vista de Romero era o dum brasilismo mais que geographico, quase politico, ao qual o sergipano impetuoso subordinava o gosto e as preocupações estheticas. Contrasta, portanto, e violentamente, com o processo Goldberg, isto é, o do esthetismo de Croce. Contrasta igualmente com o processo Goldberg, porém não com tanta violência, o biographico-sociologico do Sr. Ronald de Carvalho. O Sr. Ronald de Carvalho, como salienta no prefacio á *Pequena Historia*, o Sr. Medeiros e Albuquerque, "em vês de apreciar auctor por auctor, como si cada um fosse um fenomeno isolado do seu meio, é, ao contrario, filiando-os a esse meio, que ele procura julgal-os, destacando os mais significativos representantes de cada época ⁽²⁾. Para o superficial e pedante Sr. Medeiros e Albuquerque isso de apreciar auctor por auctor, á maneira de Verissimo, é archaico. E' entretanto, o processo de

(1) *La Poesie Bresilienne*, Garnier, Paris, 1922.

(2) *Pequena Historia da Literatura Brasileira*, edição Brigueit, Rio, 1919, pag. VII.

Mr. Goldberg. E' a tendencia victoriosa entre os melhores críticos allemães, inglezes, italianos, norte-americanos e até franccezes. Por isto Mr. Goldberg, admitindo que a preocupação de izolar auotores possa diminuir o valor de Verissimo como historiador litterario, acha que, por outro lado, constitue o seu forte como critico. "Fal-o facilmente, superior a Romero e a Carvalho", escreve á pagina 178. (1) Concorde com Mr. Goldberg. Essa mania de filiar auctores a meios e a *ismos* pode aproveitar ao sociologo ou ao historiador social; para o critico litterario é de secundário interesse. Ao critico o que interessa é o auctor destacado da massa, do meio, dos *ismos*; e mais do que isso, o trabalho d'arte. Pode-se mesmo dizer que a pessoa do auctor, em geral — com sua esposa, ou suas amantes ou seu homosexualismo, sua nacionalidade, côr e credo e suas opiniões politicas, etc., pertence ao *biographo*; somente o elemento individual transmittido deliberada ou subconscientemente ás obras d'arte, interessa ao *critico*. Para traçar a origem desse elemento é que o critico precisa ás vezes enveredar pela biographia, pela vida sexual, pelos amores de puerícia, pelo ambiente doméstico do auctor: ou pelo estudo do seu meio, das tendencias de sua epocha, de sua hereditariedade, etc. Tudo isto pode ser de interesse, de intenso interesse, quando o ponto de partida é o trabalho d'arte *sui generis*; independente do trabalho d'arte deixa de ser material do critico esthetico.

Do estudo da formação das nossas letras (1500-1750) conclue Mr. Goldberg que já ahi se deprehendem as notas que mais tarde deveriam predominar entre os escriptores do Brasil: "imaginação, pendor para a redundância, orgulho local, exuberancia oriental, venetia varia ou inconstante, ardente sensualismo". (2) Estas notas se accentuam sem comtudo chegar a vibração, ao periodo de "desenvolvimento autonomo". E' do periodo romântico (1830-1870) que o estheta de Boston data a maioridade do escriptor brasileiro. "The national winter", escreve, "as a type, lias attained his majority; lie gozes upon brosdier horizons". (3) E' facto. E poderia notar-se, de passagem, que havia então, da parte da oligarchia politico-social (segundo império) preocupações mentaes escandalosamente ausentes noí mandarins de hoje, (4) a tendencia de profissionalismo a todo o panno que nos subjuga ha trinta e tantos annos é, em grande parte, responsável por esse retrocesso na cultura geral dos mandarins brasileiros.

Pergunta entretanto Mr. Goldberg, sempre preocupado em izolar de tudo o mais o prazer esthetico, o que afinal nos resta do periodo romântico, excepção feita d'alguns poemas e de *Guarany*, *Iracema*, *Innocencia*, *A Moço Louro*. (E isto sem os sujeitar a um critério rigorosamente esthetico — ao qual, devo dizer, por mais implacavel, haveria de resistir *Innocencia*.) Responderei que *incunabula*. Mesmo *O Moço Louro* me parece mera *incunabula*. Para o farejador de documentos sociaes da epocha — digo-o por experiencia própria — é que tanto os romances de Macedo como os de Manoel Almeida, são preciosidades... O gentil e subtil Sr. Ronald de Carvalho destaca o facto quanto aos estudos de Almeida, que qualifica de "photographias na primeira prova". (5)

No capitulo seguinte é a "reacção critica" que Mr. Goldberg estuda — "isto é, a revolta, na poetica, dos parnasianos e, no romance, dos naturaüs-

(1) "It renders him easily superior to Romero and Carvalho, the latter of whom » much indelited to both Verissimo and Romero, as is every one who seeks to write of the Nation's letters.

(2) Pag. 52.

(3) Pag. 100.

(4) Nosso tão escrupuloso historiador Sr. Oliveira Lima salientou recentemente O facto na quinta de suas conferencias em Williamstown, nos Estados Unidos.

(5) Pequena Historia da Literatura Brasileira — ed. Briguet. Rio de Janeiro, Pag. 258.



tas". Descrimina entre o parnasianismo francez e o brasileiro; echo colonial do parisiense o nosso modificou-se em ser transplantado, adquirindo, segundo Mr. Goldberg "certo calor tropical". Não conservou a "marmórea frieza" do materno. Satisfazia-entretanto, nota mais adiante o critico, "a necessidade da *psyché* nacional" dalguma cousa de fino e exquisitamente voluptuoso" (1) — cysnes, torres de marfim, outros requifites — que tomasse o lugar da denominada eloquencia condoreira.

A respeito dos naturalistas — Aluisio de Azevedo, Julio Ribeiro, Raul Pompeia — os reparos de Mr. Goldberg parecem-me fugitivos, incolôres, tacteantes: cabe-lhes o rotulo que se coloca nos caixotes de louça... Muito mais vivas, fortes e intelligentes são, neste particular, as paginas do Sr. Remald de Carvalho, isto é, a segunda parte do capitulo IX da "Pequena Historia" onde o fino critério do escriptor brasileiro admiravelmente descrimina entre Machado de Assis, "mais attento ás cousas que extasiado com ellas" e Aluisio, com a sua "visão móbil e segura" e o seu "senso de colorido; entre Julio Ribeiro, "mórbido, sensacionalista", "aquelle em quem era mais forte e agudo o instinto da vida" e Raul Pompeia "inquieta, insatisfeito, o mais poeta de todos os quatro, o mais commovido entre o espectáculo do mundo". (Quanto aos rotulos de "impressionista", "retratista", "intellectualista", etc., que o Sr. Ronald emprega na descriminação dos quatro escriptores revelam de sua parte uma tendencia para *etiquetter*, que, por muito o admirar, não só constato: lamento.)

Dos dez capítulos no livro de Mr. Goldberg acerca de "significant personalities" destaco o que a Veríssimo é dedicado. Parece-me, senão o melhor, um dos melhores, da serie. — Veríssimo foi num meio como o nosso, de elogio falso e verbalismo exaltado, verdadeiro milagre de sinceridade, fleugma e equilibrio. Recentemente o Sr. Medeiros e Albuquerque, no afan de exaltar os méritos da "Pequena Historia", do Sr. Ronald de Carvalho, declarou com aquelle seu ar petulante de pernambucano afrancezado, que o estylo de Veríssimo "é duro, áspero, pedregoso", com "umas pretensões esporadicas de classicismo que chegam ás vezes, a ser cômicas." (2) Sem achar no estylo de Veríssimo a belleza musical das paginas de Rodó, destaca-lhe Mr. Goldberg o encanto de ser sempre directo, simples e lúcido. Salienta em Veríssimo o conceito da critica litteraria — uma arte pessoal, flexivel, eclectica, visando através do fugitivo das formas, das tendencias, das escolas a essenria invariavel do goso esthetic.

Para Mr. Goldberg, o meio não permittiu a Veríssimo a expansão de que era capaz pelo talento e pela cultura.

A litteraturasinha do Brasil, essa retardada mental — a expressão é minha — neoesistava, segundo Mr. Goldberg, mais um mestre-escola que um critico: "necessitava um como policia das artes" (a policeman of the arts, as 't were). (3).

Póde-se de passagem notar que continua o Brasil a necessitar um policia das artes, tanto quanto um detective moral...

A ultima funeção, executou-a na Regertcia. o Padre Feijó; no Segundo Império, e imperador mesmo. (4).

Excellentes são os capítulos especiaes que Mr. Goldberg consagra a Coelho Netto, Graça Aranha, Oliveira Lima e Olavo Bilac. No capitulo acerca de Machado de Assis noto um como receio da parte de Mr. Goldberg

(1) pag. 105.

(2) Prefacio á "Pequena Historia da Literatura Brasileira", Ed. Brigueit, pag. VII.

(3) pag. 173.

(4) Num pequeno estudo, "Social Life in Brasil in the Middle of the 19th century", procuro destacar a figura de Dom Pedro como "a big moral policeman".



de reconhecer no auctor de "Dom Casmurro" um grande artista: um gigante que não precisa da condescendencia de ninguém. Porque hesitar em comparal-o directamente, sem cerimoniaes rodeios, ao Senhor-Anatole-France-Todo Poderoso?

O capitulo "Euclides da Cunha" é outro que, ao meu vêr, merece a advertencia a tinta encarnada: *Frágil!*

No estudo de Coelho Netto, porém, Mr. Goldberg revela o seu forte: o de discriminar suggestões de verdadeira arte por entre a ramalhuda massa de verbalismo. ... Aliás, si não possuísse esse raro, precioso talento, seria idiotice de Mr. Goldberg embarafustar pela floresta semi-virgem e ainda mal assombrada, das lettras hispano-americanas... Setenta e cinco por cento da nossa producção é verbalismo. No Brasil, o sr. Ruy Barbosa conseguiu a fama de semi-deus, não pelos seus fortes estudos, que á nossa juventude amollecida falta a coragem de lêr — como o ensaio sobre Swift e a Introducção a *O Papa e o Concilio*; conseguiu-a por ser o grande verbo-cionante que é. *S<m, verboso et tremendo!* Da litteratura italiana ignoramos tudo — Leopardi, Pascoli, Alfieri, Foscolo, Enrico Butti, Papini; delia o só escriptor que nos subjuga é Gabriele d'Annunzio, com sua formidável nevrose verbal... Das modernas lettras hespanholas e hespanholo-americanas ignora o publico letrado do Brasil Pio Baroja, Azorin, Nervo, Sanchez; attrahem-nos os poucos talentos verbaes — Vargas Vila, Blasco Ibáñez... O Sr. Coelho Netto ha escripto muita cousa que é mero verbalismo; porém, no seu caso, ha que discriminar... Nem tanto de sua obra flue a seiva preciosa da arte; um tanto de sua obra ha de sobreviver. E a mim parece que, excepção feita de Verissimo, ninguém como Mr. Goldberg — nem o Sr. Oliveira Lima na sua serie "Ecrivains Bresiliens Contemporains" publicada em "La Revue" (hoje "La Revue Mondiale") de Paris, em 1910 — ha sabido analysar com tanta finura o trabalho "en masse", do romancista de *Rei Negro*. Escreve paradoxalmente o critico de Boston, que o exotismo do Sr. Coelho Netto "atrahe mesmo quando repelle" (draws even as it repels). (1) Destaca-lhe a voluptuosidade e, em certos contos, como *Os Velhos*, o que chama "olfactory sadism", (2) comparando os effeitos de *macabresa* que a arte do brasileiro ahi consegue com os de Poe em *The Fall of the House of Usher*. Mas para Mr. Goldberg, á grande parte da producção do Sr. Coelho Netto falta a consistência, a flamma, a significação da verdadeira arte. Aponta o critico como exemplo a *novelcitedgua de Juventa*. (3).

Quanto ao Sr. Graça Aranha, ou antes á *Canaan*, que tem feito perder o prumo a tanta gente no Brasil — para não falar da rhetorica exaltada a que arrastou a mocidade inflammavel do Sr. Benedicto Costa, em *lc Romeu au Brésil* — igualmente criteriosos me parecem os reparos de Mr. Goldberg. Creio que a exaltação em torno de *Canaan* começou com uma phrase do Senhor-Anatole-Todo-Poderoso: que "aquillo era o romance da America". Algo assim. Uma dessas phrases a tôa, petulantes, em que o parisiense é fértil quando fala do que não entende. O mesmo Anatole já uma vez disse esita cousa divertida: que Blasco Ibáñez é o maior romancista hespanhol! Uns divertidos, esses parisienses, quando condescendem em expressar-se acerca de estrangeiros.

Canaan, segundo Mr. Goldberg, quando sujeito a um critério exclusivamente esthotico, isto é, independente da forte attracção que o livro exerce como estudo de psychologia social, ou, conforme a classifica o Sr. Benedicto Costa, de critica philosophica, é apenas uma "alta promessa" (a

(1) pag. 253.

(2) pag. C56.

(3) pag. 258.

high promise) (1). Para o critico de Boston, o que lia de grande e definitivo em *Canaan* é sua "significação histórica", que "tende a crescer". Não lhe parece extraordinária a "importancia" artística do livro que, ao seu vêr, "tende a diminuir". (2).

Os capítulos acerca de Bilac, Oliveira Lima, Lobato, li-os com encanto e delicia. Soube o judeu-yankee de Boston extrahir da obra de Bilac a essencia mesma: aquella voluptuosidade dyonisiaca que faz dos versos do auctor da *Via Lactea* um goso intenso para os sentidos. Aliás, acerca de Bilac, como de Emilio de Menezes, ha uns reparos intelligentissimos — superiores aos do sr. Ronald de Carvalho — pelo auctor de *Pasquinadas Cariocas*.

A proposito: como explicar a omissão do Sr. Antonio Torres no livro de Mr. Goldberg? Parece-me defeito serio e particularmente extranhavel num espectador e estudioso das litteraturas modernas como Mr. Goldberg, alerta ás novas tendencias, sympathico aos movimentos de mocidade e revolta. Creio não exagerar dizendo que a significação do Sr. Torres, como uma força nova, ou antes reaccionaria, no nosso meio, corresponde á de Henry L. Mencken, nos Estados Unidos, e á de Leon Daudet, na França. Filial-o ao movimento de São Paulo seria idiotice, embora me pareça commum ao sr. Torres e ao Sr. Lobato, um como Pre-Raphaelismo litterario: a vontade de personalidade própria e personalidade nacional. Mas o Sr. Torres constituc um caso á parte digno de estudo especial. E' um dos nossos talentos mais promettedores — e já o segue com interesse o perspicaz Goran Bjorkman. Que importa o facto de tantos no Brasil verem no Sr. Torres apenas a nota sensacionalista, a violência *terre-à-terre* e o mais que de superficial ha no seu trabalho, no fundo sincero e sobretudo consciencioso e discriminador? Só a superficiaes pôde escapar, da leitura de "Pasquinadas" ou "Prós & Contras", que no Sr. Antonio Torres ha um poder de observação capaz de fortes analyses — e não só no terreno da pathologia social: no da pathologia esthetica, egualmente — e uma vitalidade formidável, que a cultura vae devagarinho disciplinando.

Para Mr. Goldberg, o Sr. Oliveira Lima é a nossa mais alta expressão de intellectualidade. E desse mixto paradoxal de claro bom senso e quasi quixotica independencia, que é o auctor de *No Japão*, traça o judeu-yankee o mais sympathico dos retratos. Caracterisa-o, um tanto á maneira de Oscar Wilde, como "an undiplomatic diplomat" e "an unjournalistic journalist". (3)

No artista de *Urupês* põe em destaque Mr. Goldberg a *gallophobia* que, ao meu vêr, é apenas um aspecto do victorioso Pre-Raphaelismo litterari do Sr. Lobato: a vontade, de sua parte, de vêr com os proprios olhos o espectáculo tragi-comico da vida. Ainda que me aborreçam nos contos do escriptor de São Paulo constantes intrusões de sua mania didactica e do seu messianismo hygienico, não concordo com Mr. Goldberg em que "of pure literature ther is little in the young Saint-Paulist". (4) Com a breca! Metade, pelo menos, de *Urupês*, é litteratura. Senão, que diabo é litteratura? Concorde em que vários dos contos do Sr. Lobato degeneram em sentimentalidade e propaganda hygienica, ou nacionalista ou seja o que fôr. Parece-me, porém, que em grande parte, na maioria, talvez, (ainda que presentes essas preocupações extra-artisticas que a mim como a Mr. Goldberg, pouco interessam), arde a flamma da mais pura arte (4). Succumbirá o artista no Sr. Lobato, ao caricaturista social, e ao pregador de hygiene?

(1) pag. 245.

(2) pag. 245.

(3) pag. 229.

(4) Occorre-me um exemplo:: O *Comprador de Fazendas*.



Creio que não. Fornecem-nos as letras russas e scandinavas suggestões de optimismo neste respeito. Quanto a mim, ainda que conservando os olhos escancarados aos defeitos do Sr. Lobato — á própria tendencia de sua arte de retratar a vida como um photographo de gabinete de identificação aos criminosos e candidatos a passaportes — inclino-me, no seu caso, a uma expectativa talvez exaggerada: a de que o auctor de *Urupés* ha de chegar aos hombros, pelo menos, do de *Dom Casmurro* — ainda hoje, só e isolado no meio da nossa literaturasinha de brinquedo, com o ar timido dum gigante entre crianças a recortar calungas de papel... (1)

GILBERTO FREYRE

(1) Hl em "Drazilian Literature" um capitulo sobre a poetisa Francisca Julia. Muito sympathico a Francisca Julia, Mr. Goldberg. Confesso que meus preconceitos contra literatura feminina sempre me conservaram á distancia da obra da poetisa brasileira, da qual apenas conheço um fragmento ou outro. Deste peccado de exclusivismo devo penitenciar-me: Francisca Julia parece ter sido uma verdadeira artista. Occorre-me outro reparo ao livro de Mr. Goldberg: extranho a omissão dos snrs. Vicente de Carralho, Gustavo Barroso t Afrânio Peixoto.





CRÓNICA DE ARTE

VILLA - LOBOS

O grupo era pequeno essa noite. 6 ou 7. Villa-Lobos entrou com uma nota de 50 mil réis na mão, indignado com o motorista que não tinha trôco para aquela riqueza inútil. Corri pagar o automóvel. Quando voltei, Villa, com o tesouro na mão, ainda estava de pé no meio da sala. Apresentei então ao músico as 2 ou 3 pessoas do grupo que ainda desconhecia. As outras, amigos recentes... Mas Villa sentia-se bem¹. Sabia que o meio era de camaradas. Pôs-se a falar linguagem aberta, como criança entre iguais. E todos nós falávamos assim. Naquella sala estávamos livre do Homem... E era a felicidade! As frases associadas, como num quadro de Kandinsky, coloriam a tela do silencio com as cores das anedoctas, esportes, amores, trocadilhos. E mesmo, pois que a reunião era de artistas, falava-se um pouco de arte também. Todas as heresias permitidas. Éramos mais ou menos como o milionário da "Princesa dos Dólares"; e pela riqueza de felicidade e desprendimento, permitiamo-nos, ante a universal seriedade humana, modificar a nosso talante a significação dos homens e das obras. Duas coisas afastávamos sistematicamente dessas reuniões: a monotonia da severidade e a preocupação do futuro. Cortejávamos apaixonadamente essa morena perversa, de olhos verdes, Dona Vida-que-passa. De tempo em tempo uma palavra sobre o passado... Geralmente ironia. Caçoada sem maldade. Falávamos do passado como falavam do pai os filhos de João Sebastião Bach:

— Oh! êsse velho rabugento...

Mas, deixem lá! amávamo-lo filialmente esse pai tão grande, tão sábio, meio caduco. E por colheitas claras, matutinas, estudávamo-lo diuturnamente êsse velho pai Passado, nos seus altos feitos e no seus erros sinceros.

Villa-Lobos propôs que não se falasse de musica. Queria libertar-se dela por uns momentos. Lembrou-me um sacerdote meu amigo que não visitava ninguém porquê, dizia, quando se sentava numa sala, toda a gente se acreditava obrigada a falar sobre religião...

Mas alguém se voltou na cadeira rotatoria, A mola gemeu.

— Como é? Repita!



E escutado de novo o planger da mola, uma luz triunfal explodiu dos olhos do musico. Cantarolou baixinho e murmurou: Pronto: um tema.

E me pôs a pensar sobre os exemplos que a natureza oferece ao musico; e que Hanslik, Riemann esforçaram-se por negar... Villa-Lobos, êsse musical por excelencia, como um selvagem primitivo, contradizia-os. Tinha o exemplo! Estilizara-o como homem quaternario. Dessem-lhe agora « descanso, propicio á obra de arte, e a musica nascera, conjuntamente humana, cósmica e divina. Cósmica, como tudo que enterra suas raizes na vida natural. Humana, como tudo que tem no tronco oscilante o cerne do coração humano, sumarento de amor. Divina finalmente, pela fôrça criadora individual, que floresce em obras inéditas, supra-reais. A musica de Villa-Lobos é assim. E pela época de hesitação e dúvidas que < a nossa, essas tres forças entrelaçadas numa luta «em fim, unem-se indissolúveis, com importâncias iguais. Si num Beethoven o potencial humano é mais forte; si em Mozart vence o divino e um Debussy é mais cósmico; em Villa-Lobos essas tres forças se combatem, sem que uma sobressaia, espelhando a dolorosa harmonia da vida contemporânea.

Mas o itema era também um assunto. Villa começou insensivelmente a falar de sua arte, de seus projectos e teorias. E que péssimo teórico é Villa-Lobos! Quanto aquém de sua arte ficam suas teorias! Aliás *teorias* não é bem o termo... Villa-Lobos é tão perseguido pelo desamor e inperitencia da critica indigena, que lhe nasceu o medo duma universal incompreensão e a mania de explicar suas intenções. Como si sua arte magnifica não bastasse para justifica-lo, mete-se em explicações nem sempre claras ou exactas, pretendendo principalmente minuciar uma por uma as sutilezas que pôs nas suas construções — sutilezas que na realidade a musica não pode transmitir. Ou, si transmite, o faz por meio de expressões puramente musicas, impossíveis de explicação oral. Combarieu percebeu muito bem essa verdade quando deu á musica a definição conciliatória de arte de pensar, *sem conceitos*, por meio de sons. Ora aos que tiveram com Villa-Lobos uma comunhão mais intima resalta o contraste entre a essencia de sua musica e o valor comotivo que êle lhe dá. As vezes mesmo, em suas explicações, o autor da "Suite Floral" atinge pormenores de tal maneira objectivos, que um julgamento mais leviano dar-lhe-ia ás composições uma intenção programática. Mas Villa felizmente está um século adiante dêsse romantismo. Sua musicalidade intensissima participa característica e indissolvelmente da essencia da musica, sem nenhuma ligação intelectual. E porquê sua arte é assim sonora, e unicamente som, é que, entre os parentescos electivos, êle confessa grande amor por Mozart. Mas ainda aqui surge uma distincção que melhor caracteriza o compositor patricio. Mozart (o da musica de camara) sublime fruto e expoente dum século de classicismo formal, aplica a musicalidade a uma architectura sonora mais irreal, mais bela, e sob essa orientação concerta as impulsões líricas; Villa-Lobos explana sua musicalidade sem êsse preconceito formal, atingindo assim a um mais profundo arcano, e se humaniza expressando (transmitindo) uma comoção mais vital e mais intima. Diferença das épocas! Nem determinei com isso uma superioridade. Não me preocupam superioridades. Descrimino caracteres. O artista não pode sofrer comparação. Tem de ser tomado em absoluto, para ser realmente amado e compreendido. Em Villa-Lobos essa musicalidade expressiva é tão intensa que o leva ás vezes a afirmativas aparentemente cómicas, mas grávidas de verdade. Duma feita chegou a afirmar que *não era musico!* E' que suas criações são por tal forma subscientes e não pensadas (e d'ai essa fôrça convincente que promana mesmo das páginas de menor valor) que pelo significado secreto que as determina, fazem-no aoreeditar-se alem da musica. Com aquella frase, Villa apenas e lindamente queria dizer que tem de ser julgado "*relictio aurium judicio*" como dizia Boécio — alem do simples agradável sonoro. Seu mal está em



explicar o que é inexplicável pela palavra curta. Desde Beethoven que vimos incorrendo num erro de apreciação perniciosíssimo. Parece caber a nosso tempo, principalmente com certos modernistas russos, italianos e franceses, o acabar com esse descaminho. O que mais deve interessar na musica é a própria musica — contanto que desta não separemos a comoção vaga ideal que lhe deve ser inerente e que a palavra não historia nem comenta.

O que salva o grande artista de suas explicações é sua musica. Raro se poderá dizer de outra obra nacional que possua um tal tranbordamento convincente e vitorioso. Notem-se-lhe embora defeitos, a prolixidade excessiva (a maravilhosa Sinfonietta, o Movimento de Tarantella) ella subjugam o ouvinte pela fremente nudez de sua sinceridade. A esse caracter primário, segue a individualidade.

Contemplando a trajectória que em dez anos asconcionais trouxe o artista aos Epigramas mais recentes, nota-se desde logo uma transformação gradual em que essa personalidade se apura, acendrando suas características mais intimas e fortes.

Em primeiro lugar: Villa-Lobos, vivendo segregado das lutas de fórmulas e escolas, longe do conflito artístico europeu, não pode ser filiado a nenhuma orientação determinada. Realiza o que poderia chamar-se, no melhor sentido estetico que a palavra se dê: um *fauve*. Sua critica pessoalíssima liberta-o da clausula das escolas. Não aceita ninguém pelos princípios de que este dispõe, nem mesmo pela genialidade que possui; ás suas ligações artísticas rege unicamente o mistério das afinidades electivas, ou melhor, a empathia, de que falam os psicologos ingleses. Para elle não ha modernistas nem passadistas, gênios ou mediocridades; ha homens que correspondem ou não ás aspirações vagas de sua personalidade. Evidentemente sua envergadura não lhe permitiria jamais gostar do mediocre... Mas acima da hierarquia do talento coloca a hierarquia das intimas correspondências. Livre assim do curso das escolas, na evolução ascensional de sua obra, um desses criticos a que Schumann pedia que "procurasse ás quintas e deixasse os compositores em paz" ver-se-ia atrapalhado para determinar uma progressiva evolução technica, sob o ponto de vista, principalmente, da harmonia ou da orquestração. Conhecedor abalissadissimo de ambas, com uma admiravel intuição dos recursos individuais dos instrumentos, Villa é um feiticeiro incansavel de efeitos, instrumentais. Mas nenhuma preocupação de excentricidade ou exotismo o leva a desperdiçar, perdulário, ás riquezas que lhe foram do conhecimento da orquestra. Não ha *extravaganza*, não ha efeito ultrapassante a já classica orquestra de Wagner, que não se justifique nele por uma absoluta necessidade ou psioologica (Quarteto Simbolico) ou objectiva (Dansas Africanas). Da mesma forma na harmonia Villa-Lobos atingiu aquella clara sabedoria que o livra de qualquer pernicioso preconceito de modernismo. Harmoniza segundo as exigencias naturaes do trecho que compõe. Dos modernistas só aceita, como verdade adquirida, o direito de vida independente da dissonancia. Sua harmonização não é imposta; é uma consequência natural, inconsciente; é de fácil Ou impossivel analise, não ditada por ura juizo, mas gerada directamente de expressão. E si nas obras dos primeiros tempos ainda se notam certas reminiscências dos processos da escola francesa posterior a Franck, elas desapareceram já, incorporadas á sua maneira de harmonisar, livre e sem chancela de nenhuma academia. Por isso repele o preconceito escolástico da atonalidade ou politonalidade obrigatórias dum Milhaud ou dum Casella — cuja obra nem sempre poderá justificar-se, nem mesmo pela sinceridade. Não é pois ai que se irá encontrar o interesse da evolução de nosso grande musico. Essa evolução reside muito mais no acendrar as qualidades psicologicas distintivas de sua personalidade.



Mas delas falarei outra vez. Agora só me resta para assinalar a maior e a mais importante para nós: Villa-Lobos torna-se cada vez mais musico brasileiro. Porém esse nacionalismo que o dignifica, não é o nacionalismo exterior de Ligas patrióticas ou corrilhos literários regionais. E' qualquer coisa de mais seguro e menos moda.

E' curioso mesmo verificar que em sua evolução tudo vai de fora para dentro. Quero dizer que vai da exterioridade formal para a concisão subjectiva. A evolução de Villa-Lobos se desenha como a trajectória dum jorro de agua que, em vez de se alargar na luta contra a pressão atmosférica, começasse em milhares de gotinhas dispersas, congregadas pouco a pouco, alto, num torçal líquido mais rápido, mais possante e vitorioso.

Assim: na transformação da melodia, que dez anos de actividade apresentam, Villa se recata e classiciza cada vez mais. As largas frases de 1913 e 14 se encurtam. O perfume, emanado das peças daquela época. (Preludio de Izah, 1º Trio) se concretiza em essencia (Tédio da Alvorada — essa obra — prima, os admiráveis Epigramas, a Suite Floral). Da melodia infinita para o tema. Por isso, á medida que perde aquela juvenil prolixidade, analítica, facilmente apaixonada, ganha em precisão e grandesa sintética. índice gentil de modernidade!

Da mesma forma se acendra o brasileirismo de Villa-Lobos. De acessório passa a faculdade efectiva de alma. Libertou-se do exotismo romântico da peça característica, cacoete que infelicitava a grande obra dum Albeniz e em geral a de todos os músicos regionais, para adquirir um aspecto nacional mais eficiente, embora virtual. Deu-se em Villa-Lobos todo um movimento de concentração, de cristalização, que salvou seu nacionalismo da sincopa obrigatoria e do tema enxertado. Compreende-se que a um estrangeiro, principalmente sendo este europeu, interessaria mais essa fácil utilização de sambas e modinhas. Ao estrangeiro esse exotismo divertirá; pouco se importa ele que nossas qualidades étnicas se definam e concentrem e o artista brasileiro realize o que desejou tão justamente Graça Aranha: o homem brasileiro com espirito latino. Força é confessar porém que Villa-Lobos si acrisola suas qualidades de musico brasileiro caracteriza-se também por certo misticismo, certa *Schensucht* do metafísico, muito pouco latina (Quarteto Simbolico, Historia de Poeta).

Isenta desse caracter dansarino ou trovadoresco, a obra de Villa-Lobos não tem o facilmente compreensível nacionalismo dum Granados ou Rey Colaço, mas atinge o poderoso e secreto fundamento racional que determina a obra dum Strawinsky, dum Weber, dum Scarlatti, e que não só pelo ritmo e pelo arabesco melódico, mas também e muito mais pelo *pathos* geral se determina.

Obrigam-me a parar. Mas voltarei nestas mesmas crônicas a dizer especialmente da obra pianistica, de Villa-Lobos, em que ele pôs tão grande soma de perfeições, rendilhadas em sutileza e graça. Então acentuarei as outras qualidades que o enriquecem. Villa progride e trabalha sempre. Prodigiosamente dotado como é, tem sobre si a gloria dum destino penosíssimo e a tremenda responsabilidade daqueles raros sobre quem Deus acumulou em abundancia os talentos musicais. Mas saberá responder á expectativa dos que o amam. Certas paginas suas, Tédio de Alvorada, as Bonecas o Quarteto Simbolico, muitos Epigramas, creio estarem alem de toda morte. E vejo-o ainda subir!... Mas ponho um silencio nos meus lábios para não baratear o adjectivo que só a posteridade justifica.

MARIO DE ANDRADE.



O GUIZO

ERA uma vez um cachorro que tinha um guizo. Chamava-se Jack e era um bello e nobre animal; embora pequenino no porte, via-se que era um cão de alta linhagem, que deveria ter na sua complicada ascendencia canina algum dog de puro sangue nascido às margens ruidosas do Tamisa ou na silenciosa Oxford cheia de bruma. Jack, porem, nascera numa pacata cidade brasileira e era quando muito um cachorro de estimação, o que entre elles, cachorros, equivale á nossa expressão — pessoa de sociedade.

Sempre limpo e bem tratado, tinha a comida a horas certas, dormia, pelo inverno, num palheiro confortável e, pelo verão, na sua casinha de madeira, ao fundo da chacara. Fazia a côrte ás mais bellas cachorrinhas do bairro e quando passava pela rua, lépido, o 9eu guizo tilintando, não descia a cumprimentar qualquer cachorro magro desses que infestavam a cidade, cachorros pés-rapados, cachorros vagabundos, sem dono nem domicilio conhecido... Não lhes dava confiança — lá isso não! elle, Jack, o cachorro mais distincto do quarteirão e quiçá da cidade, que morava na casa dum titular, tinha bom caldo todos os dias e, aos domingos, fazia passeios ao campo, com a respeitável familia do Conselheiro.

Ora, esse cachorro feliz, amimado, querido, que vivia como um cachorro de lord e fizera para uso proprio uma philosophia epicurista e sceptica acerca das cousas todas da vida, teve na sua existencia despreoccupada e alegre um grande desgosto, um dissabor enorme que lhe amargurava todos os prazeres, que lhe

consumia e minava, aos poucos, a jovialidade e o bom humor d'antanho.

Fôra, de principio, um simples capricho; hoje era uma paixão, uma obsessão allucinante, uma idéa fixa... A primeira vez que elle vira Velludo, um cachorro feio e magro daquella pobre família do vendeiro da esquina, trazer ao pescoço um guizo de lata, JaCk abanára a cauda, rindo-se intimamente e a bom rir da pretensão ridícula daquelle palhaço.

E que guizo! Era nem mais nem menos que uma dessas vulgares latas de conserva furada e amarrada ao pescoço por um 'barbante grosseiro e á qual urna pedra servia de badalo — torpe contrafacção de guizo, grotesca, hilariante, que nenhum cachorro de juízo e de gosto levaria a serio.

Era esse o guizo que Velludo trazia orgulhoso, duas semanas atraz, a ponto de passar o dia subindo e descendo a rua, com modos de chamar a attenção dos outros cães.

Um guizo de lata velha! E elle, Jack, que tinha um de metal prateado, pequeno, de artistico feitio, produzindo um rumor fino e delicado, prezo ao pescoço por um cordel macio de sêda, não andava a exhibir assim o seu guizo, numa estúpida ostentação como a que fazia agora o Velludo! Mas, não lhe daria importância: podia tocar o seu guizo, o seu ridículo guizo, desde o amanhecer até a noite...

II

O guizo de Velludo, entretanto, o perseguia. Jack entrou de notar a attenção que aquelle som forte e ruidoso despertava no bairro, mal Velludo assomava á porta da vendôla e punha-se a descer ou subir a rua, correndo, aos pinotes, como cachorro mal educado que era...

Isto deu, desde logo, muito que cuidar a Jack. Porqu; seria que o guizo do outro, tosco e mal feito, chamava mais a attenção do que o seu que era um verdadeiro guizo artistico, perfeito e acabado? Seria o barulho, o tilintar mais sonoro ou, então, o seu formato maior que, assim, attrahia a curiosidade dos cães, rrioradores do bairro ou transeuntes? Mas, Jack, custava-lhe crêr que todos os seus semelhantes fossem tão frívolos e tão estúpidos a ponto de se deixarem levar mais pelas apparencias que pelo valor e preferirem, a um simples confronto, o guizo de Velludo ao seu. Quanto ás cachorrinhas novas e ingênuas, vá que fosse: ellas, pela idade e pelo sexo, são levianas e não saberiam distinguir o merecimento dos guizos que andam prezos ao pescoço dos cães... Mas, não eram só ellas; até os cães burguezes, os gordos molossos das chacaras visinhas, os respeitáveis cães



de guarda que formam as classes conservadoras da sociedade canina, corriam latindo, num cumprimento mixto de admiração e cordialidade, á passagem do Velludo e até o Cerbero, velho cão, decáno venerável do bairro, zelador fiel do nobre palacete dos Condes de Aroeira, vinha, entre curioso e interessado, num abanar de orelhas denunciador de franca benevolencia, ver o Velludo quando corria a rúa, ao som vibrante do seu irrisorio chocalho.

O Cerbero que era um cachorro sisudo, com larga experiência da vida, considerado mesmo como um philosopho pelos outros cães — e, emtanto, deixar-se impressionar por aquella triste ridicularia!

Jack começou a intrigar-se com aquillo. Ensaizou umas corridas pela rúa com o seu guizo, cujo tilintar suave e fino, parecia um leve vibrar de campainha, a vér si faria o mesmo effeito do guizo de Velludo. Ninguém deu por elle sinão uns cães vadios e morrinheiros que se aqueciam ao sói e ladraram, á sua passagem, impopérios de ralé. Jack voltou para casa impressionadíssimo. Esse dia não jantou, apesar de lhe servirem um delicioso caldo de lentilhas, no lindo prato azul de porcelana de Sévres onde comera a Elvira, a graciosa filha mais nova do sr. Conselheiro. Jack não tinha appetite... O guizo de Velludo começava a preoccupal-o sériamente.

III

— Dlen-dlen-dlen!

Jack correu instinetivamente ao portão. Era Velludo que passava, perseguindo um cachorro feio que apparecera no bairro, perdido, naturalmente, do seu rumo. E Jack sentiu que já lhe não era possível occultar a quédia sensiyel do seu antigo prestígio. Pois si até aquelle poder de expulsar os cães invasores que, por muito tempo, se reservára para si, Velludo, o impertinente, o usurpador. Velludo lh'o tomára! A cachorrada toda do bairro achava-se, áquella hora calma da tarde, pelas portas e passeios, ladrando aos passantes, correndo parelhas pela calçada, fariscando-se, divertindo-se, gosando, enquanto elle, Jack, cão nobre e distincto, que fôra sempre o animal mais querido da rúa, ia se fazendo esquecido, desprezado, só porquê Velludo tinha um guizo maior e mais barulhento que o seu... Com que amarga tristeza Jack revivia o seu passado feliz, as lindas tardes do verão que acabava, quando elle passeiava o seu poderio e a sua gentileza ante a admiração babosa da canzoada estúpida! Ah! aquelle guizo! Amaldiçoado guizo! Como elle odiava a Velludo, como desejaria vel-o estraçalhado sob as rodas de um bonde ou vi-



ctima das *bol*as que os fiscaes andavam dando aos cães vagabundos! E que era Velludo, afinal das contas? Um cão vagabundo, sujo e indecente, que andava pela baiúcas mais infectas, tinha péssimas relações nas mais baixas classes caninas, sendo até suspeito de alimentar idéas anarchistas. Era sabido que pelas suas maneiras indelicadas apenas o tolerava a plebe canzual, sendo lhe vedado entrar nas casas nobres, desde que, pela sua grosseira inconveniência, se atirára, uma vez, irreverentemente, ás canellas aristocráticas da senhora Viscondessa e roubára, de outra feita, uma rôda de paio da bem sortida dispensa do sr. Inspector do quarteirão... Si elle, Jack, seria capaz de de commetter uma dessas gravíssimas faltas! Nunca... Para isso recebera esmerada educação, tornando-se, pelo meio em que fôra criado, um cachorro polido e de maneiras distinctas, fraldiqueiro desde pequeno, gosando os afagos e caricias das meninas, admittido a acompanhar a Senhora Conselheira ás visitas que fazia, e recebendo mesmo do Conselheiro — homem sêcco e de poucas palavras — amabilidades inequívocas e captivantes... Não, elle era evidentemente, feito d'outra massa, pertencia a outro circulo, e jamais, custasse-lhe isso o sacrificio do seu prestigio e da sua vida, se mancharia, se baratearia ao ponto de sahir á rúa trazendo ao pescoço um miserável guizo como aquelle que fazia o orgulho de Velludo.

IV

Dia a dia o pobre Jack definhava...

Em casa, alarmados ante a súbita invasão daquella inexplicável enfermidade, redobravam-lhe os carinhos e prodigalisavam-lhe o tratamento adequado, sem que melhora alguma se manifestasse.

Era o triste animal reanimar-se um pouco, tentar sahir, vêr a rúa, o jardim, o chafariz, matar a sua nostalgia do ar, do céu e das borboletas, lá vinha, rumoroso e irritante, o guizo de Velludo a arruinar-lhe todo o resto do dia, a estragar toda alegria do seu passeio...

Ultimamente, tal era a sua excitação nervosa, que todo os ruidos lhe evocavam aquelle rumor: uma campainha de bicycleta, um tympano de bonde, um tinir forte de botão eléctrico — e já o infeliz se via atado de novo á dolorosa obcessão daquelle guizo fatal.

Pelo bairro, nas palestras á tarde, nos idillios furtivos da noite, já ninguém fallava do esquecido Jack. Era como si elle já tivesse morrido. Velludo era o cão da móda, o cachorro bem-quisto, cujo convívio era ávidamente procurado pela canzoada



ingrata e volúvel... As cachorrinhas que, antes, o enxotavam, com asco, agora entretinham-se com elle em colloquios prolongados e os cães molossos empinavam as orelhas, abanando salmalescamente as caudas, quando elle passava, sacudindo o seu guizo de latão... Criou fama de bom caçador e guarda fiel das propriedades — elle, o cão inútil e de péssima reputação até pouco tempo. E' assim que se fazem as grandes popularidades, pensava Jack, na sua ironia rudimentar de cachorro.

Entremettes, ia Jack se consumindo paulatinamente... Um dia em que amanhecera mais acabrunhado, resolveu sahir a busca de distracção. Iria dar um passeio até á praça, observar a impressão que causaria o seu aspecto de decadencia aos seus antigos admiradores. No caminho, nenhum cachorro lhe abanou festivamente a cauda, com aquella galanteria cortez dos outros tempos. Alguns conhecidos viraram-lhe o focinho, fingindo não o terem visto... Jack sentiu aggravar-se a sua magua com aquella ultima decepção... Seria possivel que tudo aquello se dêsse devido exclusivamente ao condão mágico do guizo de Velludo? E si elle mandasse fazer um para si? Mas, seria rebaixar-se, condescender miseravelmente com o máu gosto da plebe ignara... Eis que do fio desses pensamentos o veiu desviar o ruido sonoro e alacre de uma campainhada...

Seria o guizo de Velludo que o vinha perseguir, zombando da sua situação angustiosa? Jack olhou para cima, para baixo, farejou longamente e dispunha-se a voltar para a chácara, tristonho, a cauda cahida num gesto largo de descrença, quando um bonde o atropelou... Jack tentou ainda correr, aturdido pelo rumor forte da campana, mas já uma das rôdas o apanhára... Correram cães, ladrando; uma crioula que passava estacou, assustada, diante da tragedia; o carro parou... Mas já era tarde. Jack, na suprema agonia, contorcendo-se de dôr e de desespero, ouviu o guizo de Velludo que numa carreira desabalada, descia a rua para o local do desastre.

Aquelle guizo, naquelle instante, era a suprema affronta, o derradeiro 'sarcasmo da sorte. Jack soltou um ganido afflictivo, dir-se-hia quasi um gemido e virando-se para o outro lado, morreu. ...

JOSE' MESQUITA.





A ISCA, novellas de Julia Lopes de Almeida. Livraria editora Leite Ribeiro, Rio de Janeiro, 1923.

Poucos dos nossos escriptores têm tanto poder de evocação como esta escriptora, de quem já se disse que é o primeiro dos nossos romancistas. Nesta novella, "A isca", que occupa mais de cem paginas do volume, a sociedade elegante do Rio, com toda a sua futilidade e corrupção, está tão bem apanhada, que os que, porventura, a não conhecem, podem delia fazer uma idéa justa através da leitura daquellas paginas, cheias de movimento, e onde a vida palpita, a verdadeira vida, tal como todos a conhecem e não como certos escriptores, que só recorrem á imaginação, a dão a conhecer. Quem lê um conto, um romance desta illustre escriptora, tem a impressão de que ella, ao compol-o, não foi buscar recursos á imaginação, e sim fazer passar pela memoria episodios de vida a que assistiu e de que talvez fez parte. Junte-se a isto o seu estylo, sempre claro e correcto, que tanto agrada aos leitores communs como aos mais exigentes leitores, a vivacidade da dialogação, o interesse da acção, e está explicada a razão do seu êxito. Em "A isca", como nas outras novellas do volume, "O homem que olha para dentro", "O laço azul" e "O dedo do velho", as descrições são sempre ouertas e interessantes. Nada fatigante, nada supérfluo.

Neste ultimo trabalho, d. Julia Lopes de Almeida revela-se a mesma escriptora de "A intrusa" e da "Ânsia eterna".

O BRASIL CONTEMPORÂNEO, por Mario Pinto Serva. Irmãos Marrano, editores, São Paulo, 1922.

E' voz corrente que o fecundo e popular escriptor sr. Serva, toda vez que tem de referir-se ao Brasil, aos homens da actualidade e ás suas instituições, o faz com immenso pessimismo. E' essa de factó, a opinião corrente mas é injusta. Ninguém de boa fé e de visão arguta pôde affirmar que o nosso paiz prospera sem empecilhos no seu avanço para grandiosos futuros e que os nossos governantes, cheios de competencia e de patriotismo, estão preparando o caminho para essa-avançada triumphal. Ha os que assim pensam, e são os illudidos, e ha os que taes coisas propalam, e são certos jornalistas, que têm precisamente essa incumbência. Ora, o sr. Serva, além do agudo senso de observação de que é dotado, fez o proposito de pensar por sua própria conta, e quando externa o seu pensamento o faz com independencia e desassombro. E porque é patriota e lhe dóe que este paiz, pela sua grandeza e pelas suas riquezas, ainda não occupe o logar que lhe competiria na moderna civilisação, entra a estudar o problema, a indicar as lacunas, a aconselhar as medidas que devem ser postas em pratica, e, sobretudo, a encarecer o que nelle ha de atrazo, de corrupção, de desorganisação.



Que é um livro de patriotismo, não há dúvida. Palpitante de actualidade e escripto com calor, o "Brasil contemporâneo" está destinado a um grande êxito.

*O HOMEM E A MORTE, romance de Menotti Del Picchia.
Monteiro Lobato & Comp., editores. São Paulo, 1922.*

Este distincto escriptor e poeta é o chefe da nova escola que leva o rotulo de Futurismo e cujos adeptos se têm mostrado aggressivos contra os literatos "vieu jeux", a que chamam passadistas. Mas dizia-se á bocca pequena que o sr. Del Picchia jogava com pão de dois bicos, isto é, conservava-se passadista na sua literatura para não perder os leitores que conquistou á força de trabalho e de talento, e confessava-se futurista para ficar de bem com o grupo barulhento e ganhar-lhe também os applausos. Entretanto, "O homem e a morte" é um romance que sae fóra dos moldes communs, pelo entreccho, pelas idéas e pela linguagem. A linguagem e a dialogação têm uma vivacidade, um calor excessivos, e muitas das idéas e conceitos que se encontram no livro chocam a imaginação do leitor pela originalidade e por um quê de imprevisito.

E' pois um romance originalissimo.

Os adversarios deste escriptor arguem-n'o de falta de propriedade na expressão e de desobediencia ás regras mais comensinhas do vernáculo. A verdade, porém, é que a sua linguagem é rica de expressões e de fórmulas e que elle tem o subtilissimo engenho de visitar as idéas mais fugitivas e dar corpo quasi palpavel a pensamentos, que, na verdade, se nos antolham bem difficeis de expressar. De recursos de lingua dispõe elle abundantemente. Se incorre em certas faltas — coisa que nunca lhe notámos — vá isso á conta do seu excesso de producção e do arranco com que o arrastam as idéas. Entre nós não conhecemos outro que mais trabalhe e produza. Demais, nem tudo nesse talentoso escriptor e poeta deve ser virtude. Nada mais humano que se lhe apontem alguns peccados...

Seja como fôr, quem escreve "O homem e a morte" está talhado a fazer grandes coisas, e algumas já estão feitas, como "As mascaras" e este ultimo trabalho.

LITTERATURA E ARTE BRASILEIRA, conferencia em Buenos Aires, por Sylvio Rangel de Castro. Livraria Leite Ribeiro, Rio, 1923.

Sinceros louvores merece este distincto patricio que, em Buenos Aires, não há muito, deante de um publico selecto, composto de intellectuaes e das famílias mais representativas da alta sociedade portenha, discorreu, no decurso de varias conferencias, a proposito das nossas letras e da nossa arte, desde a phase romantica até á presente, tendo a habilidade de trazer suspensa dos seus lábios toda uma platêa attenta e numerosa. Nessas conferencias, que foram presididas pelo sr. dr. Juan Agustin Garcia, presidente da Academia de Philosophia e Letras, tratou o nosso patricio de todas as fórmulas da nossa arte, romance, conto, poesia pintura e esculptura, dando um resumo de cada uma delias e enaltecendo o valor de algumas das grandes figuras que nellas se destacaram.

O sr. Rangel de Castro allia ás suas notáveis faculdades de escriptor e critico ás de orador fluente e brilhante. As suas conferencias foram coroadas do mais franco successo sendo entusiasticamente applaudidas pelos intellectuaes argentinos, entre os quaes se apontavam o sr. dr. E. S. Zeballos,



presidente do Instituto Popular de Conferencia sobre a "Mentalidade Brasileira", e pelo sr. dr. Manuel Durqui, reitor do Collegio Nacional Mariano Moreno, os quaes, também, em longos e memoráveis discursos enaltecerao o valor dos nossos grandes homens de pensamento.

Reunidas em volume, essas conferencias constituem uma leitura muito interessante.

*PALANQUIM DOURADO, romance de Mario Settc, com
illustrações de J. Ivasth Rodrigues, Off. Graph. Monteiro
Lobato & Comp.*

Este romance do sr. Sette sae inteiramente dos seus moldes habituaes. A. acção se passa em Olinda, na época em que o espirito nacional anciava por libertar-se do dominio portuguez. O enredo é muito bem urdido, e o escriptor, ao apresentar o scenario e os seus typos, fal-o com muita verdade e com um vivo poder de evocação.

O scenario, a dialogação, a indumentária, os usos, tudo está bem dentro da época, e neste trabalho, mais, talvez, que em qualquer outro, revela este distincto escriptor um meticoloso apuro de fôrma tanto no conjuncto, para o effeito geral, como nos pormenores, que são tratados com muita finura. Um bom romance, em resumo, que tanto agradará aos leitores de "élite" como á grande massa de leitores.

*RUMORES DEL SILENCIO... versos por Luis Rodrigues Le-
grand. Edição de A Montevcrde & Comp., Montevideo,
1922.*

E' um poeta philosopho este, para o qual todos os themas merecem analyse e commentaric, menos o amor, de que não cura. Não é pessimista nem optimista, e encara as coisas ora com prazer, ora com azedume, conforme o seu estado d'alma ou, não raro, conforme as próprias suggestões da rima. Versifica bem, e o verso lhe sae sempre fluente e as rimas acodem com uma solicitude de companheiras amaveis.

A primeira parte da pequena collecção compõe-se de sonetos, e entre estes alguns ha que são realmente bem feitos e construídos com habilidade.

ESCOMBROS FLORIDOS, poemas de Onestaldo de Pcnnaforte.

Agora que o futurismo, o penumbrismo, ou o que melhor nome tenha, poz hombros á tarefa de derrubar tudo quanto o engenho humano construiu, e está a clamar por coisas novas, por novas idéas e outras fôrmas de expressão, o livro deste poeta, com seu colorido romântico e seus logares communs sentimentaes, é um verdadeiro objecto de museu. Os seus motivos poéticos ainda são os mesmos que Casimiro de Abreu explorou.

Nada de novo se encontra nos seus versos; as idéas, a fôrma, as expressões, tudo é corrente entre os mais descabellados poetas do romantismo.

Entretanto, a despeito disso, ha em "Escombros floridos" muita doçura, muita poesia embaladora. Haja vista o soneto intitulado "Sua mão":

A mão do meu suave amor é leve
Como a aza de um passaro a voar...
Tem todas essas curvas que descreve.
Pelas areias húmidas, o mar...



De longe, às vezes, num adejo breve,
A alma me afaga, me afagando o olhar...
Xião que se cobre de um alvor de neve
Se acaso tento os dedos seus beijar.

Ninguém diria que essa mão serena,
Que tanta força tem, sendo pequena,
Pôde, num gesto de expressões febris,

Mudar o curso das eternidades,
Desmoronar impérios e cidades,
Erguer montanhas... me fazer feliz!

Não cure o leitor de indagar que natureza de mão é essa que tem o poder de levantar montanhas e mudar o curso ás eternidades, porque o que vale menos nos versos deste poeta são os conceitos que elles encerram; cure, antes, de se deixar embalar pela musica, que é sempre delicada e caridosa.

No dia em que elle souber alliar algo mais a essa musica, as suas poesias tornar-se-ão muito mais interessantes.

COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, feio dr. Renato Kehl.
Livraria Alves, Rio, 1923.

Não ha duvida que no Brasil ha médicos de grande valor, notáveis especialistas, habilíssimos cirurgiões, que podem hombrear com os mais reputados da Europa e da America; sem embargo, os estudantes de medicina têm de mergulhar nos tratadistas francezes ou em obras vertidas para o francez, porque eni portuguez pouca coisa ha e essa pouca já está ficando antiquada. A razão disso é que os médicos patricios não escrevem, não se resolvem nunca a deixar perpetuada, no livro, a sua vasta sciencia acumulada. Assim, pois, tudo quanto estudaram, todas as observações que fizeram no decurso de uma longa existencia e através de uma vasta clinica, desaparecem com elles, quando deixam de existir. De todo o esforço que fizeram nada fica para proveito dos estudiosos.

Desculpam-se os nossos grandes especialistas com as preocupações da clinica, que lhes não deixam vagares para escrever.

Ora, é sabido que os mestres da literatura medica, na Eurapo e na America do Norte, têm também sua numerosa clientella...

A razão, pois, outra, e não é difficil atinar com ella; é que aos médicos patricios, exceptuando apenas os que são menos profissionaes que homens de letras, falta-lhes realmente a cultura literaria. As letras não são positivamente-o seu forte delles.

Dentre os pouquíssimos que se exceptuam e que são a honra da classe medica, é de justiça ainda destacar o dr. Renato Kehl, que tanto é um excellent profissional quanto um éiccellent escriptor. Moço ainda, a sua obra já orça por uns dez volumes.

Desde muito tempo se vem dedicando á eugenia, e, hoje, entre nós, a julgar pela preciosa contribuição com que tem enriquecido a literatura eugénica, como "Eugenia e Medicina Social", "Melhoremos e prolonguemos a vida", a "Cura da fealdade" e "A fada Hygia", é quem mais autoridade possui sobre essa vasta e complexa matéria.

"Como escolher um bom marido", livro escripto sobre essa mesma especialidade, é o que ha de mais interessante sobre o assumpto, e será lido com prazer por toda classe de leitores.



*CASAMENTOS A PRESTAÇÕES (Scenas da vida carioca),
por Otto Prazeres. Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo,
1923.*

Este escriptor é sempre lido com prazer, mesmo quando o assumpto sobre que tem de escrever, por dever profissional, é destituído de interesse, e isso porque tem elle a habilidade de pôr interesse onde o não ha. Mas este nltimo livro, "Casamentos a prestações", é duplamente interessante, não apenas pelo interesse que lhe dá o autor, senão pelo interesse que contém. São scenas da vida, episodios de rua ou episodios domésticos, tratados com muita leveza, com muita graça e, sobretudo, com muita observação. E' uma leitura leve, destinada a fazer esquecer as horas agradavelmente, uma leitura deliciosa em fim.

Essas edições minúsculas, próprias para levar no bolso, que os editores Monteiro Lobato & Comp. publicam, ás vezes com o nome de "Bibliotheca da Rainha Mab", vão-se tornando cada vez mais queridas do publico.

Tudo, portanto, concorre para o successo do livro do sr. Otto Prazeres.

*ENSAIOS E CONFERENCIAS, por José Euclides, Imprensa
Official, Parahyba, 1922.*

O autor é um curioso, e dirige as suas curiosidades para as pesquisas philosophicas especialmente. Observador e estudioso que é, aprez-lhe ir resumindo em pequenos artigos, em notas, em monographias, as idéas que vae adquirindo através das suas constantes leituras e com que, dia a dia, enriquece o seu acervo, já volumoso, de conhecimentos.

"Ensaaios e conferencias" formam uma collecção dessas matérias, todas ellas interessantes e de muita oportunidade. Theorias do desenvolvimento social, o problema do ensino, idéa de patria, o feminismo na historia, factores da actividade mental brasileira, syntheses do monismo, etc., são as theses que o autor desenvolveu, e o fez com segurnança e, não raro, sob pontos de vista pessoal.

E' livro que, por certo, terá os applausos dos estudiosos.

*A ALMA E O SUBCONSCIENTE, por Alberto Seabra.
Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.*

No Brasil, provavelmente, ha muitos espíritos adeantados que se dedicam ás pesquisas psychologicas, a esses estudos que levam o rotulo geral de "sciencias occultas"; mas, si os ha, guardam para si o seu saber, e nunca revelam ao publico, pelo livro, pelo jornal ou pelas publicações próprias, tudo quanto adquiriram pelo estudo, pela meditação e pela experiencia. E tanto é isso verdade, que os periodicos que por ahi ha, destinados á propaganda dessas idéas, são alimentados por traducções e rarissimamente collaborados pelos estudiosos.

O dr. Alberto Seabra constitue uma honrosa excepção entre nós. Escreve com abundancia no interesse de vulgarisar no Brasil o gosto por esses estudos, levando as suas convicções, pela lógica e pela prova, a outros espíritos, e é considerado muito justamente como um dos mais autorizados esoteristas brasileiros. Este ultimo trabalho, "A alma e o subconsciente", é um dos melhores que tem produzido, e pela elevada matéria que contém, pela eloquencia com que são expostas as idéas e pela maneira corajosa com que aborda certos factos que escapam ás fronteiras das cogitações communs, é o mais interessante que conhecemos em nossa lingua.



As idéas que desenvolve são estas: erros do materialismo medico, o enigma da personalidade, phonomenos espiritoïdes, erros do espiritismo popular, factos premonitórios, physica da magia e o problema do além. São como se vê, assumptos de palpitante interesse, e o autor trata de cada um delles com superioridade de vista, conseguindo despertar, mesmo naquelles a quem são extranhas estas pesquisas, uma viva curiosidade.

Os esotristas não podem dispensar a leitura desta ultima obra do sr. Alberto Seabra. Neila encontrarão a solução de muitas questões que andam por ahi debatidas e que pareciam eternisar-se no terreno da duvida. Uma magnifica obra.

UNGUINHAS DE PRATA, por Euclides Andrade (Epandro). Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.

Não ha quem não conheça o Epandro, o popular humorista dos "Belliscos e Piparotes", que de vez em quando fazem a delicia dos leitores do "Diário Popular". "Linguinhas de Prata", é uma rica collecção de aneddotas, de historietas engraçadissimas, dessas que obrigam a gente a rir sem querer, a ponto de não poder ter as ilhargas.

A edição, que é minúscula, da Bibliotheca da Rainha Mab, é um encanto de graça e arte typographica.

RECEBEMOS MAIS:

Renascença, excellente publicação mensal de programma feminista, sob a direcção de d. Maria Lacerda de Moura.

Pela vida fora.. • por Silva Ramos. Edição da "Revista da Lingua Portuguesa", Rio, 1922.

Historia de arrabal, por Manuel Gálves, com illustrações de Adolfo Bellocq. Buenos Aires, 1922.

Las rutas paralelas, por Alberto Lamar. Buenos Aires, 1922.

Bureau des longitudes, annuaire pour l'an 1923.

Educación, excellente revista mensal que se publica em Santiago do Chile, dedicada a questões de ensino.

Uma gloria alagoana (Dr. Manuel Joaquim Fernandes de Barros). Discurso proferido pelo académico dr. Luiz José da Costa Filho, por ocasião de ser recebido na Academia Alagoana de Letras, aos 28 de Setembro de 1921.





POESIA DE HONTEM E DE HOJE

Ha vinte e tantos annos, como um reflexo do simbolismo francês — os nossos movimentos literários são sempre reflexos — tivemos, no Rio, as primeiras aparições de uma poética opposta á maneira parnasiana. Esse reflexo, em grande parte, nem era directo: procedia principalmente do chamado "nephelibatismo" português, então realçado pelas audacias brilhantes de Eugênio de Castro e prestigiado pela contiguidade do "caso" Antonio Nobre.

A pequena onda chegou, em certo momento, a altear-se e encrespar-se, a suggerir prenúncios de "era nova". Mas está escripto que os nossos movimentos literários, sempre reflexos longínquos e tardios, nem trazem força de convicção e ardor de entusiasmo bastante, nem esbarram em resistências consideráveis. Deu-se em breve a accommodação costumada. Depois de algumas escaramuças ligeiras, nas quaes, como é rigorosamente do estilo, estalaram insultos e guaia-ram chufas a proposito de versos com ou sem cesuras e de outras questões igualmente graves, a corrente nova aplacou suas ancias revolucionarias e adiou u reforma da mentalidade brasileira.

Os apostolos intransigentes desceram a confabular com os Ímpios. Os guardas avançadas ensarilharam armas, sentaram-se á beira do caminho, e trocaram as cachimbadas da amizade e da reconciliação com o gentio perseguido.

Francisca Julia, a mais completa organização parnasiana da nossa literatura,

teceu algumas estrofes doridas a Nossa Senhora, que era então muito reverenciada pelos novos, como deve estar bem lembrado o sr. Afrânio Peixoto... Bilac fez as "Baladas romanticas", que de romanticas não teem sinão o titulo, sendo na verdade uma timida variação da musica nova. Vários simbolistas da primeira hora voltaram ao aprisco, outros combinaram as duas maneiras, tirando uma resultante conciliadora, e outros, ainda, entraram a frequentir alternadamente os jardins de Verlaine e chi Leconte. Só ficaram í parte, firmes na posição assumida, e em verdade a brilhar no seu isolamento orgulhoso, Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens.

Esta situação durou mais de vinte annos: o parnasianismo a vicejar pelo paiz a fora, ao lado das vagas tendencias emanadas do simbolismo, sem que nenhum choque viesse perturbar essa convivência pacata.

Mas, o parnasianismo não podia deixar de cair, como todas as escolas ou todas as correntes, na estagnação das suas idealidades inspiradoras, na mecanização dos seus processos; não podia deixar de ir deslizando para o artificio. E' o que infalivelmente succede quando uma escola dura o bastante para que domine, para que se propague e para que, de certo modo, se oficialize. Torna-se numa "terra de ninguém", onde toda gente penetra e onde se instalam os que o desejem.

A vulgarização extrema dos modelos illustres, com que o parnasianismo enobreceu as nossas letras, cuscitou uma in-

finidade de repetidores mais ou menos habilidosos, que inundaram o paiz de bonitos sonetos e de poemas soffríveis — apenas com o defeito de não serem "nascidos", mas "fabricados". Chegou-se mesmo a temer, e com fundamento, que dentro em pouco passassem a fazer-se peças pseudo-parnasianas como se fazem chapéus ou sapatos — em cooperação, e às pilhas.

A victoria definitiva é o signal seguro da ruína, e a aceitação geral annuncia o declínio irreparavel. O parnasianismo, de meia dúzia de annos a esta parte, não só deixou evidentemente de ganhar terreno, como começou a perdê-lo todos os dias. As tendencias novas principiam a tomar a "révanche". Encrespando-se de novo, crescem, e, já não se contentando de viver do lado da antiga, querem agora viver por cima.

Conseguiu-o-hão? De certo, porque o parnasianismo, como phenomeno social, como facto de psicologia colectiva — e é sob este único aspecto que o estou encarando — vae, como acabo de dizer, perdendo terreno todos os dias. Não conseguirão, porém, talvez, os recém-vindos igualar o predomínio immenso e duradouro do adversario. Não teem como elle, em seu inicio, nem a mesma unidade, nem a mesma precisão de propositos, nem o mesmo impeto triumphal. E não teem, ao menos por enquanto, nomes que assemem para a notoriedade com o magnifico vigor e a nitida fulguração daquella pleiade admiravel de 1885, de que hoje ainda remanesce, por felicidade de seus amigos e admiradores, a harmoniosa figura de Alberto de Oliveira.

Não quero dizer que entre os adeptos da nova poesia não haja notáveis talentos. Nem sequer negarei que os haja positivamente geniaes. Quero apenas dizer que, por um motivo ou por outro, esses talentos ainda não se impuzeram, como se impuzeram outros, de golpe, num assalto instantaneo, os epigonos da reacção parnasiana. Mais nada.

Quanto ás qualidades de muitos desses poetas novos, navego em contrario ao geral pessimismo, que só enxerga per-

petuamente signaes de decadencia ou de impotência em nossas letras: a meu ver, ha, hoje, no Brasil, e não só na poesia, como em todos os departamentos literários, uma admiravel floração de talentos interessantes, vivos, maleaveis, inquietos, com anciedades novas, com visadas inéditas, com uma grande riqueza de pendores independentes.

O que falta a esta geração para se impôr e para tomar a testa do movimento literário no paiz, não é talento, nem é, com certeza, vontade de triumphar. Vontade, geralmente, os novos a revelam bastante, sobretudo os novos que se consideram porta-estandartes das hostes. O que lhes falta, provavelmente, é uma fé.

Como só se pode importar a expressão de alheias tendencias, e não estas em sua intrinseca vitalidade, as preocupações dos novos são estritamente, literalmente... "literarias", não se desdobram, não se engranzam em idealidades sociais, não correm parallelas a qualquer sorte de aspiração religiosa, moral, politica, economica ou humanitaria, que formasse um ambiente psicologico favoravel á resonancia das idéas, que estabelecesse largas correlações de impulsos e de affectos, que proporcionasse a fecunda camaradagem das luetas em commum e que puzesse em vigoroso destaque as personalidades valentes.

EJ' talvez culpa do momento que atravessamos. O Brasil está sonolentamente parado num beco de expectativas e de hesitações, sem um único estremecimento de desejo, de esperanza ou de revolta. Não existem convicções militantes, não ha sombra de ideal collectivo, nenhum dos estandartes levantados por ahi, de quando em quando, se mostra capaz de congregar alguns milhares de almas a caminho de uma trincheira. Nossa mocidade faz desporto, atira-se ao "fox-trott", ambiciona todas as commodidades da vida, prepara precavidamente as posições em que se ha de instillar, — e isto quando não se entrega ao uso de toxicos ainda peores. O sentido social e o sentido nacional desaparecem de todas as suas apagadas agitações. Somos um povo que vejeta. Como poderão os poetas novos erguer vãos rasgados e lumino-



sos nesta atmospher_a de nevoeiro e de chuva?

O movimento poético anti ou extraparnasiano não é bem o que se costuma chamar um "movimento", é antes um fervecer de tentativas e de attitudes individuaes.

Aos restos sobrenadantes do simbolismo veio juntar-se uma multidão de tendências, outros tantos reflexos longínquos e fragmentados de reacções europeas. Passa de quando em quando, um esvoaçar de bandeira: "futurismo", "penumbrismo"... — mas perde-se logo na sombra, e o que realmente subsiste é a dispersão e a flutuação.

Alguns paladinos tentam, com evidente esforço, dar ás suas pequenas rixas e pendencias um colorido de guerra santa, e então inventam o fantasma odioso do "passadismo". Outro reflexo. Reflexo de conflictos que teem uma origem certa, uma evolução lógica, uma explicação compreensível na Europa, onde os campos literários são definidos, onde ha resistências e contra-ataques, onde uma legião immensa de académicos, de doutores, de professores, de criticos, de exegetas, de rhetores, de autoridades cria em cada época uma barreira aos instintos de renovação estuantes na alma da mocidade da vanguarda. No Brasil, não ha passadismo, nem academicismo, nem professorismo, nenhuma forma de autoritarismo literário. Não ha barreiras para nada. O que ha, e entra pelos olhos, é uma larga, bonachona, ondulante tolerância para com todas as novidades, e até para com todas as extravagancias.

Por mais que os paladinos queiram variar differenças, extremar ideaes, contrapor orientações, o que se vê, na verdade, é mistura, é interpenetração, é camaradagem, entre abraços e palmadinhas, caricias e cafunês.

A nossa própria Academia, em que alguns, com deliciosa imaginação, apontam com um dedo dramatico o grande reducto negregado, é na verdade uma Academia bem... Brasileira, uma simples e modesta sociedade literaria, oride se encontram, familiarmente, representantes de todos os fluxos que teem passado pela

republica democratica das nossas letras — sendo que ás vezes um só desses representantes representa por si mesmo duas ou tres correntes... Todas as modalidades da arte novissima encontram eco lá dentro, eco não raro prolongado em applausos abundantes e caridosos, á boa moda nacional.

Entretanto, é preciso ver que algo de commum existe entre os pendores da poesia nova: antes de tudo, uma reacção declarada contra todas as regras e cânones da versificação "passadista" — reacção que, em verdade, data já de trinta annos; depois, uma antipathia viva contra os "themas" claros e acabados, substituidos por "motivos" errantes; contra o desenvolvimento lógico do pensamento, substituido por justaposições esgarçadas; contra a normalidade dos sentimentos familiares cotidianos, substituida por pseudos impulsos instintivos, por arrebatamentos estranhos, por desejos inéditos, por vertigens doidas, por singularidades chocantes.

Com esse fundo commum, ha também alguns méritos communs, no meio de muitos exageros e extravagancias: e o maior delles consiste em estar-se sacudindo um pouco o esgotamento e a mecanização motora em que ia tombando a nossa poesia, advertindo os arraiaes de Apolo de que o mundo é grande, a vida immensa e varia, as possibilidades infinitas, o futuro enorme e múltiplos caminhos se desenrolam diante de nós, bellos e perigosos, convidando e desafiando... Outro mérito, sem duvida, consiste no apparecimento de alguns poetas de valor indiscutível, que mais uma vez provam como, de todas as divergências de escolas e de capelas, só se apura em definitiva — que vence e permanece unicamente o talento.

Dentre esses poetas eu poderia destacar dois ou tres nomes de formoso brilho, outros tantos de brilho menos igual e menos claro, mas talvez mais imprevisto, e mais fulgurante. Mas, as citações de nomes são sempre arriscadas... Porque, passam as escolas, passam as theorias, passam as idéas, passam as aspirações e o que não passa é a verdade eterna do "genus irritabile vatum"! Neste, como em outros pontos con-



tiguos, futuristas inconciliável e múmias do passado, são todos perfeitamente irmãos.

Seria injusto não mencionar que as velhas tendências, embora tenham perdido em extensão de domínio e em prestígio, ainda não são para todos como fontes estancadas.

Lia uma imensa coorte de imitadores que batem conscienciosamente nos modelos consagrados, mas há também alguns poetas que, dentro das formas de uma arte equilibrada e polida, acham espaço bastante para se mover com vigor e com graça, sem o ar de "singer" a Raymundo, nem a Bilac, nem ao nosso grande Alberto de Oliveira, que, por um milagre admirável, também não caiu ainda na imitação de si próprio...

Aqui, sim, seria talvez indispensável citar nomes, porque há uma asserção que não estará livre de contestações. Mas, etí me prometi que havia de falar sem me deter em nomes, nada mais querendo senão lançar um golpe de vista muito geral, e por força muito imperfeito, sobre o panorama da nossa poesia moderna, que ainda reclama um estudo detido e sereno — coisa que não tentarei, porque não me sobra tempo, e principalmente porque nestes assumptos de poesia eu não sou senão um hospede distraído e despreocupado.

Ama deu Amaral

("Gazeta de Notícias," Rio).

CINEMATOGRAFIA FUTURISTA

No Brasil, o futurismo se não apresenta apenas através da pintura e da literatura, disfarçado sob a máscara discreta da "Arte Moderna". Mas na Europa, onde há um anelo intenso de renovação de todas as cousas e de todas as expressões da vida e do pensamento, o futurismo apresenta-se como um novo Jehovah, ameaçando transformar tudo, virar os homens e os mundos de pernas para o ar.

Marinetti, Billa, Pratella, Corra, Settí-melli, Boccioni e outros, decidiram inverter a ordem das cousas e o curso dos acontecimentos. Espaço, Tempo, Move-

mento, Vida e Pensamento, tudo seria mudado e melhorado se os manifestos futuristas conseguissem convencer o velho Jehovah de que o seu Universo já não presta, por ser "clássico", perfeito, medido e equilibrado. A terra, a girar continuamente em torno do sol, parece-se muito a um redondo burguez a ir e vir de casa para o escriptorio e isto é "passadismo" irritante e condenável.

O nosso mundo deve libertar-se dessas leis absurdas que mantêm o Universo sempre o mesmo, enquanto que nós, os homens, estamos fazendo sempre cousas novas. É preciso que a terra aumente a sua velocidade, que se ponha de acordo com as theorias de Einstein e que deixe de continuar presa às leis "passadistas" de Laplace e de Newton.

Um universo marinettista obrigaria os planetas a desprezarem a gravitação, e o sol, ao invés de surgir no Oriente, surgiría no Occidente, enquanto que a terra voaria no espaço, liberta de qualquer ligação "passadista" ao astro rei.

"Nós, os futuristas, dizem Balia e Depero, queremos realizar a fusão total para reconstruir o universo, alegrando-o, isto é, queremos recrial-o. Daremos esqueleto e carne ao invisível, ao impalpável, ao imponderável e ao imperceptível.

Encontraremos equivalentes abstratos de todas as formas e de todos os elementos do universo, depois combiná-los-emos, segundo os caprichos da nossa inspiração, para formar complexos plásticos, que poremos em movimento".

Se o futurismo tivesse podido viver alguns séculos, Jehovah, algum dia, acordando do seu somno de mil annos, ficaria duvidando de que era Deus. Os futuristas lhe baralhariam de tal modo o mundo, que elle, ao cabo de certo tempo, não o reconheceria. E o proprio creador, duvidando da Sua sabedoria, tomar-se-ia futurista, negando-se a si mesmo.

Foi o que aconteceu, aliás, com os futuristas. Produziram, produziram e, dentro da confusão das próprias obras, acabaram por não comprehender elles mesmos o que queriam e por se negarem a si proprios, combatendo o hellenismo e... copiando "canções gregas". É que a honestidade é "passadismo" e é preciso ser sem vergonha para ser moderno.

Mas, ainda não justificamos a epigraphe. Não repare o leitor: é methodo futurista, á maneira de Mario Andrade. Annuncia-se uma chronica de arte, e fala-se em tudo, menos de arte.

E' a simultaneidade das impressões: Einstein e Chico Boia, a theoria da Relatividade e as "batatas assadas ao furrn", numa obra de arte futurista, podem perfeitamente constituir sonoridades inéditas e motivos plásticos em movimento, mesclando-se com a elegancia ondulante da Bertini e os pinotes americanos de Carlitos.

E já estamos no Cinema, onde Chico Boia e Carlitos põem em pratica a theoria einsteniana e futurista do movimento. Movimento e tempo, na tela, são relatividades. Julgamos que são as figuras que se mexem; pura illusão: o que se move, vertiginosamente, é a pellicula. São apenas varias figuras paradas, que passam loucamente no quadro illuminado ou na camara escura da nossa retina.

Se tivéssemos a faculdade futurista de perceber as vibrações luminosas com maior rapidez, veríamos os quadros succederem-se lentamente na tela e a illusão das figuras em movimento desapareceria.

Os futuristas quizeram realizar o que a pellicula realiza, atravessada pela luz, sobre a nossa retina.

Amontoaram uma quantidade de fôrmas, de sons e de cheiros, para nos dar, no conjunoto dynamico, a impressão da realidade.

Exemplo: "Paulicéa Desvairada", lida com a rapidez do rápido da Central, nos dará a illusão de uma fita de Carlitos. Um quadro da Malfatti, visto de um trem que percorre cem kilometros por hora, nos parecerá uma paizagem admirável. De perto, onde não é possível a simultaneidade das fôrmas, uma mulher poderá parecer uma carroça ou um camello. A questão é saber vêr com a velocidade da vida moderna.

A arte deve ser uma pellicula cinematographica; a nossa sensibilidade é o "écran". Um quadro, um livro, uma estatua futuristas, em si, não são cousa alguma; ao contacto da sensibilidade dos novos artistas, tornam-se universos de sensação, revelações inéditas de belleza.

Assim como o cinema é applicado á arte futurista, esta também pôde ser utilizada para modificar a cinematographia.

Uma fita futurista obedeceria ás seguintes normas: "Se quizermos exprimir o estado de angustia de um protagonista, envez de descrevel-o nas suas varias phases de dor, daremos uma equivalente impressão com o espetáculo de uma montanha recortada e cavernosa.

As montanhas, os mares, os bosques, as cidades, os aeroplanos, serão frequentemente as nossas palavras formidavelmente expressivas. O Universo será o nosso vocabulário.

Exemplo: Queremos dar uma sensação de estranha alegria; representaremos um pelotão de cadeiras que voam, brincando, em torno de um enorme cabide, até decidirem atacar-se. . . Queremos dar uma sensação de raiva, fragmentamos o iracundo num turbilhão de bolas amarellas". Essas idéas, que parecem ter fugido da janella de algum hospicio, são de autoria de vários futuristas italianos.

Não sabemos se Carlitos algum dia tomará parte nalguma fita futurista, mas o que é certo é que os futuristas já fizeram e continuam fazendo varias "fitas".

Angelo Guido.

("A Tribuna", de Santos).

O ESPORTE E A BEU.EZA

O Sr. I/iifreté, presidente da *Academia de Sports de Paris*, segundo li em commentario publicado no Supplemento d'0 *Imparcial*, de 29 do passado, sussurrou (com a discreta reserva que lhe impunha o posto que occupa na dita Academia) a suspeita que tem, ou melhor: a convicção em que está de que os exercicios physicos compromettem a plasticia feminina.

Gomez Carrilho, que não tem responsabilidades que lhe tolham a franqueza, fez-se porta-voz do tímido sussurro, aggravando-o ainda tonitruosamente com a sua própria opinião, de todo infensa aos mesmos exercicios, quando praticados pela mulher.

Se o gymnasiarcha parisiense e o escriptor hespanhol não provarem, com ar-



gumentos e exemplos convincentes, que a razão lhes assiste, não serei eu quem os siga na campanha.

Alem do que tenho observado e que desmente as affirmações de taes esthetas, contraponho ao que dizem as maravilhosas cópias de beleza que nos legou a antiguidade e apoio-me ao consenso de autores como Taine, Spencer, Marius-Ary Leblond, Lalo, Barthez, Michelet, Coubertin e outros, todos accordes em affirmar que a gymnastica e os esportes methodisados concorrem mais pai.i a belleza feminina do que todos os aibiques e afeites de que se vale a mulher, para realçar os seus encantos naturaes.

Deixo de referir-me ás figuras da estatuária grega, nas quaes se vê a verdadeira eurythmia na proporção harmoniosa das formas, na esbelteza dos movimentos, na graciosidade das attitudes. Era assim Artemis no alor airoso com que investe aos cervos na floresta, á frente do bando cynegetico de nymphas, açulando a matilha que devorou Acteon. Era assim Atalanta, a corredora, vencendo agilmente a pista. Eram assim todas as deusas que avultavam em altares e as donzellas que appareciam graciosamente nas procissões da idade aurea, coroadas de rosas e entoando cânticos.

Aristoph-anes quando se referia ás virgens que se exercitavam na arena, tomando parte nas gymnopedias, louvava-lhes a belleza senhoril, a cor da cutis, o brilho dos olhos e a alegria san e honesta.

Leiam-se a tal proposito, nos *Ensaio de critica e de historia*, de Taine, os formosissimos estudos intitulados: "*Les jeunes gens de Platon*" e "*Sainte Odile et Iphigenie en Tauride*" e ainda varias passagens da *philosophie de l'art*.

O movimento é vida e a saúde é essencial á belleza. A inércia amollenta, traz a flaccidez e a tibieza e em fofos coxins, encerrada em harem, como as odaliscas, perde a mulher a flexibilidade, engorda, faz-se toda enxúndia como as huris de Byzancio que viviam espapadas em tapetes, respirando arómatas voluptuosos, guardadas á vista por eunuchos que não lhes consentiam um passo fóra dos gyneceu».

Comparem-se as adiposas captivas dos

serralhos com as canephoras da frisa do Pantheonon — umas confinadas em estufilhas mornas; outras soltas, ao ar livre, criadas em plena natureza, ao sol, sem peias, ver-se-á o beneficio da educação energica que, não só apura a belleza, como ainda, reforçando a estrutura, prepara a mulher para o destino augusto que ella traz para a vida, que é a maternidade.

A mulher moderna oppõe á arte esthetica o artificio pérfido. O que, antigamente, era adquirido no gymnasio ou no campo, á sombra do arvoredor: a força, a esbelteza, a saúde que se reflecte na cor do rosto, no brilho dos olhos e ainda na desenvoltura fácil dos movimentos, imagina-se hoje conseguir em officinas recônditas de aformoseamento.

Uma aula calisthenica, dirigida competentemente, faz mais pela esthetica feminina do que todos esses institutos de belleza que por ahí ha, com os seus aparelhos depilatorios, os seus unguentos, as suas lampadas coloridas, os seus electuarios, os seus alfenamentos, as suas cintas compressoras e todo o arsenal e toda a pharmacia que só consegue dar a illusão da belleza precipitando o engehlamento das rugas, desabando sanefas de perigalhos, quando não provocam enfermidades herpeticas que deformam para sempre as que se deixam embair pelos reclamos desses Mephist09 que, prometendo a mocidade, o que, em verdade, (azem ás miserias clientes é apressar-lhes a velhice.

O sr. Lafreté, presidente da Academia de Sports de Paris, não se arrecearia tanto do prejuizo da belleza familiar pela pratica do esporte se visstasse a America do Norte, e nella visse a mulher bella, graciosa e forte, que se apura ao ar livre em exercicios compatíveis com a sua natureza. Certamente ninguém exigirá da mulher que jogue o *football* ou o *rugby*, que esmurraçe antagonistas com o guante de box, que arremesse barras de ferro, que se engalfinhe em lucta romana. Ha exercicios que lhe não são proprios e que lhe seriam prejudiciaes, não só á belleza como á saúde e até a sujeitariam ao ridiculo. Mas a agonistica conta tantos outros c, entre elles, a natação á qual de-



vemos magnificências corporaes, para não citarmos Phrynéa, que era nadadora eximia, como essa admiravel Annete Kellermann; a corrida e os exercicios de corpo livre, que desenvolvem o corpo, fazem circular, com vivacidade, o sangue, dão ligeireza aos movimentos e graça ás attitudes. E' possivel que o presidente da *Academia de Sports de Paris* prefira ao cânon da belleza clássica o da boniteza actual, feita de melindrosismo piègas e de remeleixos, com muita pomada e polvilhos, tinturas e oxigenios, saltos de palmo e outros artificios.

Sim, de accordo — se ach^a mais bella do que Atlanta, vencedora no estádio, a melindrosa do *foi-trot* e do *rag time*, tem razão. Tal libellula se se atrevesse a disputar uma carreira na pista ou um páreo na piscina succumbiria ao primeiro arranço ou logo ás primeiras braçadas. Para esse alfenin, concordo: o esporte seria prejudicial á belleza porque, com o suor na corrida ou com a agua na piscina, se lhe dissolveriam as pinturas e calafetos e ficaria, em publico, como em verdade o é, artes dos arrebiques que a disfarçam: feia.

As outras, as que não usam de meios illusorios, essas não receiam o ar livre e o sol e quanto mais se exercitam mais se lhes avivam as cores porque são reflexos do sangue sadio que lhes corre nas veias, e não untagens de cosméticos, de vermelhão da China.

Coelho Notto.

("Jornal do Brasil", do Rio).

RUY BARBOSA

(No 40.º dia)

Nessa quaresma que até hoje se conta do dia nefasto em que Ruy Barbosa morreu, se menos aguda se tornou a dor dos que o amavam, mais profundo vai ficando o sentimento de quantos sabem avaliar a perda irreparavel.

Acostumara-se o paiz, durante cincoenta annos, a ouvir a sua voz oracular, repassada de sinceridade, havendo-se o homem publico, nas questões de ordem politica, com a preocupação do jurisconsul-

to — applicar o direito ao caso concreto, com imparcialidade de juiz e isenção scientifica.

Emmudecida para sempre a voz estentoria que se erguia em defesa da liberdade ameaçada ou violada; deposta a penna que elle vibrava como lança formidável em prol do direito; quebradas as cordas á harpa maravilhosa do seu estylo incomparável; deserta de seu vulto eminentíssimo a tribuna do parlamento e dos comícios; quem, com o seu saber immenso, quem, com a sua arte inimitável, quem, com a sua eloquência victoriosa, ha de agora substituil-o?

E quem, neste paiz, de sul a norte, de leste a oeste, vencido e prostrado pelo servilismo ou pela desesperança, terá, como elle, a energia e a fé que o impelliam, aos setenta annos, curvo mas inteiriço, tremulo mas intrépido, cançado mas infatigavel, a correr terras de uma patria que elle sabia surda, a pregar o evangelho da democracia e do direito a um povo de analfabetos, inconsciente de direitos e incapaz de reivindicações, e pelejar, com a idéa e com o ideal, contra os castellos feudaes das oligarchias que se alicerçam na demencia das massas e na pratica desassombrada e permanente da fraude, do suborno, da intimidacão, da violência e do crime?

Se se volverem os olhos e a mente para todos os âmbitos do paiz; para as alturas tão cobiçadas do poder; para a planura marasmatica dos parlamentos onde se atropelam os rebanhos das dictaduras; para as assembléas locaes que não discutem afim de que o silencio selle sua obediencia passiva; para a mocidade que cerra fileiras em torno dos autocratas ou se queda em apagada melancolia; para as classes armadas, sem chefes com autoridade e vassalas da corrupção dos politicos; só o silencio responderá ás interrogacões angustiadas.

Quando elle surgiu no scenario da nossa vida politica, ainda estudante, foi para combater o captiveiro e o seu profundo senso juridico lhe suggeriu o primeiro e único argumento que não era de ordem sentimental mas irretorquível — a illegalidade da escravidão de homens entrados no paiz com violação da lei de 1831.

No declínio da monarchia, quando os partidos praticavam a politica do suicidio, consistente em desmoralizarem as instituições cada vez que eram apeiados do poder, envidou esforços para substituir pelo seu programma de federalização, de republicanismo da monarchia, as praticas viciosas do regimen. Não era republicano, mas o seu combate foi tão ardente, tão certos e mortacs foram os seus golpes que desferiu, tão fraca se fizera a monarchia com a dispersão voluntária de suas forças primordiales, que uma sublevação d' quartéis veio realizar o desejo de raros e jovens sonhadores menosprezados pelos politicos sem visão.

Ruy Barbosa acreditou na Republica e lhe consagrou, na organização precipite que se seguiu á Burpreza da queda do throno, o melhor de seu saber e de suas indefessas energias. Cedo se desilludiu.

Não lhe rasteavam sequer a solida e completa educação constitucional os pygmeus em cujas mãos foi parar o poder disputado pelas ambições desencabrestadas. Foi proscripto, viveu no exilio, mas a sua voz nunca emmudeceu no protesto contra a tyrannia. Restaurou direitos que a dictadura julgava cerceados pela raiz, disputando-os nos tribunaes que galvanizava com a sua dialéctica, servida por inexcédível erudição jurídica.

Rememorar a sua restante trajectória na Republica seria julgar esqueciveis os fastos mais importantes da vida nacional contemporânea. Não ha brasileiro que, pelo menos, não saiba do brilho de sua passagem pela Conferencia de Haya. Tão retumbante, assim pela grandeza com que a constellou a sua facúndia polymorpha, como pela inanidade, inutilidade, impossibilidade de soerguer uma nação em lethargia, foi a entre todas famosa campanha civilista que veio provar e comprovar serem inoperantes os meios legaes de desentorpecer um povo sem consciência politica, voluntariamente escravizado.

Sob este aspecto, sua morte removeu o ultimo obstáculo que se poderia antepor á marcha das instituições para absoluto descrédito e que findará na ruina da nacionalidade ou, pelo menos, como é de de-sejar entre dois males, num longo perio-

do de servidão do qual lentamente ascenderemos para a vida comrnum das sociedades policiadas. Mutio é de temer, porém, que o seu desaparecimento importe o da cohesão nacional, privada de um symbolo, um guião, um estandarte pan-brasilciro.

E possível que esteja mais olli menos errado tudo quanto delle se tem escripto e affirmado, tal a proximidade em que ainda se acha, palpitando entre nós, como se os ecos das serranias, as vastas selvas, os rios enormes, toda a terra de Santa Cruz chorando sobre o seu ataúde, ainda conservasse o som de uma voz em que havia as doçuras do lyrismo e o sopro da epopéa e o tom fatídico dos monologos da tragedia antiga.

Mas o que jámais poderá ser negado ou obscurecido é que foi politico sincero, sem preocupar-se com a permanência nas alturas, como o fazem todos os profissionaes da chamada politica nacional. Uma só palavra sua, um só aceno que o confundisse na vulgar indignidade e o integrasse na comparsaria dominante, e todas as portas se lhe teriam aberto para as eminencias supremas a que elle sonhára chegar pelo voto de 6eus concidadãos. Mas a sua grandeza moral o chumbou ao pé da curul presidencial que a Republica tem estreitado á proporção da insignificância moral ou mental dos seus Wenceslaus e bernardes. A própria senatoria lhe foi sempre mantida por uma questão de méro regionalismo, orgulhosa a Bahia de ter como embaixador o mais illustre, o mais preclaro embaixador que o Brasil tivera.

Quanto ao seu desmedido valor intellectual, difficilmente apparecerá algum bastante impertinente ou cretino para contestal-o.

Tem-se dito que falta systematisação á sua obra de jurisperito. A profissão de advogado, em que a sua extraordinaria capacidade de trabalho se exerceu absorventemente, a par das occupações de homem publico, não lhe permitiu os longos trabalhos systematizados mas em todas as provincias do direito, deixou com que se elaborar formidável material de interpretação, que levava, não raro, ás minúcias da exegése.

Do direito constitucional, com ter sido o seu supremo artifice, os seus estudos e escriptoã realizirão, uma vez recopilados, a mais abundante seara de ensinamentos que se possa desejar, capaz de sobrepujar quantas systematicas exposições tenham produzido os melhores e maiores constitutionalistas americanos.

Por muitos tem sido elle, quanto á sua feição artistica sem semelhanças, comparado a Cicero, obrigados a esse vertiginoso recuo de vinte séculos que colloca o brasileiro, hombro a hombro com o romano. No desenvolvimento do raciocínio, no encadeamento logico das idéas, no conduzir o leitor, passo a passo, da sombra á penumbra, desta á claridade, da luz velada á irradiação deslumbrante, em Cicero se encontrará o seu modelo ou seu rival. Mas, quanto se distancia e avanta o nosso contemporâneo, na universalidade de seu génio, em convívio com todas as civilizações do passado, pela sua vastissima erudição histórica, e com toda a cultura moderna, pelos seus inextinguíveis dotes de humanista! Cicero, discípulo de Hortensius, aperfeiçoado depois na escola rhodia, cnfulcrou a sua eloquencia no purismo severo dos antigos, conservado na alta sociedade romana de seu tempo e cultivado por Cezar, seu contemporâneo, dando a essa evolução, a partir do vulgarismo hortensiano, o brilho, o fulgor, a fascinação de seu génio, de modo a imprimir-lhe o seu cunho pessoal. Mas, a sua preocupação nacionalista era tal que affirmava ser dever de patriotismo preferir a leitura de uma má tradução de Sophocles á do original.

O humanismo de Cicero se restringia ao grego e ao latim e das sciencias de seu tempo só a mathematica e a astronomia haviam chegado á positividade, no dizer de Lyittré, que ainda observa estarem apenas esboçadas a physica e a biologia e de todo inexistente a chimica.

Ruy Barbosa, cujo purismo não tem modelos, além das linguas classicas, além de algumas das modernas que falava e escrevia com a perfeição que lhe reconheceram autoridades notáveis, além da lingua portugueza, que, como suas irmãs, constitue um progresso sobre a lingua mãe, pelo caracter analytico e maior numero de formas verbaes e categorias

grammaticaes; Ruy Barbosa arcava com o peso de toda a cultura humana, da Renascença até hoje, sendo emerito em muitos ramos do saber.

E que differença moral, por si só apta para elevar acima da do romano a capacidade artistica do brasileiro!

A ironia de Ruy Barbosa foi sempre uma das armas mais temíveis de sua oratoria e de sua penna, ironia que raramente se transmutava em sarcasmo. Cicero, quando não invectivava, fazia chalaça. Phrases cruéis elle as soltava e reconhecia, "ser-lhe mais difficil retel-as nos lábios que guardar uma braza sob a lingua". Os historiadores menos severos reconhecem-lhe a enorme vaidade, expressa em phrases inequivocas. O nosso Ruy, se lhe attribuíram essa fraqueza, mais por odio politico deve ter sido que por louvores em bocca própria. Ruy Barbosa jamais curvou a cerviz aos poderosos do momento, ainda victoriosos. Cicero, corypheu da aristocracia contr. Cezar, transformou-se em chefe da maioria servil ao vencedor de Pompeu.

J,onge iria o paralelo se se chegasse ao morticínio illegal dos cúmplices de Catilina, reflectindo-se que o politico brasileiro foi victima da violência por não compactuar com ella.

E) ainda mais longe nos levaria, sob outro aspecto, este deprimente para o nosso paiz, quando pensamos que Cicero, "homem novo", chegou ao consulado por eleição livre, enquanto Ruy não logrou a presidencia da Republica. E' verdade que entre o povo brasileiro e o povo romano, mesmo da decadencia, ha a distancia que medeia entre Florianio e Cezar, aquelle e este adversarios dos dois grandes génios latinos.

A todos os extremos chegaríamos, então, se, affastado o receio de tratar assumpto tão melindroso, comparássemos o pagão sceptico, para quem 03 deuses immortaes eram thema de zombarias intimas e que não havia substituído o grosseiro culto de seus antepassados por crença alguma e nenhuma philosophia, pois nem estoico era, com o christão, sinceramente theista, liberal mais que tolerante, christianissimo mas acatholico e tão acatholico quanto livre de qualquer sectarismo, para só cultivar a "religião cujo pontífice é o



Christo, religião de igualdade, fraternidade, justiça e paz, religião em cujas entranhas se formou a civilização moderna..." dando-nos assim o perdão da religião futura, quando Deus for uma verdade científica e não um abantesma gerado pelo terror e explorado pelo interesse.

A disciplina intellectual de Ruy Barbosa, forma grandiosa da paciência, foi um dos segredos da sua genialidade. Raros estadistas do império, desdobrados em literatos ou juristas, tiveram o seu methodo. Nabuco de Araujo é o nome que logo occorre, quanto a esse particular em que o glorioso morto recente não terá tão cedo imitadores.

E como dóc ter de dizer e escrever estas coisas de um homem que quizeramos ainda longamente vivo!

Desmoronou-se, como nas commoções telluricas, uma cordilheira! E só os séculos poderão cumular a depressão que, nos sete palmos de sua campa, ficou aberta no seio de nossa patria! Mas, é ainda a sua voz que nos vem alentar, neste transe, com um brado viril de energia e de fê.

"O luto e a tristeza não amortallham, nos povos livres, os sentimentos do dever. Enquanto a lousa do tumulo se fecha sobre uma grande vida, aos sobreviventes compete lembrarem-se da dignidade das tradições que elle representava".

Bruno Barbosa

("Commercio de Santos").

FEMINISMO E ANTI-ALCOOLISMO

Em dia da semana passada, noticiou um telegramma de Londres que a Camara dos Communs approvára, em 2.ª discussão, o projecto da Deputada Lady Astor, prohibindo a venda de bebidas alcohólicas e de outros toxicos a menores de 18 annos.

Não é tudo, mas vale já por alguma cousa, reconhecida a lamentavel resistência que ainda oppõem as classes dirigentes, na Inglaterra, ao êxito da cruzada anti-alcoolica.

Vista por outra face, demonstra a vocação da Camara Inglesa a benefica in-

fluencia do elemento feminino na solução de tão delicado problema, e, portanto, fala em favor da intervenção politica desse elemento. Não é preciso ir ao exagero de affirmar que á acção feminista, exclusivamente a ella, se deve a Victoria total, alcançada nos Estados Unidos, contra o álcool potável, com a prohibição do seu fabrico, da sua venda e do consumo.

Tão pouco é necessário pretender que, muito antes, fôra apenas a feminismo factor das victorias parciais obtidas na nova Zelandia. Num e noutros casos o que se averiguou foi a valiosissima e tenacissima cooperação da mulher, quer agindo particularmente, na, associações, nos plebiscitos e nas corporações legislativas.

Pôde um observador consciencioso notar, outrosim, que na Nova Zelandia o fervor feminino fôra estimulado no sentido anti-alcoolico, por persistente prégação de pastores protestantes (*Rodolpho Broda*, in "*documentos da prog're's*," 2.ª anno, Junho de 1908, pag. 562).

Quanto aos Estados Unidos temos fonte segura de informações na obra exhaustiva do professor Joseph-Barthelemy *Le vote des femmes*.

Procedendo com rara imparcialidade, cotejou elle provas apresentadas por feministas e provas apresentadas por anti-feministas, e, no tocante á campanha contra os toxicos, ou mais propriamente contra o álcool bebida, chegou ás seguintes conclusões:

1.ª Tomaram as mulheres posição saliente entre os propagandistas da temperança. A "União christã das mulheres pela temperança" foi uma das primeiras e das mais poderosas organizações contra o álcool, e não está, ainda, esquecido o zelo apostolico com o qual, por occasião do "*Women's wiskey war*", perturbavam as mulheres, nas casas de bebidas, a paz dos respectivos frequentadores.

2.ª Contribuíram as mulheres para a mais energica applicação das leis de temperança. Foi assim que, no Colorado, antes da concessão do direito de voto ás mulhenes, havia 3 cidades secas; actualmente (1919) ha 8 condados e 58



idades, entre as quaes Boulder, sede da Universidade do Estado.

3." Excluíram as mulheres, quasi completamente, das funções electivas os negociantes de bebidas, especialmente no Colorado.

4.* Finalmente, as mulheres reforçaram outras disposições anti-alcoolicas; a 31 de Dezembro de 1907, a Diêta Finlandeza vota uma lei totalista, prohibitiva da venda do transporte e deposito de líquidos alcoolicos com excepção dos destinados a fins medicinaes industriaes ou scientificos.

Foram as mulheres que na Nova Zelandia fizeram inserir na lei militar uma emenda vedando a entrada do álcool nas casernas. (Obra cit. 1920 pgs. 548-585).

E entre nós?

Por enquanto não é licito assignalar grande preocupação das pioneiras do nosso feminismo com o formidável perigo social derivado dos toxicos ou mais particularmente, do álcool potável.

Outrosim, não tem sido apreciavel a propaganda religiosa, que tamanhos resultados proporcionou na Nova Zelandia, nos Estados Unidos e na Inglaterra (V. do autor, Ensaio de Pathologia Social, pags. 90-91).

Agora, cogitando-se, como se cogita, de dar andamento aos projectos relativos á concessão do direito de voto ás mulheres, conviria definirem-se as nossas feministas, manifestando-se acerca do assumpto momentoso aqui como em toda parte.

Sabe-se o que de mais moderno possuímos: — o decreto numero 4.294, de 6 Julho de 1921, pelo qual foram aggravadas certas penalidades e definidos com maior precisão certos delictos.

Ora, a efficacia das leis expressivas tem-se mostrado muito reduzida, no que concerne ao uso de toxicos, inclusive o álcool.

O que cumpre fazer, antes de tudo, é intensificar a campanha anti-alcoolica, levando-a para o recinto das escolas (desde a primaria, passando pela profissional, até á superior), das associações operarias, dos grêmios religiosos, das casernas, das fabricas e officinas.

Ninguém dirá seja pouco util, numa

campanha assim orientada, a ajuda feminina.

Por outro lado, deve a legislação tomar o rumo da prevenção, adoptando se medidas já experimentadas com vantagem, até se conseguir a prohibição absoluta — alvo dos esforços dos anti-alcoolicistas consciences.

Como collaboradoras dessa legislação estão naturalmente indicadas as nossas feministas, que, antes ou depois de admitidas nas torporações legislativas, podem offerecer dados e informes capazes de illustrar o estudo dos projectos e elucidar os debates.

Têm, pois, as mulheres intelligentes e diligentes terreno vasto para exercicio das sua faculdades mentaes de argúcia e perspicácia, na apreciação das causas e das modalidades do vicio alcoolico e dos seus congneres, e para indicar os remédios preferiveis.

E a nós outros — os homens, adeptos do feminismo bem entendido — fornecerão ellas mais um motivo para applaudil-as.

Evaristo de Moraes

(*"Jornal do Brasil"*, Rio).

A RECEPCÃO DE GEORGES GOYAU NA ACADEMIA FRANCEZA

A sessão da Academia para a investidura do novo immortal, Georges Goyau, que ia substituir Denys Cochin, teve uma desusada concurrencia.

Notava-se na sala a presença de vários ecclesiasticos, entre os quaes Monseñhor Ceretti, Nuncio Apostolico, que quizeram dar uma demonstração de apreço ao fino escriptor do "i.e pape, les catholiques et la question sociale".

Deveria responder o discurso do recipiendario o académico Ribot, que falleceu depois de haver escripto a resposta, o que constituiu um motivo de interesse por ir a assistência ouvir a palavra de além-tumulo.

Goyau fez do seu antecessor um admiravel retrato physico, moral e espirital. Paliando da obra desse catholico e desse realista, o novo immortal mostrou-se um conferente exímio, mais do que um orador eloquente.

Aproveitando-se da presença do Sr. Millerand, fez uma allusão discreta a certos boatos destinados a tranquillisar a Igreja. E depois, voltando-se para o Nuncio Apostolico parecia esperar uma resposta de Roma.

O discurso de Ribot' tinha de ser lido por Frederic Masson, a quem a morte acaba de colher em adeantada idade, mas sempre a prestar inestimáveis serviços na secretaria perpetua da Academia: coube, então, ao académico Joseph liedier a tarefa que não pudera ser cumprida nem por A. Ribot nem por F. Masson,

A resposta do grande homem politico foi a mais viva, e a mais interessante possível. Com polidez, elle contradisse algumas das asserções do recipiendario.

E resoaram pela sala, com uma gravidade e uma serenidade sem par estas palavras testamentarias do homem de Estado:

"Cuidado, senhores, em não diminuir de muito o papel da politica! Que a sciencia tenha o primeiro lugar depois da religião, e que os reis que symbolisam a politica no portico da Cathedral de Bourges sejam relegados a ultima fila, isto deixa-me indifferente como todas as questões de precedencia. Mas que um cardeal de Richelieu, um Sully ou um Colbert, não sejam cercados da gratidão publica como possam sel-o tal ou qual sábio, isto não deixaria de inquietar-me.

Não ha menos gênio num politico que um sábio. A differença é que os grandes politicos são mais raros que

os grandes sábios, porque a única escola da politica é a própria politica, e as nossas sociedades democraticas, como tambem as monarchias de outr'ora, não foram sempre felizes na escolha dos homens chamados a governar." Dahi em deante abre-se a veia da ironia. A assistência evoca a figura do velho Ribot, a escrever muito á vontade a sua maliciosa resposta:

"Ha na vossa obra algumas redundâncias. . . Não parece que tenhaes deixado a vossa imaginação e a vossa fantasia passeiar nos caminhos da arte, da sciencia e da politica, antes de encontrar a vossa verdadeira vocação.

O vosso grande Cavallo de batalha contra a Revolução é que ella erigiu em dogma a liberdade do trabalho, que ella não viu nas sociedades senão os individuos. Mas que sereis vós sem ella senhor, e que seriamos todos nós? O que torna particularmente cara a nós, francezes, é que ella consolidou verdadeiramente a unidade da Nação. Fez de todos os francezes uma França de tal fôrma una e indivisivel que quando são separados delia pela violência não pensam senão em voltar ao seio maternal."

O auditorio que não dera mostras de grande entusiasmo quando falara Goyau, o confidente dos Papas, applaudiu com todas as mãos o hymno da Revolução. Confundiram-se os applausos de Millerand com os de Monsenhor Ceretti, o Nuncio Apostolico.

("Jornal do Brasil").



DEBATES E PESQUIZAS

METAPSYCHICA E ESPIRITISMO

Não se trata — no artigo que Charles Nordmann dedica a este estudo na "Revue des Deux Mondes" — da industria de todos esses mercadores de esperança e de illusão que se chamam clarividentes, magnetizadores, adivinhos, nem também dos frequentadores assíduos de reuniões espiritas, cujo numero deveras impressionador neste primeiro quartel do século XX, poderia surpreender; mas sim do exame de um livro recentemente publicado por Charles Richet e que se intitula "Traité de Metapsychique."

Nessa obra magistral, Richet deixa deliberadamente de parte o exame das theorias espiritas, que, segundo elle, atrazou a introdução destes assumptos no terreno scientifico. Esta obra conscienciosa e corajosa é a exposição mais completa, mais synthetica e mais sincera que jámais se escreveu sobre estes árduos problemas. Contém factos e uma admiravel exposição doutrinal, que não visa á explicação, mas apenas ao exame dos factos em si mesmos.

Nesta segunda parte, que comprhende, por assim dizer, os prolegomenos do estudo do maravilhoso, o Professor Richet apresenta as idéas mais altas e convin-

tes, as mais dignas de um sábio. Podem fazer-se reservas acerca dos factos referidos, mas não se pôde deixar de adherir completamente á attitudo mental que Richet preconiza para examinar os phenomenos metapsychicos. A palavra *metapsychico* foi "lançada" pelo mesmo Richet em 1905 no seu discurso da *Society for Psychical Research*, Brisac, então Reitor da Academia de Dijon, propuzera a palavra *parapsychico*, mas prevaleceu o neologismo de Richet que está agora universalmente adpotado.

Richet define a metapsychica: "a sciencia dos phenomenos, mecânicos ou psychologicos, devidos a forças que parecem intelligentes, ou a potencias desconhecidas latentes na intelligencia". A esta definição, o autor do artigo faz algumas objecções pois que alludindo a forças que "parecem intelligentes" presuppõe, perante factos como a levitação, o deslocamento de objectos sem contacto, d2 telecynesia em summa, que entram evidentemente na metapsychica, uma explicação, uma theoria, uma hypothese, ao passo que toda a obra se propõe a evitar toda e qualquer conjectura. Suppondo provados os factos de telecynesia, não poderia dar-se que as forças desconhecidas que as produzem fossem puramente physiologicas?



Resulta de tudo isto que é muito difícil, senão impossível, definir os phenomenos de que faliamos. Talvez se podessem definir assim: "phenomenos excepcionaes que parecem ser produzidos pela acção de certos entes vivos e que actualmente parecem escapar ao determinismo psychophysiológico e não ser reductiveis aos agentes mecânicos physicos e chimicos conhecidos".

Esta definição deixa intacta a possibilidade de fazer passar um dia ou outro este ou aquelle phenomeno do domínio metapsychico para o domínio physico. Desde já uma vasta cathegoria de factos (os que se referem ao hypnotismo e á suggestão), que ha pouco tempo teriam sido classificados na metapsychica, ultra-pas-saram este estado.

No século passado, pensadores eminentes julgaram poder negar *a priori* toda e qualquer possibilidade de existencia aos phenomenos que hoje chamamos psychicos. Entre estes citaremos em primeira linha Babinet e Littré. Babinet regeitava como "absurdo" e em contradicção com a natureza muitos factos, dos quaes alguns, como as curas de Mesmer e os convulsionarios de Saint-Midaud encontraram um lugar definitivo na sciencia medica.

Babinet considerava impossiveis, "por serem contrários ás leis da natureza", alguns phenomenos como o deslocamento de objectos sem contacto, visto que nesse tempo se julgava conhecer as "leis da natureza". Se se houvesse dito a Babinet e aos seus contemporâneos que a 'uz não se propaga em linha recta, que a massa dos corpos varia segundo a sua velocidade, que a transmutação dos elementos chimicos é possível, que todos os corpos são compostos de particulas elementares idênticas, tanto elle como os seus collegas teriam protestado, porque tudo isto era contrario ao que elles chamavam "leis da natureza".

Podemos approvar Babinet quando afirma que não podemos admittir nada que seja contrario á experiencia; mas quando accrescenta que a experiencia nos deve fazer distinguir o possível do impossível, engana-se: a experiencia não nos pôde instruir acerca do possível, mas sómente acerca do mal e até unicamente acerca

do mal sensivel; apezar disso Babinet era um physico de valor. "O possível — dizia elle — é o que é; o impossível é o que está em contradicção com o que é, isto é, com os factos". E' um raciocínio pueril, porqjue suppõe que tenhamos observado todos os factos.

Charles Richet lembra tudo isto áquellea que pretendem fallar em nome desse apriorismo scientifico; e aos negadores da metapsychica responde assim: "Existem na natureza phenomenos que não se podem reproduzir quando se quer, como os eclipses. Devemos, pois, por isso, negar a sua existencia? E poderemos negar os aerolithos pelo facto de não podermos fazer cahir um delles a uma dada hora sobre a praça da Concordia? O absurdo consistiria, não em estudar alguns factos insolitos, mas em não os querer estudar pelo facto de serem anormaes."

E Richt accrescenta, muito acertadamente

E Richet accrescenta, muito acertadamente insolito e que é critério errado negar antecipadamente certas possibilidades por motivo de ellas embaterem pouco ou muito de encontro aos nossos hábitos mentaes.

A attitude de Richet é muito mais scientifica do que a do physico inglês Lord Kelvin que affirmara dogmaticamente repellar as miseráveis superstições do Magnetismo animal das mesas falantes, do espiritismo, do mesmerismo, etc.

Todos nós sabemos que as descobertas mais simples foram sempre negadas "a priori" sob pretexto de estarem em contradicção com a sciencia. A anesthesia cirurgica foi negada por Magendie. A acção dos microbios foi contestada durante cem annos pelos académicos de todas as academias. Galileu foi encarcerado por haver dito que a Terra girava. Bouilland declarou que o telephone não passava de ventriloquia, etc. Quando os homens de sciencia, accrescenta Richet, declaram que um phenomeno é impossível, confundem geralmente o que é contradictorio com a sciencia, com o que é novo na sciencia. Nunca se deve dizer á sciencia: não irás além deste limite. O que não conhecemos parece-nos inverosímil, mas muitas cousas que são hoje inverosímeis serão amanhã verdades elementares.



Luiz XIV e os seus ministros teriam mandado para o manicômio quem lhes houvesse dito: "Pôde ouvir-se em Roma a voz de um individuo que fala em Pariz"; ou: "Pôdem ver-se os ossos de uma pessoa viva atravez das carn^"; ou: "Pôdem collocar-se numa garrafa os germens de uma doença e cultural-os num armario"; ou: "Pôdem transportar-se quinhentos canhões pelo ar com a velocidade de 300 kilometros por hora". Taes affirmações teriam parecido a Luiz XIV muito mais inacessíveis do que estas outras: "Certas pessoas teem a faculdade de deslocar objectos sem contacto" (telecynesia); ou: "Certas pessoas teem a faculdade de produzir formações visiveis e fugazes que emanam do seu corpo e assumem a forma de rostos ou de membros humanos" (ectoplasma); ou ainda: "Algumas pessoas teem a faculdade de penetrar os pensamentos e de ver objectos occultos, diversa das faculdades sensoriaes normaes" (cryptesthesia).

Ora, a cryptesthesia ou lucidez o ectoplasma ou materialização, a telecynesia ou levitação, são precisamente as tres ordens de phenomenos que o professor Richet deseja sejam incluídos entre os phenomenos scientificos. Segundo elle estes phenomenos constituem a metapsychica.

Taes phenomenos metapsychicos, quando se houver demonstrado rigorosamente a sua existencia, poderão augmentar o campo dos phenomenos physicos, sem se acharem em contradicção com estes. A contradicção deixaria de existir desde o momento em que se encontrasse o mecanismo, a força, a vibração capazes de explicar a cryptesthesia, a telecynesia, e ectoplasma.

Entramos no campo do absurdo, ou pelo menos no campo contrários á sciencia quando admittimos certas explicações certas theorias que devemos afastar em nome da sciencia; não quando admittimos os factos: "se elles estão provados".

Sejam quaes forem as conclusões a que chegarmos, devemos ser gratos a Richet por haver dado á nova sciencia não apenas o seu nome, como também alguns

dos princípios sobre os quaes ella deverá necessariamente apoiar-se.

Alter Ego.

("Jornal do Commercio", Rio).

RESTRICÇÕES A UMA DOCTRINA

Nas formas do pensamento ou substancias intimas do ser, deparam-se phenomenos que tomam um caracter tão estranho, que dir-se-ia, não virem da mesma massa luminosa, mas de algum centro perdido na alluvião que abrange toda uma zona de effeitos desconhecidos.

Decorre esse facto da impossibilidade em que nos achamos de averiguar que especie de forma é a que assignala ou distingue o phenomeno. No arbitrio manifesto do gráu em que nos achamos, licito não é formular uma só proposição que não a proveniente da nossa incompetência: qualquer reducção a uma formula synthetica, será de todo impossivel. Impossivel também é reconhecer o modo como sua substancia opera, se a sua natureza excede a nossa capacidade intellectual. Tudo é relativo. Não podendo ver bem, não podemos, também, descrever, a contento da nossa curiosidade e sede de saber.

Um espirito, por mais desenvolvido que seja, não pôde abranger a totalidade de phenomenos produzidos em uma esphera, onde nos é vedado penetrar. Com Emanuel Swedenborg verificou-se, exactamente, o que acabamos de affirmar. Foi, de facto, um vidente extraordinário. A sua ancianidade, porém, de ver tudo, levou-o a confusões lamentaveis, confusões oriundas, precisamente de quem abrangeu toda uma vasta extensão da vida, naturalmente interdita aos surtos mais arrojados.

Uma vez transposto o limite traçado pela nossa própria contingência, embora o caracter elevado da sua missão o autorizasse a ir um pouco mais longe do que outros, menos dotados de qualidades mediuñicas, o esforço feito para ultrapassar as raias do mundo que habitamos, acarreta perigos que redundam em descrédito para a doutrina que defendemos e propagamos.

Swedenborg quiz ir alem do que lhe permittia o seu estado. Tal tentativa, se-



não abuso, diminuiu o valor da sua obra e desfalcou-a do prestígio de que devia cercar-se, sendo elle, como era, um missionário, na mais alta expressão da palavra. Não negamos, nem de longe, o seu grande valor, mas queremos tão somente mostrar a que consequências podem chegar as audacias do gênio.

A sua grande imaginação e o seu estupendo saber crearam uma quasi incompatibilidade entre elles e a sua assombrosa mediumnidade. De' modo que, sabendo tudo que é possível saber um homem; dotado de uma faculdade inventiva das mais raras, deixou-as voar, supprindo, algumas vezes, com ellas, a vidência.

As *Memoráveis*, que elle julgava fóra de qualquer ataque, foram, em grande parte, meros productos da sua phantasia exaltada. lia, ali, verdades, sem duvida, mas ha, também, extravagancias e inverosimilhanças, sendo que, estas, talvez, em maior numero.

Uma vez excedido o limite da nossa competencia, os perigos são muitos; as zonas espirituas, visivelmente perturbadas por innumerables correntes, cream verdadeiros dédalos inexplicáveis, nos quaes o viajor, por mais experimentado, se perde.

Perdendo-se, está sujeito a innumerables recontros com o desconhecido; descortina-se planos irreaes; as formas singularizam-se; as nuances perdem seu caracter limitado e avultam em numero e em variedade.

Ao fim de certo tempo, desvendam-se quadros, sem o cunho de authenticidade, proprio dos phenomenos examinados com attenção. Falta, portanto, a vidência, a base para uma coordenação precisa e segura; falta-lhe até o critério para discernir entre o que é phantastico e o que é real.

Não ha recuar mais; accentuar-se-hão as mystificações; augmentará o numero dos obsessores, e, com elles, a credulidade do vidente, agora, presa de seus caprichos.

Cada observação deixará de ser um processo lógico e util á elucidação da verdade, para se transformar em um acto arbitrario, prejudicial, portanto, á orientação philosophica. Assente nelle, uma

vez, a ordem geral, de onde esperamos tirar o critério para investigações mais profundas e complexas, a nossa capacidade de crear ou de ver desaparece para dar logar a cousas sem nexo. Foi o que aconteceu ao grande gênio que assombrou o mundo, a principio, com as suas descobertas scientificas, depois, com as suas revelações. Uma vez, porém, passada a primeira impressão, esqueceram o muito que havia feito pela sciencias para só se lembrarem do que havia descrito, sem a idoneidade precisa.

A cada passo, tim quadro que não representa a realidade; scenas inverosímeis, confusões lamentaveis. Eis um aspecto da grande doutrina, em cujo contexto irradiam tão preciosos thesouros de erudição e argúcia.

Seu cerebro, no pandemion das formas suspeitas, atravancando um mundo que não era ainda seu, não podia ter a acuidade e a calma necessarias a pesquisas tão importantes e difficeis.

Eram, portanto, os quadros descriptos por Swedenborg, em grande parte, mais ficticias que reaes; não faltava quem as exhibisse, sem cuidado na realidade, com o único fim de lhe perturbar a razão guiando-o mal por um caminho de aventuras e desconnexas. São muito communis estas cousas no mundo espirital. Infiltra-se o mal por toda a parte, mesmo naquelles logares que, dir-se-hia, lhe serem vedados. Deve ser, pois, demorada a observação, para que se não trunque o aspecto formal do quadro, a que o verdadeiro empresta as louçanias das suas côres e os relevos da sua capacidade de crear sempre, de ser sempre uma unidade tocada pelo pincel de uma rica imaginação.

Nos momentos em que o seu espirito se desprendia do corpo, ia a toda a parte, curioso de penetrar os arcanos de um mundo, para elle inteiramente desconhecido. Nesses momentos de quasi completa emancipação, seu espirito, como de qualquer outro, tornava-se passivel de impressões de toda a especie; era envolvido, mesmo, por uma onda extranha de occurencias que, se não fóra a precariedade do seu estado, seriam mais criteriosamente estudadas.

Não o lograra, emtanto.



Dahi as lacunas e os defeitos da sua doutrina tão cheia, aliás, de bellezas e verdades. O facto com elle occorrido, ao annunciar-se-lhe a missão, era de molde a firmar na convicção de que não podia ser de modo algum enganada. Tal persuasão o levou a erros e deslises de certa gravidade. Todo homem que se entrega ao estudo do mundo espiritual, não deve fiar-se no que lhe é mostrado. Tem de ser precavido, desconfiado, escrupuloso. O mal está em toda a parte a procurar meios de enganar e prejudicar os homens.

Uma vez postas á luz certas verdades fundamentaes, não será fácil cahir em erro ou peccado.

Infringimos, em grande parte, as leis de Deus pela nossa ignorancia absoluta do que occorre depois de deixarmos este mundo.

Se soubéssemos o porque dos nossos soffrimentos; se nos fôra licito saber o motivo da nossa situação na terra; quaes os incidentes que determinaram o nosso retorno a um planeta de onde já havíamos sahido, em condições tão precarias, certo procuraríamos todos os meios de evitar os desgostos e tormentos que, por nossos própria culpa, nos são impostos.

A vida não é somente a que conhecemos; mas outra, senão outras, que havemos forçosamente de atravessar, em virtude do nosso estado, da nossa deficiência moral, da nossa impossibilidade de nos adaptarmos a condições que nos preparam um advento mais adequado ao nosso progresso, depois do transe final. Ora, que resultará de tantos erros e vicios, senão um estado que não pôde ser agradável? Se a vida continúa; se ha um Deus que acompanha todas as nossas acções; se o mundo espiritual é uma verdade, como admittir possam o justo e o máu ir para o mesmo logar? E esta é uma condição geral do organismo.

Quando affirmo haver um ente supremo que segue com carinho e solicitude os diversos lances da nossa evolução, ipso facto, considero haver também uma sanctão que nos differencie no amalgama de erros e actos de benemerencia que formam o arcabouço da nossa existência. Nesse conjunto antithetico de organizações, em preparo, para novas experiencias.

reside a ordem estabelecida por Deus, ordem que nos guia para o castigo e para a recompensa. Não vem delle a punição; vem de nós mesmos. E* uma condição do organismo o tornar a ser o que foi. As substancias que operam como verdadeiros freios á nossa conducta, ou estímulos á nossa servidão, ou a nossa liberdade, se puras não são, têm de perder o que encerram de contrario á sua natureza fundamental, para poderem encaminhar-nos aos nossos destinos.

Como conseguil-o senão pelo soffrimento? O meio é um só. Para substancias inveteradas no mal, só ha uma raspagem: a dôr. Não ha outro remédio, outro processo, outra lei. A mais insignificante parcella de matéria impura em um órgão qualquer, transforma-o por completo. Desfaz a harmonia geral que nos aproxima de outras esferas; crêa-nos situações difficeis destruindo tecidos que se não recompõem senão com muito soffrimento.

Eis porque no dédalo de conjecturai em que se debateu o grande espirito de Emmanuel Swedenborg, não lhe occorrera o facto, aliás, tão simples, de que o mundo espiritual não é differente do nosso, senão nas qualidades substanciaes que o compõem. Affirmo mesmo: um espirito vê o seu mundo, como nós vemos o nosso. Tudo que o cerca é feito da mesma pedra, da mesma madeira, do mesmo material, em summa, que as casas que habitamos.

Portanto, diante disto e de outras razões que aventaremos, ver-se-ha não haver motivo para acceitar muitos dos *Memoráveis* da sua obra: *Delicias do amor conjugal*.

Luis Murat.

("Jornal do Brasil", Rio).

O POETA NEGRO

Cruz e Souza foi um allucinado. Toda a sua poesia se faz por allucinações, transmutações intimas criando allegorias, provocando imagens, suggerindo similes. Em Cruz e Souza ellas se fazem automaticamente, subconscientes na sua elalwração, reflexas em sua expressão. Nada se mede

ali, nada se brune ou doira; irrompem já
brunidas e doiradas suas concepções. Era-
quanto noutros as metaphoras se alindam e
compõem nelle surgem de ímpeto, desgren-
hadas como espavoridas. Brotam do ins-
tincto feito de allucinações involuntárias e
insubmissas. Seu pensamento não se doma,
nem se apura; investe para a expressão
e nella encarna-se como pôde. E' um de-
sageitamento selvagem, turbilhonante, com
adjectivos de enxurrada, uns a luctar com
os outros, sem que se saiba qual o me-
lhor. A phrase, molde meio rígido, se con-
torce ou deforma com os repellões da idéa
desconforme ou excessiva. Dá-nos a im-
pressão de uma guinola illuminadá por
poderosos fôcos electricos multicorr».

Feita de allucinações, essa poesia pou-
ca cerebração contém. Nenhum raciocinio
nessa sequencia de visões. Os versos li-
gam-se pelos quadros, pela consemelhan-
ça dos aspectos, jámais por syllogismos
ou deducções. Não existe indução sequer;
ha photogravuras encadeadas, series pa-
noramicas com luz demais e ás vezes som-
bras carregadissimas. Veja-se, por exem-
plo, o *Caminho da Gloria*, nos *Ultimas*
Sonetos:

Este caminho é cor de rosa e é de ouro,
Estranhos roseiraeas nelle florescem
Folhas augustas, nobres, reverdecem,
De acantho, myrto e sempiterno louro.

Neste caminho «ncontra-se o thesouro
Pelo qual tantas almas estremeceem;
E' por aqui que tantas almas descem
Ao divino e fremente sorvedouro.

E' por aqui que passam meditando,
Que cruzam, descem, trêmulos, sonhan-
[do,

Neste celeste, límpido caminho.

Os seres virginaes que vêm da Terra,
Ensanguentados da tremenda guerra,
Embebedados do sinistro vinho!

Esse *sinistro vinho* embebedava de cer-
to o poeta negro.

E' o mesmo *celeste vinho da tus* que,
em *Coração confiante*, alvoroça o estranho
vate.

O coração que sente vae sozinho,
Arrebatado, sem pavor, sem medo. ..

Leva dentro de si raro segredo
Que lhe serve de guia no Caminho.

Da luz, os bosques acordando cedo,
Vae no alvoroço, no celeste vinho
Quando de cada tremulo arvoredor
Parte o sonoro e matinal carinho.

E o Coração vae nobre e vae confiante.
Festivo como a flammula radiante
Agitada bizarra pelos ventos...

Vae palpitando, ardente, emocinado,
O velho Coração, arrebatado,
Preso por louros arrebatamentos.

Isto é, por suas allucinações. Elias
criam-lhe um mundo para nós, mentiro-
so, para o poeta, real. Para elle o mun-
do objectivo é que não tem realidade,
porque *não sonha*. Em Cruz e Souza
o mundo é um labyrintho aéreo. Vivemos
positivamente no espaço entre lemures e
trasgos, anjos e devas, numa disparada
desensoffrida:

Quando dos carnavaes da raça humana
E as attitudes mais funambulescas
Forém caindo as mascaras grotescas
Se desfizerem no feroz Nirvana,

Quando tudo ruir na febre insana,
Nas vertigens bizarras pittorescas,
De um mundo de emoções carnavalescas.
Que ri da Fé profunda e soberana.

Vendo passar a lugubre, funcreea
Galeria sinistra da Miséria
Com as mascaras do rosto descoladas,

Tu que és o deus, o deus invulnerável,
Resiste a tudo e fica formidável
No silencio das noites estrelladas!

E' uma visão poderosa, uma allucina-
ção profundamente emotiva, mas sem si-
gnificação immediata. Por isso o pensa-
mento-causa da allucinação fica tão so-
mente implicito, vago naquelle tremendo
imperativo, onde o dever de resistência
moral se enuncia com desmedido vigor.
Mas sempre, em tudo, ha um pensamen-
to-causa, uma idéa defloradora da alluc-
inação e nella vivaz.

Pensamento é mal dito. No poeta-negro
o motor é o *sentimento* e seu sentimento
pôde circumscrever-se nas tres virtudes

tbcologaes. Tudo nelle era fé, esperança e caridade sob aspectos nsvos, ou antes, ideaes.

Eu creioj mas a sua crença não se mar-morizava num deus-vivo, em seres cor-poreos ou pseudoespiritos. Cria apenas no Destino, maior que as divindades e que divindade, porque o destino é a Exis-tência mesma c sua Lei. Cruz e Souza sentia essa lei c aifirmava-a heroicamen-te, via a finalidade do universo e adivi-nhava um dever de aperfeiçoamento neces-sário. Sua fé se resume numa vontade do melhor inencontravel na terra, numa certeza de evolução cósmica favorável ao bem, concentrada neste maravilhoso decasyllabo:

Ascender para a Luz: é ser celeste.

Confiava na força, na justiça, numa superhumanidade terrena ou extra-ter-rena e fazia disso um grande sonho, a razão de ser da Vida. Vêde-o invocando a luz da natureza:

Luz que eu adoro, grande luz que eu
[amo
Movimento vital da Natureza,
Ensina-me os segredos da lielleza
E de todas as vozes por quem chamo.

Mostra-me a Raça, o peregrino Ramo
Dos Fortes e dos Justos da Grandeza,
Illumina e suavisa esta rudeza
Da vida humana onde combato e clamo.

Desta minha alma a solidão de prantos
Cerca com os teus leões de brava crença,
Defende com os teus gládios sacrosantos.

Dá-me enlevos, deslumbra-me da immen-
[sa
Porta espheral, dos constellados mantos
Onde a Fé do meu Sonho se condensa.

Crê na unidade vital, na communhão da *Anima Muii* com as almas peregrinas e por isso amplifica a sua acção irmã-nando-a com os nossos actos:

Um ser na placidez da Euz habita,
Entre os mysterios ineffaveis mora,
Sente florir nas lagrimas que chora
A alma serena, celestial, bemdita.

Um ser pertence á musica infinita
Das Espheras, pertence á luz sonora

Das estrellas do Azul e hora por hora
Na Natureza virginal palpita.

Um ser desdenha das fataes poeiras,
Dos miseráveis ouropéis mundanos
E de todas as frivolas cegueiras...

Elie passa, atravessa entre os humanos
Como a vida das vidas forasteiras
Fecundadas nos proprios desenganos.

Elie mesmo define sua Fé neste admi-rave! soneto:

Abre os olhos á Vida e fica mudo!
Oh! basta crer indefinidamente
Para ficar illuminado tudo
De uma luz immortal e transcendente,

Crer é sentir, como secreto escudo,
A alma risonha, lúcida, evidente...
E abandonar o sujo deus cornudo,
O satyro da carne impenitente.

Abandonar os languidos rugidos,
O infinito gemido dos gemidos
Que vae no lodo a carne chafurdando.

Erguer os olhos, levantar os braços
Para o eterno silencio dos Espaços
E no silencio emmudecer olhando.

Sua crença era Contemplação, crença das almas puras c eleitas da lielleza, que delia precisam para *andar gemendo*.

Eu espero; mas em Cruz e Souza espe-rar era *aspirar*. Não era querer a *vinda* redemptora; era *ir* para a redempção cer-ta do Destino. A dór maior ou única em seus versos é a demora, a dificuldade desse vôo, o peso das azas, o corporeo da nossa condição, o material da nossa animalidade.. Soffremos por sermos al-gemados:

Abi Toda alma num cárcere anda presa
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço, olhando immensidades,
Mares, estrellas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma egual grandeza
Quando a alma, entre grilhões, as li-
[berdades

Sonha e, sonhando, as immortalidades
Rasga no etherco Espaço da Pureza.

Por isso quer ser livre, livre da *maté-ria escrava* e procura um Chaveiro do Céu

que lhe possa abrir as portas do Myste-
rio. Assim fala em *Aspiração Suprema*:

Como os cegos e os nús, pede um abrigo
A Alma que vive a tiritar de fio,
Lembra um arbusto frágil e sombrio
Que necessita do bom sol amigo.

Tem ais de dor de tremulo mendigo
Oscilante, somnambulo, erradio,
E' como um tenue, crystallino fio
De estrellas, como ethereo e louro trigo.

E a alma aspira o celestial orvalho.
Aspira o ceu, o limpido agazalho.
Sonha, deseja e aneia a luz do Oriente.

Tudo e" a inflamma de um estranho beijo
E este Anceio, este Sonho, este Desejo
Enche as Esphas soluçadamente.

Eu *amo*; mas em Cruz e Souza esse
amor tem os predicados do *Eros* grego
em sua significação symbolica. Não era
o Cupido alado. E' um complemento da
sua esperança, da sua aspiração. Enquanto
sua aspiração quer dizer communhão com
as coisas, seu amor é communhão com os
sêres, com as almas, na Eternidade:

Se ten9 sêde de Paz e de Esperança,
Se estás cego de Dôr e de Peccado,
Valha-te o Amor; o grande abandonado,
Sacia a sêde com amor, descansa.

Ahl volta-te a esta zona fresca e mansa
Do Amor e ficarás desafogado,

Revive nas estrellas do Infinito
O coração que é puro e que é contri-
[cto

Se sabe ter doçura e ter dolência
Revive, sim, fica immortal, na essencia
Dos anjos paira, não desprende um grito
E fica, como os Anjos, na Existência.

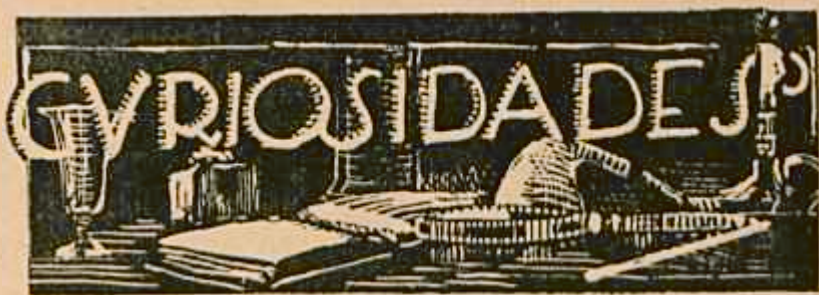
Eue mesmo denominou esse amor a
Grande Sêdel Para abreviar-se de amor
elle abre as azas para abrigar a todos os
desconsolados, porque sua alma tem o vi-
nho e as graças do conforto. Em toda a
sua poesia perpassa a nota caridosa, mas
sempre como exaltação, como irmanação
de sêres, como enleamento de almas na
perigração evolutiva.

Cruz e Souza é assim um precursor
o grande precursor não de symbolismos e
decadentismos, mas de uma vasta poesia
pantheista, onde o homem se integra no
universo aspirando sempre á mais per-
feita integração. O seu gênio, inatingivel
aos mediocres, abriu *portas de ouro* ain-
da, infelizmente indesvendadas pela mul-
tidão dos pieguistas e sentimentalistas da
nossa revicante sementeira poética. Mas,
aqui e ali, vão surgindo olhos que entre-
vêm os penetraes sagrados. E' a sua
maior consagração.

José Otíicica.

("Correio da Manhã").





REFLEXÕES

(Frases de um livro inédito)

l'uru meu neto Carlos Luiz

I

A vida social è um adiniravel equi-
líbrio de maldades reciprocas.

II

A sociedade julga os homens de uni
modo e trata-os de outro.

III

Na vida publica como na vida par-
ticular, mais facilmente que o talen-
to, vence a intelllgeiicla, por sobrar,
cm regra, a esta o que falta áquellc
— o tacto.

IV

O homem deve procurar descobrir
em si o predicado com que pôde ser
util á sociedade.

V

Os grandes lion>eiis sSo para ser
vistos de longe.

VI

A maior infelicidade dos homens de
talento t não poder subtrahir-se ao
julgumento dos tolos.

VII

E' muito maior do que ** pensa <r
numero <los vivos que invejam os
mortos.

VIII

O homem tem Inimigos nfio só por
suas más como por suas bias qua-
lidades.

IX

Carece o homem de ininterrupto es-
forço para poder reduzir ao mínimo
os defeitos moraes que a idade e ci-
trato da vida lhe vño trazendo ao-
caracter.

X

Muitas vezes s3o as qualidades su-
periores do individuo que o inferiori-
zam lio seu meio social.

XI

Ila virtudes cujo principal senão-
único effeito é o de serem prejudl-
clues áquelles que as possuem.

XII

NSo ha grande homem sem grande
assumpto.

XIII

São como os homens as nações: tan-
to mais fortes quanto mais queridos.

XIV

Nada mais lisonjêa o orgulho do homem do que a ruína e a quêda de outro homem.

XV

Ha indivíduos que quanto mais alto sobem tanto mais baixo descem.

XVI

Deve custar o homem a si [i]roprio o menos que fôr possível.

XVII

Tanto mais independente é o indivíduo, quanto de menos pessoas carece para o seu serviço.

XVIII

Homem que tudo perdôa é homem que nada sente.

XIX

Não vi defeito moral na muher que não tivesse encontrado antes no homem.

XX

A felicidade é o justo equilíbrio entre as aspirações e as possibilidades pessoas.

XXI

E' uma verdadeira sciencia saber cada um viver a sua idade.

XXII

A conservação do bom nome é tão difficil quanto a sua ncquisição.

XXIII

A superioridade de certos indivíduos assenta muitas vezes na inferioridade do meio em que elles vivem.

XXIV

Os homens estilo sempre de mal, desde que seus interesses collideni.

XXV

O homem vale mais pelo mal que, pôde causar do que pelo bem que pôde fazer.

XXVI

Viver muitos annos é morrer muitas vezes.

XXVII

A velhice é a idade dolorosa em que geralmente so encontra o esquecimento em logar da gratidão.

XXVIII

Para o velho tudo é demais.

XXIX

As creanças são os únicos seres que restam ao amor desprezado dos velhos. (Reminiscência de C. Castello Branco).

XXX

O homem envelhece de dois modos: pela velhice própria e p-la do meio em que vive.

XXXI

Procura vêr sem ser visto como te tratam na ausência e terás visto como te tratarão depois da morte.

XXXII

Em regra a saudade dos filhos pelos paes fallocidos dura apenas o tempo necessário para enxugar uma lagrima.

XXXIII

E' benemcrto o homem que dá aos velhos o prazer de um sorriso.

XXXIV

A velhice cobre de um véu de tristeza tudo quanto foi alegria na mocidade.



XXXV

A idade e os desgostos preparam o homem para a morte, afastando-o cada vez mais da sociedade e da vida.

XXXVI

E' cada vez maior a divida dos vivos para com os mortos.

XXXVII

A justiça pura com os mortos é o dever supremo dos vivos.

XXXVIII

A alma humana precisa de ser maltratada e malferida pela dôr para poder revelar as grandes bellezas e as grandes harmonias que vivem recônditas em seu seio.

XXXIX

A mais fraca das memorias é a memoria da gratidão.

XL

Valer por si ou renunciar a fazer valer-so. (Synthese de um dos "caracteres" de La Bruyère).

XLI

Ter amigos sinceros é como ter idéas próprias: quando se tem alguns já se tem muitos.

XLII

Nas criaturas precocemente corrompidas, ha sempre um resíduo de ingenuidade.

XIII

Ha certas qualidades sociaes que outra coisa não são que defeitos pessoais.

XLVI

Um dos mais funestos erros do homem é revelar sua fraqueza aos outros homens.

XLV

Torna-se cainpo de experiencia de todas as maldades alheias aquelle que se fez o conceito de "criatura inoffensiva".

XLVI

As dôres moraes são como as chagas vivas: não se mostram senão a quem as pôde curar.

XLVII

Para subir muito em politica é preciso, ás vezes, descer proporcionalmente no caracter.

XLVIII

Em politica só não cac o homem que nunca esteve em pé.

XLIX

Creio que a politica é a profissão em que pôde ser formado o mais repugnante typo de homem publico.

L

Por maior que seja o erro, ha sempre alguém para applaudi-lo: aquelle a quem elle aproveita.

LI

Ha Individuos que sómente com a quêda dos outros é que conseguem erguer-se.

LII

Os invejosos não se limitam a invejar os vivos, invejam os mortos.

LIII

Pessoas ha que teem a especialidade de vêr todas as coisas por outro lado.

LIV

O trabalho methodizado e são é a melhor das medicinas para os incommodos uiorucs.



LV

Matas vezes estádios a fortalecer
ura inimigo no falso supposto cie be-
neficiar um amigo.

LVI

O homem sem espirito, que pro-
cura fazer rir á custa de outrem, só
consegue fazer rir á custa própria.

LVII

A única e verdadeira providencia
consiste em impossibilitar desde lo-
go a occorrença do facto que se te-
me.

LVIII

Os máus se tornam bons quando
applicam a maldade contra os ináus.

LIX

A eloquencia é algumas vezes o ta-
lento do detalhe.

LX

Envelhecem depressa os livros.

Esmeraldino Bandeira.

("Gazeta de Noticias", Rio).

O VENENO DA BELLEZA

Dizem que a moça a quem os suf-
fragios da esthetica elegeram a
mais belia do Brasil, anda triste.

Os seus olhos não disfarçam a
emoção de uma longa tristeza.

Choram, silenciosamente, o premio
que lhe deu a fortuna, escondendo,
tom prudência, a niagua que lhe
trouxe o destino...

Por mais estranho que se affigure
o paradoxo, é elle uma simples e
terrível verdade. E, no entanto, pa-
rece, á primeira vista, que o não de-
veria ser.

A formosura foi sempre um mo-
tivo de vaidade, e qual é a formosa
que, instinctivamente, não é feliz?

Um dos luminosos encyclopedistas

do século XVI, dado aos estudos des-
sa curiosa sciencia que é o Eterno
Feminino, conta-nos, até com uma
graça clássica e ao mesmo tempo ir-
reverente, a historia de uma corteza
que descendia fatalmente de Helena,
porque em seu louvor, affirmava elle,
bera se poderia accender uma nova
guerra de Troia.

Essa creatura excepcional sobre
quem recai, como uma chuva de
ouro, a deslumbrada admiração do
ayoenço illustre, vivia, segundo a
chronica antiga, que lhe dá fe, uma
vida amarga. Todas as cousas más
lhe succediam; mas, para vingar-se
das cousas más, para fugir ao tempo
inexorável, era bastante que apellas-
se para o lago que lhe reflectia o
semblante. Ixigo tudo se transforma-
va. A vida parecia-lhe feliz. O
que, ainda ha pouco, lhe consumia o
pensamento, era agora, deante do es-
pelho levemente impassível, um mo-
tivo de infinita ternura.

Com essa heroína construiu elle a
definição de que todas as cousas nos
parecem bellas, vistas pela nossa be-
leza intima.

Por isso mesmo t que deve causar
uma certa duvida a noticia de que
a formosura santista, eleita ao ultimo
concurso para o altíssimo cargo
em que a acabam de empossar os
julgadores do certamen, tenha posto
no seu luminoso sorriso uma scente-
lha de pessimismo, lindo mal que
não parece ser commum ás mulhe-
res...

* * *

Confesso que me causou uma cer-
ta emoção a noticia dessa tristeza.

Eu não sou muito lido em psychologia.
Tenho, porém, dessa difficillissima
sciencia alguma cousa mais do
que a intelligencia dos instinctos.

Perdi-me varias vezes na leitura
de alguns cavalheiros que dão ila-
ções a tanto por volume, de fôrma
que, das poucas cousas que me dis-
seram, alguma cousa me ficou. Já
se vê que não desejo fallar do Sr.
Paulo Mantega/za, um italiano as-
tuto, que nesse assumpto, como em
retrato, bem pôde ser confundido



com o presidente Manoel de Arriaga, que Portugal conserve por longos annos, nem tampouco do Sr. Paulo ISourget, que o modernismo <le Antonio Ferro classificou de medico de aldeia com consultorio de psychologia em Paris.

Outra gente me seduziu. E vim a saber por outra gente, entre ella o citadissimo Urantôme, que as mulheres costumam ter a belleza como virtude, isto é, conservam-na até quando não é mais poigível conser-val-a.

Não estou, porém, aqui, a discutir tliesses perigosas. Por isso mesmo retomo o fio deste discurso, desviado por umas tantas considerações que me parecem opportunas, para fixar a attenção llo caso da paulistana gloriosa.

Teriam aceitado os Julgadores concedendo-lhe o premio?

Parece-me que sim.

Não a conheço, mas o sua imagem reproduz alguma cousa da formosura que mais se approxlma da Idéa que todos fazemos de uma belleza nacional.

Os seus cabellos não são louros, não é ella uma loura. Essa côr, côr, mais que secundaria, c que os bons compêndios não registram, não poderia ser a cfr dos cabellos de uma authentica beldade brasileira. Isso não quer dizer que entre nós não existam bellissimas louras. Todavia, é uma côr que se presta a varias interpretações, e, sem que tenha contra ella nenhum motivo pessoal, confesso que se acha hoje fortemente desprestigiada pela competencia dos lavagens chimlcas.t.

Ademais, Moetna e Iracema possuíam prettissimos cabellos, que o romântico Alencar chegou ao pouco exagero de affirmar que eram mais do que os da graúna.

E', llo emtanto, o Jogo de suas feições, em que se adivinha uni leve traço de bondade nativa, que me leva a acreditar na veracidade do julgamento.

Por que, pois, a glorificada desde-nha a gloria, c entristece?

A formosura terá assim tantos precalços? E a belleza será a belleza uma cousa vã?

* * *

Para adivinhar-lhe o pensamento é que me atrevo a recordar lições dos meus mestres da vida. Para uquella que, ainda lia dias, era uma simples moça bonita de cidade progressista e é hoje, após concurso, uma reputação de belleza nacional, com direito a prêmios seductores e viagens invejáveis, deve ter sido uma surpresa agradabilissima a que alarmou a familia e a vislhança, fazendo desmaiar secretamente suas mais intimas amigas. Não só para cilas todas, como também para a cidade, tida até então como um simples porto movimentado, e nada mais, a não ser a elástica terra dos Andradas e o escudouro commercial de um Estado em progresso, cousa que, para a industria será uniu grande cousa, mas que para o estlietismo nada vale.

Santos avançou dessa fôrma, consideravelmente, e partee-me hoje. muito mais encantadora por ter sido berço da mais bella das minhas patricias, do que até antes, quando era apenas uni elemento de transitio entre a Europa longínqua e a Paulleá desvairadamente poética e poeticamente commercial dos meus amigos Mario de Andrade e Monteiro Lobato, respectivamente.

Antes do que pensava começo, porém, a ver que deve existir algum l'uiidunicnto lla duvida que assalta a imaginação da minha formosa patricia. Effectivamente cila tem razão. A formosura tem seus precalços. Nunca se é bellu impunemente. Desde a untiguidade classica, para não ir mais longe, as mulheres soffrem o veneno dos próprios encantos.

Cleópatra deve toda sua Infelicidade a toda sua formosura. Helena loi o motivo de uma cruenta guerra, que Paris nunca perdoará, embora os estrategistas modernos desejem negal-a, apoiados lla impossibilidade de existir um cavallo que operasse tantas vantagens.



Se não possuísse tantas graças, que reuniu no corpo e na alma, Lucrécia teria escapado ao punhal que a fez puríssima deante da secreta duvida de Tarquinio.

Para a nossa belleza coroada, todavia, os epibaraços são outros, outros mais illffrentes, porém, não menos graves. E ella bem que os adivinha. São os que veem de suas rivaes ein bellezza, irmãs em Vênus, offliacs do mesmo officio, que difficilmente comprchenderão seja a formosura tão modesta, que ao invés de ter culminado numa cidade de mais de milhão de habitantes, como esta querida e vaidosa S. Sebastião do Rio de Janeiro, tenha preferido o refugio commercial de um porto sem bahla de Guanabara e sem as apparencias, que são ás vezes direitos adquiridos.

Deixando, porém, á margem essas divagações, que parecem allusivas e irônicas, creio ter a premiada compreliendo que a idéa de belleza está hoje desassociada do conceito que a torna o fim de todas as cousas. Ella teria lido, talvez, que a vida "não reside sómente naquella sensação indeterminada do que, convencionalmente se chama belleza, e que o bello não é, senão, "um perpetuo equivoco entre os homens".

O seu raciocinio, neste momento, confundiria a obra do sapientisslmo Pascal e deitaria por terra o galanteio com que Sthendhal construiu a seductora illusão da belleza — promessa da felicidade.

Que todas as formosas me perdoem estas linhas.

Eu, de mim, estou com a premiada, e acredito nos inconvenientes da belleza.

Ella tem um veneno.

Matam-se com elle todas aquellas que a não possuem...

Oswaldo Orico.

("Jornal do Ipiranga", Rio).

A LIMPEZA DOS DENTES

Quem, até agora, não recomniendou a limpeza dos dentes? Basta dizer que, durante a grlppc "liespa-

nhola", os japonezes faziam sua prophylaxia, distribuindo ao publico unia gravura representando uma moça com uma 'escova, llo acto de limpar os dentes. Por baixo, estava escripto: "Em boca limpa não entra a doença". Era a maneira que se aconselhava para preservar-se contra a terrível epidemia. Ao lado desse sybolismo japonês, entre dentes limpos e saúde, ha a crença geral de todos os povos civilizados, e este dogma americano: "L'm dente limpo não se caria".

E por que o sujo caria? Por que os alimentos doces e amylados (os assucares em geral; glycose, fructose, saccarose, lactose, dextrina e as farinhas brancas), adherindo aos dentes, formam uma pellicula á sua superficie. Neila ha bactérias e particulas de carbo-hydratos que, fermentando, produzem acido láctico. Este dissolve os saes de cálcio da superficie do dente. Rompe-lhe, assim llo envoltaria protectora. Abre a porta aos microbios. E estes vão atacar a matéria organlea do dente.

Com o tempo se fôrma unia cavidade. E' a carie.

Logo: Dente limpo não cria carie.

Ahl que lindo edificio vae desmoronar! Agora se descobriu que tudo isso está errado...

O que agora se sabe é que «dente sujo, como a língua suja, são indicio de uma perturbação geral do organismo. E quando o dente chega a cariar-se é signal de que o organismo inteiro se acha enfraquecido: falta nelle cálcio e phosphoro.

Sabe-se também qu* se pôde supprlr essa falta de diversos modos:

1.º — Com regimen alimentar apropriado (vitaminas, oleo de ligado de bacalhão, etc.);

2.º — Com meios medicamentosos (cálcio, phosphoro, etc.);

3.º — Com agentes physicos (luz solar, lampadas de quartzo de vapores niercurnles, arcs de ferrochromo, de cádmio, etc.).

Emflm, com regimen e tratamentos adequados, pôde-se obter esqueletos osseos perfeitos, á vontade, o



que não deixa de ser uma boa notícia para aqueles que se interessam pelo porvir da Raça.

Estes novos horizontes foram desvendados a 4 de Novembro ultimo, na reunião da Secção de Stomatologia da "American Medical Association", que se realizou em S. Luiz.

Howe ("Decalcification of Teeth and Bone, and Regeneration of Bone Through Uret") fez uma comunicação sensacional. Experiências feitas durante um anno, em animais, não apoiavam a theoria que "dente limpo não cria carie". O resultado de suas experiencias não confirma a hypothese dos danos, produzidos pela fermentação dos hydratos de carbono. O dente sujo pôde ser, até, uma necessidade da Natureza...

Essa comunicação não podia deixar de ser chocante, principalmente na terra dos grandes dentistas da moda. Devia ter sido mesmo muito escandalosa!

Mas Howe, estribado em seus trabalhos, affirmava:

— Ao animaes aos quaes administrei grandes quantidades de alimentos assucarados e farinha branca, não revelaram lesão dentaria alguma, depois de um anno. E' verdade que os assucarados e os amylaceos adheriam constantemente aos dentes, e que o exame microscopico revelou grande quantidade de bactérias, e a analyse demonstrou que havia fermentação. Mas nenhuma lesão dos dentes, nem ao menos um principio de carie foi possível encontrar!

E' preciso lembrar que o valor dos dentifricos e bochechos, destinados a manter a limpeza dos dentes e a destruir essa flora bacteriana, levantou sempre fortes discussões nos meios verdadeiramente scientificos. Que valor scientifico, comprovado, têm esses meios denominados de "hygiene da boca"! Reina uma grande incerteza a respeito disso.

O citado autor, o primeiro, ao que parece, a fazer experiencias sérias, vendo que ha grande ignorancia sobre o estudo dos dentes, apegou-se ao dos ossos, que são muito mais conhecidos. Com effeito, existe uma

perfeita analogia de estrutura, de composição chimica e de processos de calcificação entre os dentes e os ossos.

O conhecimento dos ossos, graças ao estudo do rachitismo, se acha muito adiantado. Ora, segundo Shipley, Mc. Collum, Simmonds, Nino, etc., está provado que "se pôde alterar experimentalmente a estrutura Interna do esqueleto dos animaes por meio dos agentes physicos". E o mesmo já se tem obtido no rachitismo humano. Em animaes têm se obtido, por experiencias, typos pseudo-rachiticos, devido á hyperprodução de substancias osteoides, com um regimen deficiente em cálcio. Com regimens apropriados, pôde-se errear gerações de animaes sem lesões carleiformes.

Por outro lado, os mesmos experimentadores provaram que se podem produzir lesões bucaes. Isto é, lesões dos dentes, pela pobreza de calcio e de phosphoro na alimentação.

* * *

A carie dentaria não é, pois, um phenomeno local. Já os dentistas observadores haviam classificado as caries em de "gente fraca" ou brancas; — e de "gente forte" ou escuras. Quer dizer que a observação diária tinha-os obrigado a verem certa relação entre o estado physico do Individuo e a lesão do seu dente. Já isso demonstrava, em linhas geraes, que a carie não era um phenomeno local o sim uma manifestação do estado geral do organismo. Os pathologos fizeram da carie dentaria uma tuberculose óssea. Esse caminho vae levar-nos á questão da tuberculose pulmonar em relação »m a desclassificação do organismo, que teria uma bella prova, indirecta nas experiencias que acabam de fazer os estomatologistas americanos.

Mas o nosso fim não foi trazer a publico uma questão delicada e complicada de pathologia geral. Foi o de mostrar o contraste de certas theorias medicas. Até aqui dava-se tamanha Importando á limpeza da boca, que unia escova de dentes chegava a ser o synbolo da boa



saúde. Hoje, se demonstra a sua perfeita inutilidade e se pergunta: "E os camponeses, que nunca conheceram uma escova de dentes?"

E' intuitivo que a boca de um organismo forte, munida de todos os seus meios de defesa natural, com todas as glandulas e aparelhos excretorios em perfeito estado, não precise de limpeza. Limpa-se automaticamente. E' o caso do camponez forte, que morre aos 90 annos com todos os dentes — dentes que não conheceram escova!

Nesses individuos, os dentifricios, as drogas e o attrito da escova só podem ser prejudiciaes — só podem lesar os tecidos e abrir a porta ás infecções: longe de defender, vão destruir, em parte, a defesa natural da boca. Mas... quantas bocas haverá nessas condições? Quantas bocas perfectas lia no mundo, entre os moradores de cidade?

Ahi é que está o "x"...

Nicolau Ciancio.

("Jornal do Brasil", Rio)



AS CARICATURAS DO MEZ

NO PAIZ AGRÍCOLA . . .



— Foi auginentado o sitio, hein ?

— Qual sitio ! Isso é modéstia. Desse tamanho já é fazenda.

[D. Quixote — Rio)

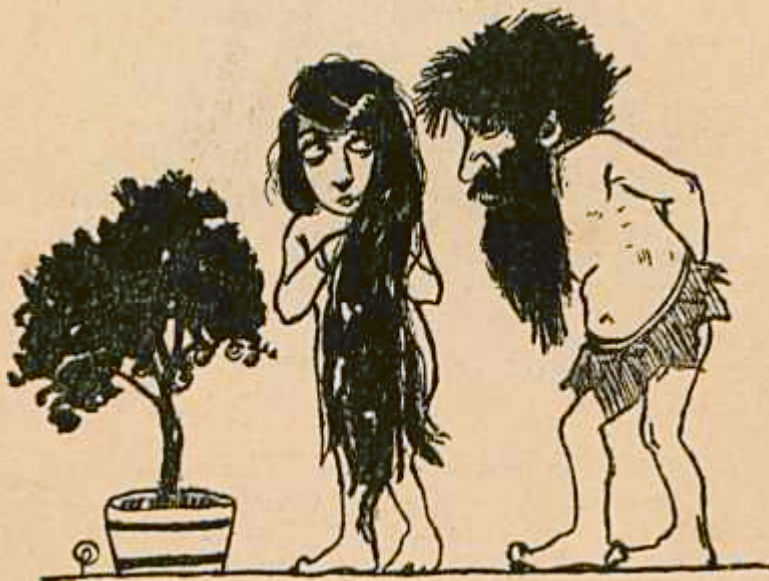
ESTYLO POUCA ROUPA.



Coronel -- E' exquisito ! O vestido vae baixando e chama-se a isto alta costura.

(D. Quixote — Rio)

A FRUTA CARA.



Adão — Que falta de sorte ! Se o preço da maçã fosse o ide hoje, talvez continuássemos no paraíso ...

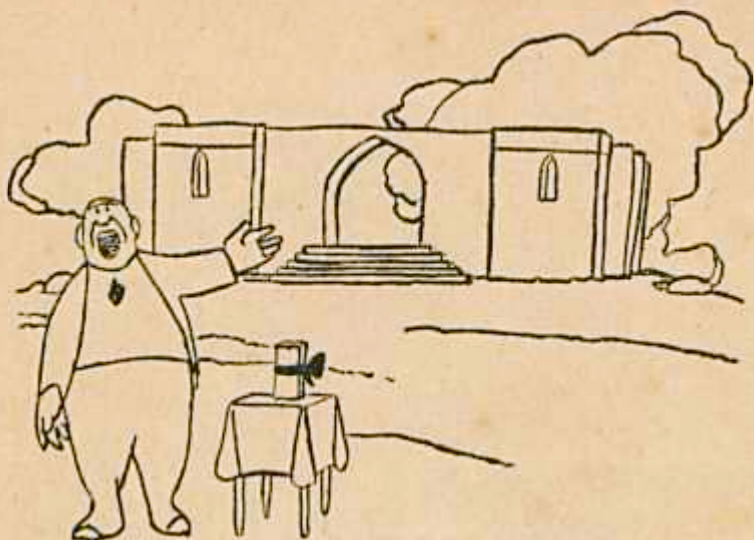
(D. Quixote — Rio)

DIA DE MUITO...



— Eta ironia! Hontí dia do trabaio; amanhã abirtura
do Congresso!

(*"D. Quixote" = Rio*)



— Meus senhores! Ternos a honra de participar que até o fim do anno que vem será collocado mais um tijolo na nossa futura Cathedral!..

<£>. Quixote — Rio)

ANNIVERSARIO OFFICIAL



Brasil — Afinal, ainda não descobriram quando fui descoberto ?J

(*'Jornal do Brasil'* — Rio)

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá**

**São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil. : : : :**

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accesorios para a lavoura.

**Correias - Óleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.**

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

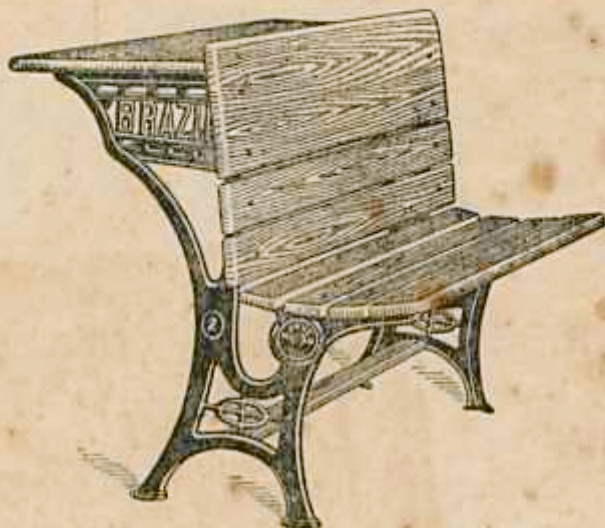
DIRIGIR-SE A'

Rua Florêncio de Abreu, 112 - S. Paulo

Olf. Graphie» Monteiro Lobato & Co. - Rua Gutmøei, 70 - S. Paulo.



Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para ||
uma e duas pessoas: Mesas e cadeirinhas para §§
Jardim de Infancia; Contador mechanico; Qqa- H
dros negros e outros artigos escolares. ||

Peçam catalogos e informações minuciosas á |§
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES j§
"EDUARDO WALLER" |

IE

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antônia do Lacerd I. 65 (Consolação) Cidade, 1216 j|
SÃO PAULO 4

Sº